FUNDADOR – JOAQUIM MANSO

SÁBADO, 21 DE FEVEREIRO DE 1959

ANO 39.º — NÚMERO 13 004

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155 | REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO | PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA | EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A | RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA | ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2. | NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

O papel dos partidos políticos segundo a Constituição francesa

por ALBERTO XAVIER

Pela primeira vez, na história do direito publico em França, a formação e a existência de partidos e grupos políticos e as suas livres actividades têm um esteio constitucional. É uma das mais inovações estabelecidas na Constituição vigente.

As circunstancias graves em que o general de Gaulle foi investido no Poder, em Junho de 1958, resultaram de uma manifesta insurreição militar e civil assinalada na Argélia em 13 de Maio, acontecimento que o Governo central de Paris se viu na impossibilidade de dominar sem provocar a calamidade de uma guerra entre Franceses. Os insurrectos haviam condenado o sistema político então em curso e reclamavam uma modificação profunda das instituições, que envolvesse o desaparecimento de partidos.

A personalidade que eles exigiram para assumir a governação e reali-

(Continua na página seguinte)

MacMillan chegou a Moscovo onde era aguardado por Kruchichev

MOSCOVO, 21 — O primeiro-ministro britanico, Harold MacMillan, chegou ao aeroporto de Vnukovo, nos arredores de Moscovo, onde a cerimónia da recepção teve um cunho essencialmente oficial. O avião chegou ao meio-dia (T. M. G.).

Quando MacMillan desceu as escadas do avião, um grupo de dirigentes soviéticos adiantou-se a apresentar-lhe os cumprimentos de boas-vindas, enquanto eram mantidos a distancia cerca de 400 delegados dos trabalhadores, intelectuais e cientistas que receberam convites especiais.

A guarda de honra era constituida por 200 delegados da guarnição de Moscovo.

(Continua na ultima página)

Nota do dia

Gato escondido...

Insistimos. O caso está longe de se encontrar esclarecido. Os peritos não chegaram ainda, ou pelo menos não tornaram publica por enquanto uma conclusão fundamentada e convincente. É possivel, é mesmo muito provável, que não haja qualquer mistério, como alguns pretendem, e que a explicação seja mais simples do que se supõe. As coisas simples são, por vezes, as mais difíceis de explicar. A sua chegada a Londres, o médico legista que veio a Portugal investigar, em nome da família, as causas da morte do casal inglês fez declarações de certo modo graves, que não podem passar em julgado sem que alguém com autoridade para o fazer as esclareça. Queixou-se da falta de cooperação das autoridades portuguesas e, mais grave do que isso, declarou que elas admitiam não terem podido efectuar todas as análises habituais. Esta afirmação envolve uma censura. Agora é tarde demais para voltar á primeira forma. Alguns elementos de prova perderam-se e os factos são irreversíveis. Seja como for, é indispensável que se faça luz sobre este caso aparentemente misterioso e apaixonante. O bom nome do País exige-o. Os peritos médico-legais que intervieram no assunto não podem deixar passar em claro certas afirmações do seu colega inglês. Tanto mais que elas visam claramente a encontrar para a morte uma explicação que habilite a família das vítimas a cobrar o avultado seguro contra acidentes feito antes da sua partida de Londres — e que não será pago no caso de se manter a hipótese da intoxicação alimentar. O respeito absoluto pela seriedade das investigações e o culto da verdade que caracteriza o temperamento inglês não excluem, como se verifica, esta pequena acomodação das circunstancias a um interesse puramente material. É aquilo a que se pode chamar, com propriedade, gato escondido com o rabo de fora.

A Espanha aboliu o visto nos passaportes?

MADRID, 21 — Soube-se esta madrugada, de fonte autorizada, após uma sessão do Gabinete que terminou ás primeiras horas de hoje, que o Governo espanhol decidiu abolir os vistos de entrada e de saída de Espanha.

Espera-se que um comunicado com pormenores seja fornecido mais tarde. — (R.).

O significado da nomeação do novo embaixador de Portugal em Pretória

O Ministério dos Negócios Estrangeiros anunciou que foram nomeados os novos embaixadores de Portugal em Paris, Pretória e Estocolmo que serão, respectivamente, os srs. drs. Henrique Queirós, António de Faria e Luís Norton de Matos.

A nomeação do sr. dr. Henrique Queirós para embaixador em Pretória assume, na actual conjuntura, um significado que não devemos deixar de realçar. O facto de o Governo português que já há quatro anos enviara para seu representante na União da África do Sul um dos seus membros — o então ministro do Exército, general Abranches Pinto — nomear para Pretória o secretário-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros mostra bem a importancia atribuída a esse posto, numa altura em que os problemas africanos estão na primeira fila das preocupações nacionais e em que a amizade da nação nossa

(Continua na 11.ª página)

O Palácio do Ultramar será uma das grandes obras do plano de valorização da zona dos Jerónimos

Perspectiva do Palácio do Ultramar, tal como se verá do lado do rio

Já vem de longe a ideia de dar a Lisboa a solene e vistosa aliança da sua indissoluvel consanguinidade ultramarina. Onde está aquela sala de visitas na Metrópole onde pudesse dizer-se: aqui é Angola, Guiné, Moçambique, Macau, Cabo Verde, ou Goa, Damão e Dio, o Principe ou S. Tomé? Sonhava-se com um edificio que, mais que um símbolo, fosse um orgão funcional. Um centro vivo, imagem do Ultramar que fosse debruçar-se sobre o Tejo, o mesmo de onde haviam partido as naus do Gama, Cabral, Albuquerque e D. João de Castro. Sonhava-se com tal edificio, mas foi o comodoro Sarmento Rodrigues, então ministro do Ultramar, que partindo do sonho para a realidade, começara a dar-lhe um corpo e uma alma.

Efectivamente, não fez ainda três anos, o Palácio do Ultramar começou a articular-se e a postular-se. Mas um edificio-monumento de tal natureza pressupunha muitos, delicados, graves e complexos problemas, a que não foi possível desde logo dar solução. Onde situá-lo e como, era, naturalmente, dos primeiros aspectos a ponderar; que

(Continua na página central)

Diario de Lisbôa
publica hoje
32 páginas
nas quais se inclui
MAGAZINE

A N. A. T. O. deve tornar-se o fundamento de uma nova ordem — diz Michel Debré

PARIS, 21 — O primeiro-ministro francês, Michel Debré, falando no jantar comemorativo do nascimento de George Washington, na Associação da Imprensa Norte-Americana de Paris, declarou:

«Não se compreende suficientemente que, ao defender a sua posição de estabilidade na Argélia, a França está, de facto, a defender todo o Ocidente contra a aliança das forças que são fundamentalmente hostis á liberdade do homem».

Debré queixou-se assim de que os Aliados ocidentais não apoiarem plenamente a França na questão da Argélia, que é território de soberania francesa.

Referindo-se á N. A. T. O., disse: «A N. A. T. O. deve tornar-se o fundamento de uma nova ordem e ser capaz de resistir ás forças hostis em todo o Mundo».

Segundo o primeiro-ministro, a Aliança Atlantica não correspondeu completamente ao que os seus criadores desejavam. Tem carácter exclusivamente militar, e abrange apenas uma parte do Mundo. «Os perigos não vêm hoje apenas do campo soviético: vêm da Ásia e da Africa grandes ameaças» — disse.

«Por isso a Aliança Atlantica deveria adoptar unidade de pareceres e de política, não se contentando com problemas puramente militares: a luta trava-se tanto nos campos de batalha como nos sectores económico e social» — concluiu. — (A. N. I. e F. P.).

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

Intoxica e mata o ar das cidades

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

PROBLEMA muito grave, gerado pela vida moderna, pelas necessidades crescentes e prementes de todos os dias, é o da poluição do ar nas grandes cidades, centros industriais e nos aglomerados populacionais pletóricos.

Em Paris e Londres, assim como nas cidades norte-americanas, tal problema adquiriu uma acuidade impressionante, cujas rápidas consequências para o organismo humano podem ser funestas.

O ar que se respira, nos grandes centros, intoxica e mata. Muitas centenas de milhares de indivíduos correm semelhante risco. Anos seguidos

(Continua na 13.ª página)

2.ª TIRAGEM

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

O papel dos partidos politicos, segundo a Constituição francesa

(Continuação da página anterior)

zar a reforma da estrutura do Estado foi de Gaulle. Como a opinião publica metropolitana também, por seu lado, via neste magnifico patriota, o homem necessário para resolver a crise, assim se fez, serena e prudentemente, segundo as fórmulas constitucionais em vigor ao tempo.

Eliminar os partidos políticos é uma ideia velha, sem duvida nobre e sedutora. Já Rousseau, no seu **Contrato Social**, havia condenado aquelas organizações, e, posteriormente, autorizados corifeus da Revolução de 1789 reclamavam a supressão de partidos. Todos afirmavam não terem outro partido que a razão, a justiça e o amor da Pátria, o que conduziu os jacobinos a considerar os seus adversários como bandidos e traidores. Todavia a Revolução, contraditóriamente, conheceu muitos partidos, alguns deles — que terríveis partidos!

Os fisiocratas franceses do século XVIII reconheciam não haver liberdade política sem partidos. Mas, precisamente por esta razão, eles condenavam a liberdade política e preferiam a monarquia absoluta.

Quando de Gaulle foi investido na função governamental, logo optou pela manutenção dos partidos. Ele podia não ter proclamado a legitimidade deles e deixar a sua organização, como anteriormente, á iniciativa dos cidadãos do país conforme as suas tendências e aspirações. Mas fez inserir na Constituição, artigo 4.º, o seguinte preceito:

Os partidos e grupos políticos concorrem á expressão do sufrágio. Eles formam-se e exercem a sua actividade livremente. Devem respeitar os princípios da soberania nacional e da democracia.

A Comissão Consultiva encarregada de apreciar o projecto de lei constitucional, propusera um aditamento a esse texto determinando que uma lei organica fixaria as modalidades da aplicação. Por seu turno, o Conselho de Estado, incumbido de rever o diploma, fez sérias reservas sobre o princípio estabelecido, exprimindo receios de que o preceito pudesse gerar abusos na prática. O Governo, porém, não concordou com o parecer das duas entidades e adoptou definitivamente o texto que consta da Constituição em vigor, atrás transcrito, desejando desta sorte, dar á existência e á acção dos partidos uma base constitucional.

Nos comentários suscitados na Imprensa a esse respeito, chegou-se a admitir que aquele preceito visava principalmente a estabelecer na lei constitucional um fundamento para a hipótese de se tornar necessário eliminar o partido comunista ou restringir a sua actividade. Como se sabe, os partidos comunistas, em todo o Mundo, regulam a sua conduta, nos respectivos países, segundo as directrizes traçadas secretamente por uma potência estrangeira de identica ideologia, com sede em Moscovo, o que é manifestamente contrário ao princípio da soberania nacional. Em caso de se verificar este facto, os governos de França poderão, com efeito, invocar o artigo 4.º da Constituição para tomar as medidas adequadas.

Há nações que têm colocado os partidos comunistas fora da Lei. A França tinha, na sua história contemporanea, fundadas razões para seguir o exemplo. Mais de uma vez isso fora reclamado por algumas autorizadas personalidades, de espírito independente. Vê-se, porém, que os autores da nova Constituição francesa acharam preferível inserir nela uma disposição de ordem geral que habilite os governantes a poderem actuar, quando for oportuno, contra as actividades partidárias atentatórias da soberania nacional.

Encararei agora a questão da existência dos partidos no ponto de vista de doutrina. É lógico perguntar: podem-se eliminar os partidos nos Estados onde há liberdade política? Em que consiste esta liberdade? Ela pode resumir-se, fundamentalmente, na participação dos cidadãos de um país no governo, por si próprios ou pelos seus representantes. Nada mais natural que os indivíduos, tendo opiniões identicas, busquem influir sobre o governo, num esforço comum, com o fim de fazer triunfar e aplicar as suas ideias. Para impedir esta tendência ao agrupamento em partido era preciso proibir toda a associação particular como queria Rousseau, e mais tarde, na época da Revolução Francesa, o preconizara Siéyès.

Em toda a nação civilizada produzem-se inevitávelmente pelo menos duas tendências opostas que aproximam e agrupam os homens: o espírito de progresso e de iniciativa e o espírito de resistência e de conservação. É da sua luta constante, dos seus triunfos alternados, que resulta a vida das instituições políticas e sociais, que não pode permanecer estacionária sem paralisar o seu desenvolvimento. A formação de pelo menos dois partidos fortes, um conservador e outro progressista, destinados a sucederem-se alternativamente no Poder num regime de governo parlamentar, é, pois, necessária e indispensável.

Os Ingleses chamam o sistema parlamentar o **governo de partido**, porque este sistema supõe, com efeito, no seu verdadeiro equilíbrio, a existência de dois grandes partidos contrários que se revesem no Poder. Ora esta prática alternativa de partidos disciplinados parece a certos espíritos não sómente difícil a realizar, mas pouco desejável em si próprio por ser contrário á boa harmonia da sociedade e á plena utilização das forças sociais.

Leonard Courtney, autor do livro «The Working Constitution of England», exprime-se, como segue, a propósito de partidos:

O emprego da máquina ou seja da organização de partido assim posta em constante actividade não pode ser considerada como desprovida de maus efeitos. Muitos são incontestáveis, e a verificação do seu numero e do seu alcance tem algumas vezes conduzido os homens a interrogarem-se sobre se o uso dessa máquina produz, definitivamente, o bem ou o mal, e, no caso em que não se poderia absolutamente dispensar isso, se não seriam possíveis alguns retoques de molde a permitir uma diminuição das consequências desagradáveis, que não deixam de ser flagrantes. Quando estas questões são postas, responde-se em regra que o governo de partido é indispensável e que é preciso admiti-lo com os seus defeitos.

Um publicista de talento, Ostrogorski, na sua obra «La Democratie et l'organization des partis politiques» (1903), condena a organização de partidos, que ele estudou seja em relação á Inglaterra, seja quanto aos Estados Unidos da América, e aponta os males. Não se contenta em reprovar o sistema, apresenta também um plano, de reforma, um modelo de Constituição para os países livres, que é, afinal, uma forma combinada de certos traços de governo parlamentar e de outros fornecidos pelo regime presidencialista em vigor nos Estados Unidos. Ostrogorski, todavia, admite ligas momentaneas que, formadas para fazer triunfar uma determinada reforma, se dissolveriam quando o fim seria alcançado.

Não obstante as críticas e as condenações, é preciso uma certa força intelectual para imaginar outras formas de vida política diferentes das que se praticam na Inglaterra, nos Estados Unidos e noutros países sendo inevitável aceitá-las com os seus defeitos, porque não se concebe a liberdade política sem partidos.

A França tinha assimilado largamente os princípios do sistema parlamentar de governo, mas não conseguira estabelecer a permanente dualidade de uma opinião organizada como na Inglaterra desde o século XVII. Em lugar de pelo menos dois grandes partidos disciplinados, tão essenciais para o bom funcionamento do sistema, os políticos franceses viviam na 3.ª e 4.ª republicas em regime de inumeros grupos sem disciplina, mas impacientes e sofregos do Poder. Foi a persistência deste mal, gerador da crónica instabilidade ministerial, que suscitou a reforma constitucional, quase revolucionária, actualmente em vigor.

Dando pela primeira vez aos partidos políticos uma base super-legal, a Constituição francesa reconhece-os como elementos indispensáveis da estrutura organica dos poderes publicos, e lhes insufla, consequentemente, o sentimento das graves responsabilidades morais na marcha regular das instituições. Tendo, por outro lado, estabelecido, para a correcção dos costumes, a incompatibilidade entre as funções de ministro e as de deputado e de senador, o Parlamento francês deixou de ser, segundo o axioma do constitucionalismo clássico, a **arena onde se disputa o Poder**, e já não haverá razão para qualificar os seus membros de **gloutons qui s'étranglent**, para me servir exactamente de uma frase feliz, expressiva, outrora pronunciada por Maurice Barrès, para definir a ambição insofrida dos parlamentares de serem ministros.

Todavia, é ainda cedo para avaliarmos do valor e da eficácia prática dos preceitos estabelecidos, no sentido de se saber se os partidos saberão sempre manter uma conduta em que predominem os interesses nacionais sobre as preocupações de doutrinas. Teremos de esperar pelos resultados da experiência.

ALBERTO XAVIER

A obra literária do dr. Magnus Bergström apreciada na Suécia

M. Bergstrom

O sábio, crítico e humanista sueco dr. Sven Bjellerup, mestre pedagogo, reitor do Liceu de Rungälv, que é profundo conhecedor da língua latina, estudou, durante dez anos, o nosso idioma e tem exercido larga propaganda da cultura portuguesa em toda a Suécia, através da Imprensa e por meio de conferências, procurando, ao mesmo tempo, despertar interesse dos editores do seu país pela nossa moderna literatura.

Escreveu o prof Sven Bjellerup um expressivo artigo sobre a obra do escritor dr. Magnus Bergström num dos maiores jornais da Suécia, o «Goteborgs Handels ock Sjöfartstidning», que foi traduzido pelo sr. eng.º E. B. Tackman, de nacionalidade escandinava, que vive em Portugal há trinta anos.

«Do estudo dos livros do dr. Bergström — diz o articulista — não é apenas a essência do conteudo que impressiona o leitor, mas sim a extraordinária ductilidade e exemplar purismo de expressão do seu português».

Refere-se ao «Prontuário Ortográfico e Guia da Língua Portuguesa», da autoria do dr. Magnus Bergström, em colaboração com Neves Reis, cujo valor acentua, merecendo-lhe «referência especial a parte gramatical, que abrange os aspectos práticos e estilisticos da língua portuguesa».

«Lamentamos porém—diz o prof. Bjellerup —, que um dos maiores autores e estilistas de Portugal contemporaneo, filho de um sueco, Magnus Bergström, não fale nem escreva a língua de seu pai porque, caso contrário, não só serviria de elo de ligação entre a cultura e literatura de Portugal e da Suécia, como também com outros países nórdicos».

Tágide

O «show» que mereceu os mais entusiasticos elogios do maior produtor de Televisão do Mundo e de toda a sua equipa!

THE MODERN JAZZ DANCERS

A atracção que Ed Sullivan vai apresentar 4 semanas na América, a peso de oiro!

no mesmo programa

The Laszlos
Lina e Miguel
Maria d'Apparecida
Jean Louis Tristan
THE SISTERS CARYS
JUAN RIVAS
HELENA TAVARES
IVONE e CLARA
MARIA CANDAL

Nos restaurantes-«music-hall» portugueses de maior prestígio internacional

O mais extraordinário programa de «music-hall» apresentado em Portugal

UM ESPECTACULO QUE VALE UMA REVISTA

(Maiores de 17 anos)

Palm Beach

NEO-PENITROL

Uma nova fórmula potenciada

ANGINAS • FARINGITES • LARINGITES
PIORREIAS • GENGIVITES • GRIPES • ETC

PETROLEO HAHN

Todas as manhãs
Cabelos fortes
Cabelos sãos

729

Vendas a prestações de tecidos de novidade para Senhora e para Homem.
TECIDOS ALVINIZ
16, Largo do Carmo

Leiam o jornal humoristico
sempre fixe

SABENA A LINHA DE MAIOR EXPERIÊNCIA EM VOOS AFRICANOS

SAB - 898

LISBOA
LEOPOLDVILLE
JOANESBURGO

Peça informações à sua Agência de Viagens ou à

SABENA

LINHAS AÉREAS BELGAS

De ontem para hoje

PORTUGUESES NO ESTRANGEIRO

O Português, sujeito á terra e ás condições mesológicas e económicas que o cercam nem sempre encontrará no meio possibilidades de revelar as virtudes que em potência dormem no fundo do seu mundo interior. Fraco meio de recepção é o nosso em que o homem, para se elevar tem quase sempre de nascer elevado. Essas virtudes em potência são muitas vezes, porém, o segredo do seu triunfo lá fora, onde o meio acolhe abertamente a suá força de acção, porque a terra, sendo grande, chegará para todos. E quantas vezes, olhando nós os frutos do seu labor, por os considerarmos iguais aos nossos próprios, os desdenhamos, mutilando-os no que há neles de mais puro testemunho humano. Não será bem assim com Sousa Cardoso, nome grande da pintura modernista, da arrancada cubista de Almada e Santa Rita. Mas porque o nome possivelmente esqueceu á gente nova, aqui se regista o seu triunfo póstumo em Paris. Da sua obra levada á Casa de Portugal proveio a aquisição de um dos seus quadros mais representativos para o Museu Nacional de Arte Moderna. Outros nomes, aliás, se lhe podem acrescentar: os dos Luso-Americanos de Ponta Delgada. Filhos de gente humilde, ascendem no estrangeiro a altos postos: o dr. Artur Carrellas, advogado em Rhode Island, foi ali nomeado juiz do Tribunal Superior; John Arruda, filho de naturais de Vila Lagoa, é o novo «mayor» da cidade de Fall River; e Edmundo Dinis, filho de Açorianos de Fenais da Luz, é o novo «mayor» do «district attorney». E é tudo, como se vê, motivo de jubilosa nomeada principalmente para a boa gente de Ponta Delgada.

FEIXE DE IMAGENS

O benemérito Martin Sain foi agraciado pelo Chefe do Estado, com o grau de grande oficial da Ordem de Benemerência. As insígnias foram-lhe já entregues, numa cerimónia íntima e são o lógico testemunho de gratidão do País pela sua generosa compreensão dos seus problemas assistenciais. O benemérito Martin Sain não só impulsionou, desde sempre, vasta obra de benemerência (mesmo de impulso á investigação científica e á técnica) como deu recentemente 14 mil contos para resolver em Portugal a situação dos cegos pobres.

✱ Que se passou na casa dos pequenos e honrados lavradores de S. João da Pesqueira (Paredes)? Viviam os pais e os filhos adultos entregues ao amanho das terras e do gado, quando de repente as terras secaram e o gado caiu com fome. Os vizinhos acorreram e encontraram-nos a todos com o ar estranho de quem se alheia da vida que o cerca. Na verdade, todos quatro davam indícios de alienação mental. A notícia não diz que os levaram ao medico. Mas acrescenta que toda a população ficou profundamente impressionada.

✱ Dois Portugueses de Caracas excitados pelo álcool ingerido no «bar», envolveram-se em desordem. Um terceiro acorreu a apaziguá-los e tudo na verdade parecia resolvido, quando vieram para a rua. Foi, então, que o Manuel Fernandes Camacho socou o apaziguador (Agostinho Dionísio) provocando-lhe a morte com a queda. O agressor foi condenado a sete anos de prisão.

✱ Estas são histórias de crianças que morreram sem culpa nem responsabilidade própria: Maria Amélia, de 7 anos, filha de António da Silva (Barrimau, perto de Famalicão) morta por ser atropelada; Avelino, de 27 meses, filho de Artur Freire (Santo André, Vagos) morto também por uma camioneta; Maria Augusta, de 7 anos, filha de Manuel Joaquim Dias Figueiredo (Avanca), afogada num poço; e José, de 4 anos, filho de Felisberto Robalinho (Sousanil, Feira), que morreu carbonizado.

✱ Foi aberto ao publico o hospital da Misericórdia de Mogadouro, entregue á Congregação das Servas Franciscanas Reparadoras de Jesus Sacramentado, coadjuvadas por uma enfermeira civil. Faltam-lhe ainda, porém, material cirurgico e outros meios de bom funcionamento que o Estado não deixará de facultar-lhe para que cumpra a função para que foi criado.

✱ Uma pobre mulher de Moire (Padronelo) andava ás couves, tropeçou e caiu, ali ficando no meio do campo. Quando foram dar pela Maria Azevedo, estava morta. Não foi a queda, porém, que a matou mas o frio e os ventos que vergastam as carnes da terra onde se respira o ar sadio do Marão.

✱ O vulcão dos Capelinhos não trouxe apenas desolação e danos ás terras do Faial: deu-lhe também acrescentes que vão a cerca de 200 hectares. Agora que as entranhas lhe sossegaram, o Governo vai fazer a recuperação económica da ilha (edifícios publicos, casas de habitação, melhoramento do solo, condições de vida para homens e gado) pondo em acção articulados do II Plano do Fomento. Recorde-se que na tragédia não se perdeu sequer uma vida.

JORNAL PEQUENO

NO livro de cumprimentos ao Presidente da Republica inscreveram-se o capitão-de-mar-e-guerra Luís de Arriaga Sá Linhares, Guilherme de Sousa Otero Salgado, António Siza Vieira, Domingos Sancho de Sousa Uva e drs. Paulo Rodrigues e José Carlos Ferreira. ✱ Com o Presidente do Conselho trabalhou o ministro da Presidência. ✱ No Ministério das Corporações continuam a receber-se agradecimentos ao Governo pelas facilidades concedidas ao Serviços de Transportes Colectivos do Porto. ✱ O secretário de Estado do Comércio recebeu do Grémio dos Industriais de Transportes em Automóveis o pedido de revisão do despacho sôbre preços de gasóleo, uma vez que dele surgiram inconvenientes para a indústria automóvel. ✱ O novo chefe do distrito (dr. Osório Vaz) e o chefe do distrito cessante (dr. Mário Madeira) visitaram os bairros da Pontinha e da Ulmeira. ✱ O Ministério das Obras Publicas, através do Desemprego, concedeu aos hospitais para cima de 5 mil contos destinados a beneficiações e mobiliário. ✱ Na margem do Lucefece, afluente do Guadiana (Montejunto), foi encontrado morto e sem identificação um homem que se julga ter tentado perigosamente a travessia do rio.

Está em Lisboa

o ministro dos Correios

da Alemanha Ocidental

De avião, chegou hoje a Lisboa o sr. Richard von Stucklen, ministro dos Correios e Comunicações da Alemanha Ocidental, que foi á Venezuela representar o Governo do seu país na cerimónia da posse do novo presidente da Republica venezuelana.

Antes de regressar a Berlim, o ministro alemão permanecerá quatro dias em Lisboa. Apesar da sua visita ser de carácter particular, o sr. Richard von Stucklen era aguardado, no aeroporto, pelo representante do ministro das Comunicações português e pelo embaixador da Alemanha em Lisboa.

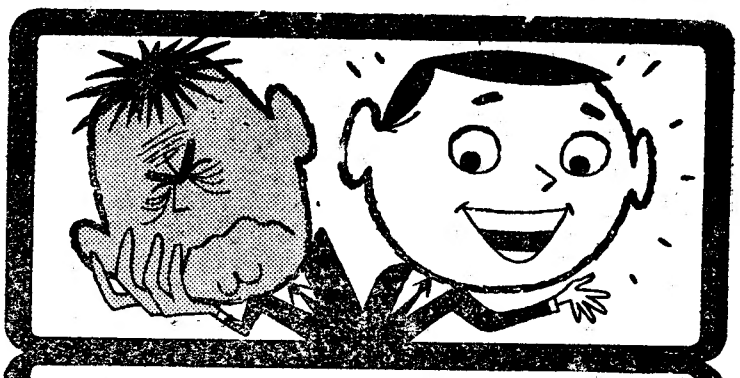
UM PINTOR

preferia roubar

a exercer a profissão

O vendedor ambulante sr. Francisco Barreiro da Silva, tinha, na sua residência, numa mala de viagem e numa carteira, o produto das suas economias: 9.150$00. No dia de Carnaval, porém, a carteira desapareceu-lhe com o dinheiro e a documentação que continha. Aflito, apresentou queixa na P. S. P., cuja secção de Justiça foi incumbida de proceder a investigações.

Não tardou a ser detido um hóspede do queixoso, de nome José Rodrigues Custódio, de 31 anos, solteiro, pintor da construção civil, natural de Santarém, que acabou por confessar-se autor do furto. Foi-lhe apreendida parte do dinheiro e alguns objectos. Confessou, ainda, ter praticado o furto de cinco aparelhos de rádio, um fio de ouro e uma moeda de dez mil reis de ouro, em várias casas particulares onde executou trabalhos da sua profissão. O «pintor-larápio» foi remetido á Polícia Judiciária.



DÔRES DE CABEÇA?

para ALÍVIOS RÁPIDOS

...tome

Alka-Seltzer*

Os componentes do Alka-Seltzer *actuam em conjunto* para, com rapidez, acabarem com as dôres de cabeça, graças a um dos melhores analgésicos conhecidos. Milhões de indivíduos, em mais de 100 países, confiam no Alka-Seltzer para, rápidamente, aliviarem as dôres de cabeça—*pode fazer o mesmo!*

* Marca Registada

Sofre de Rheumatismo? Gota? Nevralgias?

Tome o Chá Nattermann No.3 Antirheumaticum

e verificará a sua acção benéfica

Os Chás Nattermann são usados em todo o Mundo
Preparados e controlados cientificamente e embalados na Alemanha

A venda em todas as farmácias

Peça catálogos aos representantes: JOÃO PATRICIO ALVARES FERREIRA, LDA.
R. da Madalena, 18 — LISBOA

Dizem os leitores...

Os horários dos comboios de Vila Franca de Xira

Do nosso estimado leitor sr. dr. Armando Nunes Diogo, que exerce clínica em Alhandra, onde é muito estimado pelas suas qualidades morais e profissionais, recebemos a carta que, a seguir, gostosamente transcrevemos:

«Quando da electrifcação da linha do Norte, todos os habitantes do concelho de Vila Franca de Xira esperavam uma melhoria dos horários dos comboios, no sentido de beneficiar a população em geral e os estudantes no seu caso especial.

Ora, dolorosamente, constata-se que tal não se verificou pois os estudantes que frequentam os vários liceus e escolas técnicas de Lisboa são forçados a levantar-se todos os dias ás 6 horas da manhã para embarcar no comboio que passa por Alhandra ás 6 e 58, sendo obrigados a fazer um transbordo em Sacavém ou Braço de Prata, onde aguardam 22 minutos pela chegada de novo comboio.

Por outro lado a super-lotação dos mesmos comboios força-os por vezes a viajar dependurados, arriscando-se a desastres como o que se verificou recentemente e custou a vida a um jovem de 16 anos. Mas, não é tudo... Com grande frequência, os comboios chegam atrasados e os pobres estudantes que se levantam ás 6 horas da manhã, não chegam a horas á primeira aula, que começa ás 8 e 30.

Parece-me que esta situação é fácilmente remediável e, para tal, bastaria um pouco de boa vontade, compreensão e um coração de pai a resolver o caso, o que, infelizmente, parece não existir na secção do Movimento de Horários da C. P., para onde já por duas vezes apelei sem qualquer resultado.»

A PARTIR DE 1 DE JANEIRO DE 1959

TARIFAS ESPECIAIS DE EMIGRANTES

RECIFE . . . . . 8.029$20
RIO DE JANEIRO 8.584$80
S. PAULO . . . . . 8.770$20
(incluindo todos os impostos)

892 PEÇA INFORMAÇÕES À SUA AGÊNCIA DE VIAGENS OU À

PANAIR DO BRASIL
AVENIDA DA LIBERDADE, 68 • TEL. 31963 • LISBOA

PALÁCIO DO ATLÂNTICO, SALA 704 — TEL. 32915 — PORTO

ENCOSTA A CABECINHA E CHORA...

AMANHÃ
ESP.ª À TARDE ÀS 16 HORAS

A NOVA REVISTA DO TEATRO
MARIA VITORIA
Emp.ª «E. Salvador e R. Martins, Ld.ª»
ADULTOS — M/17 ANOS
É UM ÊXITO MEMORÁVEL DE
SALVADOR
E DE TODA A SUA ALEGRE COMPANHIA
Às 20.30 e 22.45

ABC
E. TEATRAL ABC, LDA.—T. 366745
PARA MAIORES DE 17 ANOS
Todas as noites às 20.30 e 22 45
O ABC é a única sala do Parque Mayer com aquecimento

UMA TEMPESTADE DE RISO SOBRE LISBOA!!!
VINHO NOVO
O ELENCO MAIS POPULAR DE LISBOA NA REVISTA DE QUE LISBOA FALA!

—AMANHÃ—
ESPECTÁCULO ÀS 16 HORAS
Bilhetes á venda para qualquer dia

SEMPRE CASAS À CUNHA!
SURPREENDENTE CONSAGRAÇÃO DE
PIPPO L VOLSI
A VOZ DE OURO DO «MUSIC-HALL» MODERNO COM O SEU
BALLET ARCOBALENO
UMA ATRACÇÃO ITALIANA DE JUSTA FAMA

RITZ CLUB
EMPRESA RITZ CLUBE
ADULTOS (maiores de 17 anos)

NA PRÓXIMA SEMANA:
5 ESTREIAS DE ALTA CLASSE

3 ATRACÇÕES DE CUJO ÊXITO TODOS FALAM!
LES VILLALTAS
BALLET ERASTO
HERMANAS ROMERO
e, ainda, todo o grande elenco de ouro do «RITZ» com
VILAÇA E SUA ORQUESTRA
NO SALÃO TIPICO:
ADMIRÁVEL SERVIÇO DE CEIAS com
«MANOLLILO DE BERBES»
em cantares flamencos

Coliseu
TODOS AO CIRCO!
Os ultimos 2 dias do sensacional Festival Mundial de Circo. O maior espectáculo do século. Tigres, cavalos, Faltini o louco do farol. Palhaços. Os «Jongleurs», do circo Ringling. A última sensação aerea dos Flyng Palácios. Hoje à noite, ás 21.30 espectáculo a que podem assistir crianças

Tem apenas hoje e amanhã para admirar o sensacionalíssimo Festival Mundial de Circo do Coliseu, em que se reunem os maiores fenómenos universais. Nobre e renhida competição, que envolve todos os países. Super-espectáculo com circo equestre, circo das feras, circo das fantasias, circo dos trapezistas, circo dos palhaços, circo das maravilhas. Só visto!
Amanhã, ás 16 horas, «matinée» com entrada gratuita ás crianças até aos 10 anos, acompanhadas. A' noite, ás 21,30, despedida do Grande Festival de Circo. Que ninguém falte!
Maiores de 6 anos.

Cartaz dos Cinemas

ESTREIAS DE HOJE — Sortilégio de amor — SÃO LUIS E ALVALADE

SÃO LUIZ TEL 27173
21.15 (M/17 anos) ESTREIA
Uma comédia do mais fino gosto baseada numa peça sensacional!
SORTILÉGIO DE AMOR
com **James Stewart** e **Kim Novak** e em 3.ª semana IVON CURI, apresentará algumas canções novas, acompanhado pelo **conjunto Helder Martins** com **José Scarambone** ao piano
A's 18.15, Despedida de **«Viva o Palhaço»** — (M/12 anos).

EDEN TEL. 20768
Emp. Lopo Lauer
15.30 18.30 e 21.30
2.ª SEMANA
Sophia Loren, William Holden e Trevor Howard em
A CHAVE
Um filme de Carol Reed em Cinemascopio
Um grande amor matou-a em vida; um outro amor maior ainda tornou-a na mais feliz das mulheres. — (Maiores 17 anos).

CONDES TEL. 22523
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
Prémio «Louis Delluc»
A maior emoção do ano!
AS DIABÓLICAS
com **Simone Signoret — Paul Maurisse** e **Vera Clouzot**

ODEON Telefone 26283
15.15 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
Um autêntico filme de capa e espada extraído do romance de A. Dumas
O VISCONDE DE BRAGELONNE
com **Georges Marshall** e **Dawn Adams**
Eastmancolor — Panoramico

CINEMA IDEAL Telefone 24194
A's 21 (M/12 anos)
A ULTIMA ORDEM
Um salto para o inferno

TIVOLI TEL. 50595
A's 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite (M/17 anos)
2.ª SEMANA
FERNANDEL
na célebre comédia
AS VINHAS DO SENHOR
com **Pierre Rux**, taz rir Lisboa inteira
Amanhã ás 11 horas, sec. clás. **«A Taberna»** — (M/17 anos).

POLITEAMA TEL. 26309
15.15 - 18.15 e 21.30
Grande êxito
Um filme de rara e brutal violência sobre a odisseia de um criminoso:
O ASSASSINO DA VOZ MEIGA
com **Hugh O'Brian** e **Robert Evans**
Cinemascope — Adultos—(M/ 17 anos)

ALVALADE Telefone 763080
21.45 (M/17 anos) ESTREIA
James Stewart e **Kim Novak** em
SORTILÉGIO DE AMOR
Uma comédia em technicolor baseada numa peça sensacional!

CAPITÓLIO TEL. 27493
A's 21 (M/12 anos)
CARRASCOS DO MAR
com Victor Mature
Technicolor
A CARGA DOS LANCEIROS
com Paulette Goddard

RESTELO Telefone 610375
21.15 (M/12 anos)
COW-BOY
com Glenn Ford

ROYAL TEL 445047
As 21 M/17 anos)
CRIME PASSIONAL
O fantasma da rua Morgue

LIZ TEL. 48560
21 h. (M/17 anos)
O HOMEM DE PALHA
Escravas de Cartago

IMPÉRIO Tel. 55134/5
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
A famosa obra de **Eugene O'Neill** numa cinematização magistral
DESEJO SOB OS ULMEIROS
com **Sophia Loren** e **Anthony Perkins** e o documentário Vistavision **«Visita a Espanha»**, em Techn.

SÃO JORGE BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
15.15 - 18.15 e 21.30
(M/17 anos)
Virginia McKenna
numa interpretação inesquecível!
UMA VIDA POR UM SILÊNCIO
Dada a extensão do filme a projecção deste começa ás 15.35, 18.30 e 21.50.

ROMA Telef. 727778
15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)
Entre dois corações apaixonados ergue-se uma barreira odiosa
ESCRITO PELO DESTINO
com **George Nader** e **Cornel Borchers**

MONUMENTAL TEL. 55131
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
Uma realização de Cluzot
Um filme sensacional e de suspense
AS DIABÓLICAS
com **Simone Signoret, Paul Meurisse** e **Vera Clouzot**

AVIS Tel. 47163
15.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
As aventuras hilariantes de um moderno Casanova
VENEZA, A LUA E TU
com **Alberto Sordi** e **Marisa Allasio**

TERRASSE TEL 20917
As 21 (M/17 anos
O PINGA AMOR
A terceira palavra

CASINO ESTORIL
As 21 (M/17 anos)
MEU REINO, MINHA VIDA
com Dirk Bogard

Teatro Nacional de Dona Maria II
Todas as noites, ás 21 e 45
Aos sábados, ás 16 horas, tardes populares, a preços reduzidos
(12 ANOS)
O PROCESSO DE JESUS
TODA A COMPANHIA
5.ª feira: Tarde garrettiana

RESTAURANTE ALVALADE
Telef. 779151
APRESENTA
RAFAEL CRUZ
e o seu BALLET num deslumbrante SHOW
Hoje ultimo Baile de Carnaval «Micareme»
Adultos M. 17 anos

PENSÃO MONUMENTAL
COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória 21 - Tel. P B X 29807

LUSO
T. da Queimada, 8-A — Tel. 32889

Maiores 17 anos
Hoje (até de madrugada) cantam: **Maria Augusta — Joaquim Silveirinha — Julieta Estrela** — Manuel Hilário — Maria Vicente e o campeão da alegria **Manuel Bogalho.**
Acompanhamentos por António Couto e Amadeu Rami.
Amanhã, Grandiosa «Matinée»
SEXTA-FEIRA, 27:
Estreia do «Episódio Dramático» de **Carlos Conde**
«QUATRO CONTOS A MAIS»
MARCAM-SE MESAS

BUGIO
Telefone 643198
RESTAURANTE E SNACK-BAR
Pastelaria — Salão de Chá — Bilhares — Salão para banquetes, casamentos, baptizados, festas, etc.
Largo 5 de Outubro
STO. AMARO DE OEIRAS

Cantinho da Mãi Preta
MARIA DA CONCEIÇÃO
APRESENTA HOJE E TODAS AS NOITES O SEU ELENCO PRIVATIVO DE FADOS E GUITARRADAS
Beco do Azinhal, 7, Alfama — T. 366183 Maiores de 17 anos

Se é supersticioso... não deixe de ver esta comédia de "encantar"!

JAMES STEWART

JACK LEMMON
ERNIE KOVACS

Hermione Gingold
Elsa Lancester
Janice Rule

*

TECHNICOLOR

KIM NOVAK

SORTILÉGIO DE AMOR

(BELL BOOK AND CANDLE)

Realização de RICHARD QUINE
Produção de JULIAN BLANSTEW

HOJE — ESTREIA

SÃO LUIZ
ALVALADE

Columbia

ADULTOS MAIORES DE 17 ANOS

Vejam no «hall» do São Luís uma interessante exposição alusiva a este filme, cujas peças de arte indígena foram gentilmente cedidas pela firma BIBLARTE, LDA.

HOJE será distribuido a todas as senhoras, amostras do perfume «SORTILÈGE»

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

A companhia do Teatro Experimental do Porto voltará a Lisboa, no final da sua temporada para fazer a passagem do seu reportório no Teatro Avenida.

— Consta que a companhia do Teatro D. Maria II vai ensaiar uma peça alemã, que terá a direcção de um encenador da mesma nacionalidade.

— A digressão da companhia Laura Alves á Província com a comédia «A rainha do ferro-velho» começará nos primeiros dias de Março.

— No sábado de Aleluia deverá estrear-se no Teatro Variedades a revista «Champanhe salolo».

— Com o empresário José Miguel, segue para Itália o escritor teatral Nelson de Barros.

— O conjunto de Amadores de Luanda leva na próxima semana á cena, no Cine Teatro Nacional daquela cidade a peça «O Danubio azul».

— Para a companhia do Circo Mariano foram contratados os «clowns» portugueses Emiliano e Kinito.

— Amanhã em Santarém a companhia Rafael de Oliveira realiza no teatro desmontável o ultimo espectáculo da temporada com a farsa «Daqui fala o morto».

— São cerca de 30 circos que se estão aprestando para a próxima digressão pela Província. Os elencos, na sua maioria, são formados por artistas portugueses.

(Continua na 12.ª página)

2.ª-FEIRA no TIVOLI

Uma obra-mestra do cinema francês dirigida pelo eminente

CLAUDE AUTANT-LARA

com

GERARD PHILIPE

na sua mais fantástica criação que mereceu o Grande Prémio da Crítica Francesa

O JOGADOR

Segunda a obra de DOSTOIEWSKI

UM FILME OUSADO E PROFUNDO, QUE REVELA CRUAMENTE UM MUNDO QUE MUITA GENTE DESCONHECE!

UMA PERSONAGEM ALUCINANTE QUE NOS FAZ ODIAR OU APAIXONAR PELA TENEBROSA SENSAÇÃO DO JOGO!

Um exclusivo da ASTÓRIA FILMES

(Adultos (M. 17 anos)
EASTMANCOLOR

GRANDIOSA NOITE DA MICAREME

Pasapoga

TELEF. 23584
Empresa MANUEL ZEFERINO
(ADULTOS M/ DE 17 ANOS)

HOJE: SENSACIONAL e ÚLTIMO

BAILE DE MA'SCARAS

COM A AUDACIOSA «NOVIDADE» EM BELEZA PLÁSTICA

O ESCULTURAL "BALLET"
ALECOS ALVAREZ

EM MARAVILHOSAS CRIAÇÕES DO FOLCLORE GREGO

A famosa bailarina ESPERANZA ROY | MARINA, ainda AMPARITO VELEZ

Musica constante por SÉRGIO E SUA ORQUESTRA

Restaurante

ROSA BAR, LDA.

Rua da Rosa, 154
e Trav. da Água da Flor, 43

Pratos do Dia

Domingo: Frango á Cafreal
Segunda-feira: Cozido á Portuguesa
Terça-feira: Dobrada á Moda do Porto
Quarta-feira: Mão de Vitela á Jardineira
Quinta-feira: Bacalhau á Gomes Sá
Sexta-feira: Caldeirada á fragateira
Sábado: Frango á Indiana

Agadecemos a marcação da mesa pelo telefone 367521

Servem-se Refeições ao Domicílio — Aberto até ás 3.30 da manhã

AMANHÃ
FRANGO À
chicote
PRAÇA DO AREEIRO, 3-A
TEL. 720201

* TEATRO MONUMENTAL *

Emp. Vasco Morgado, Lda.—T. 55133 (Adultos M/ 17 anos)

HOJE e AMANHÃ, A's 21,45 h.
* ÚLTIMOS DIAS *

A COMPANHIA DO TEATRO EXPERIMENTAL DO PORTO

Dirigida por ANTÓNIO PEDRO
Apresenta
A emocionante peça de
WILLIAM FAULKNER

REQUIEM

SEGUNDA-FEIRA
Estreia em Portugal de
«LINDA INÊS»
de Martins Janeiro
Pelo elenco do TEP
1 UNICO ESPECTACULO
(Adultos M/ 17 anos)
* REQUIEM *

Gente miúda!!! O VOSSO ESPECTACULO

HOJE ás 18.30 e amanhã ás 16 horas

Preços: 3.º balcão frente 5$00
2.º balcão 10$00 — Plateia 15$00

PARA 4 ANOS

A SEGUIR:
LISBOA VAI RIR COMO JAMAIS RIU!!!
com
ELES, ELAS,...
E OS MENINOS
de ANDRÉ ROUSSIN
Pela 1.ª vez em Portugal uma peça deste autor
(Adultos M/17 anos)

TRINDADE HOJE às 21,45 UMA GRANDE CRIAÇÃO DE EUNICE MUÑOZ

Os pássaros de asas cortadas

DOMINGO «MATINÉE» A'S 16 HORAS — (MAIORES 17 ANOS)

ADULTOS Exames 3.ª e 4.ª classes ADULTOS

rápidos c/ todas as garantias
Largo Chão Loureiro, 1-2.º
Tel. 862244, das 9 ás 23 horas

Leiam o jornal humorístico

sempre fixe

TEATROS E CINEMAS

«Aqui é Portugal»

na Academia de Santo Amaro

Hoje ás 21 e 30, na Academia de Santo Amaro, estreia-se a revista «Aqui é Portugal», da autoria de Fernando Santos, Francisco Ribeiro, António Lopes Ribeiro e Abreu e Sousa, com musica de Fernando de Carvalho e João Aleixo, apresentada pelo grupo cénico daquela Academia.

O espectáculo repete-se no domingo, na quinta-feira e no sábado, á mesma hora.

A próxima estreia

da peça «Eles, elas... e os meninos»

No Monumental, vai apresentar-se, pela primeira vez em Portugal, uma peça de André Roussin — «Lorsque l'enfant parait», na versão portuguesa de Armando Cortês, com o título «Eles, elas... e os meninos».

Nesta peça, cuja estreia está prevista para a próxima semana, fará a sua primeira apresentação no teatro declamado a jovem artista Maria Dulce, bem conhecida do publico cinéfilo português.

Atracções italianas

para a próxima revista do ABC

Seguem hoje para Itália, onde vão contratar atracções para a próxima revista do ABC, o empresário José Miguel e o escritor teatral Nelson de Barros, que ali se demorarão cerca de uma semana visitando Roma, Nápoles e Milão, onde serão recebidos pelos melhores empresários locais.

Primeiras exibições

«As Diabólicas», no Monumental

Macabro, hediondo na factura de um crime, misterioso e policial, guarda este filme semelhança com outro que no Monumental obteve recente êxito, «A mulher que viveu duas vezes». «As Diabólicas», título que parece ser de «girls» endiabradas, corresponde ás duas criminosas, na surpresa final, a uma mulher e um homem, e mais não adiantamos, limitando-nos a confirmar a referida semelhança. Clouzot, trabalhando com negro e branco, deu a este filme tom mais escuro, mais tenebroso, mas não menos inteligente, e com identica surpresa ao crédulo espectador.

Vera Clouzot, filha de um diplomata brasileiro e casada com o realizador do filme, e Simone Signoret, actriz de méritos reconhecidos, representam com convicção, simulada a da segunda, bem acompanhada por Paul Meurisse, e no elenco figuram outros bons actores franceses.

Em complemento um alegre documentário de Perdigão Queiroga, «Borda d'Agua», com touros e campinos, com cores vivas e aliciantes. — *Visor 68.*

As estreias de hoje

No S. Luiz e no Alvalade

Título — «Sortilégio de amor».
Produção — Americana
Realização — Richard Quine.
Intérpretes — James Stewart, Kim Novak, Ernie Kovacs.
Argumento — Uma espirituosa comédia baseada num êxito da Broadway.
Processo — Technicolor.
Classificação — Maiores de 17 anos.

No S. Jorge

«Uma vida por um silêncio»

Vale a pena ir esta semana ao São Jorge, para admirar a extraordinária interpretação de Virginia McKenna no filme «Uma vida por um silêncio». Actriz excepcional, que já em «Regresso á Malásia» nos dera uma eloquente amostra do seu invulgar talento, Virginia McKenna, encarnando a figura de Violette Szabo, heroina inglesa da segunda guerra mundial condecorada com a «George Cross», tem naquela magnífica pordução inglesa um excepcional trabalho que a consagra definitivamente como a primeira actriz do cinema britanico.

Depois do conhecimento, pelo disco, por audições parciais e pela representação em ensaio geral, a 1.ª apresentação publica da ópera «Wozzeck» de Alban Berg, deixou-nos ainda mais perturbada; não diremos perplexa, porque se prestaria a más interpretações, mas seria preciso encontrar um termo que traduzisse este nosso sentimento de inquietação. E é naturalissimo, afinal, pois são sentimentos e situações excessivas que Georg Büchner pôs no palco e de que Alban Berg se serviu para realizar uma síntese dramático-musical de inaudita intensidade exterior e interior. Nem arte de evasão, nem arte decorativa, nem arte só de choque pura e simples: arte totalitária em que se empenham por igual o quantitativo e tipo temperamental, e o intelecto, com a sua suprema lucidez.

O dr. João de Freitas Branco, colega que muito admiramos, nesta faina de escrever nos jornais sobre musicos e musica, proferiu boas e felizes palavras, antes de começar o espectáculo, e citou, a propósito da tese defendida em «Wozzeck», um juizo de protesto-compaixão, o que sublinha a dura mas escaldante humanidade da obra. A peça podia fechar no suicídio do protagonista — mas não: segue-se-lhe o mais puramente sinfónico dos interludios, para preparar um fim no halo de indiferença, de desconhecimento com que nos aperta o coração o filhinho de Maria.

Já se falou muito de Alban Berg, da sua estética, que se filia numa forte ascendência germanica, no classicismo do seu modernismo, na sua prodigiosa técnica de compositor. Os meios de que se serve são correntes, simplesmente a sua orquestra, equilibrada no sentido de permitir uma escala que vai do extremo grave ao extremo agudo, é usada em toda a sua extensão com uma pormenorização que causa vertigens e um jogo de timbres que permite desde a transparência seráfica até á violência desenfreiada da loucura. Os quinze quadros, repartidos em três actos, necessitam de outras tantas mudanças de cena (com 10 cenários diferentes, alguns repetidos, portanto, mas não de seguida); as mudanças operam-se enquanto a continuidade musical é assegurada por interludios, que comentam ou preparam as cenas, com uma pulsação que se confunde com o latejar do sangue nas veias. Contribuem para a constante diversidade e os justos contrastes desta partitura, que se impõe, no total, por uma unidade rara, umas curtas mas magistrais intervenções corais e várias combinações de musica de cena, (algumas impossíveis de conseguir no palco de S. Carlos, pelo menos por enquanto, com toda a propriedade do seu pitoresco).

A leve reserva que acabamos de formular pesa pouco em comparação com a grande causa ganha pela direcção de Pedro de Freitas Branco. Os vinte e oito ensaios que pôde realizar e a cada vez maior adesão dos componentes da Orquestra Sinfónica Nacional, não foram demais para o empreendimento, e, com este triunfo, Pedro de Freitas Branco subiu mais um degrau na sua posição de chefe de orquestra, onde já tão altamente estava colocada. Entre os instrumentistas, destacamos os elementos de sopro, (madeiras e metais), muito utilizados por Berg, com uma figuração em regra muito arrojada.

Tinhamos mais receios sobre a realização dos cenários. Mas não resta duvida de que Furiga conseguiu muito; alguns cenários convenceram-nos. Em primeiro lugar, foram armados de modo a serem colocados no devido lugar, segundo os processos de transformações rápidas que S. Carlos vem aperfeiçoando. Como realização em si, a proporção e a geometria dos interiores apresentam-se em franco progresso; o melhor de todos, é o interior da casa de Maria. O fundo dos arrabaldes da cidade é sugestivo, como o é a perspectiva do bairro, também; e está quase realizada a sugestão do caminho para o lago. Falta graduação da luz vermelha e o efeito da lua não foi resolvido. Na cena do baile ao ar livre, quase não há espaço para os bailadores, e o estrado dos musicos ocupa muito lugar. Na taberna, tanta gente é um contrasenso..

O corpo coral, sob a responsabilidade do maestro Pellegrini, secundado pelo maestro Pasquali, deu bem o interesse das suas intervenções; só foi, de um modo geral, demasiadamente maciço. E é de esperar que venham a corrigir-se os atabalhoamentos de cena. Com tão pouco treino, já foi muito agradável que o pequeno grupo infantil tivesse algum carácter, alguma naturalidade.

Os cantores solistas têm de se haver, por sua vez com dificuldades verdadeiramente rebarbativas, se bem que essas dificuldades acabem por ser dominadas pela paixão de sentir até que ponto são detentores de uma arte da maior pureza de estilo teatral, da mais dominadora garra emotiva. Basta o facto de um intérprete de ópera poder arcar com um desempenho deste género, para merecer muito e muito da nossa admiração. Albrecht Peter (que já não era um desconhecido para nós) apareceu agora no papel decisivo de «Wozzeck», e Gerda Lammers, no ainda mais tremendo papel de «Maria», e não podiam deixar de compor as suas personagens dentro do realismo pungente da criação de Alban Berg. A aparente queda para o histrionismo dramático, em Gerda Lammers, deve ser consequência de defesa técnica; enquanto maior sobriedade e maior economia de histrionismo puder conseguir, melhor servirá o seu soberbissimo papel. Já foi excelente a sua primeira entrada em cena, assim como a cena dos brincos e, mais ainda, a cena da querela, compartilhada por Albrecht Peter; a famosa e formosa cena da leitura da Biblia, de uma dificuldade quase inacessivel, e a cena da morte, evidentemente, prestam-se a progressos ilimitados na arte da interpretação. Albrecht Peter compenetrou-se bem da psicologia de «pobre diabo» que define, em parte, o protagonista, e o seu dramatismo atingiu a violência desejada, mas, por enquanto, sem impor os prenuncios de loucura que tornariam genial a sua participação.

Não podemos pormenorizar mais. Também os papeis cruelmente satiricos do «Doutor» e do «Capitão», Horst Ruther e Fritz Linke se defenderam honrosamente, Pavel Mirov, «André» e, num tom de calorosa simpatia, Susanne Will, «Margarida», são as duas personagens de equilibrio que temperam o drama; Hasse Eschert, um pouco tímido para o «Tambor-mor»; Alvaro Malta, no «Bêbado triste», com um justo relevo que indicou bem o muito que haveria a esperar de alguns elementos portugueses; e Manuel Leitão, no mais episódico papel de «Bebado jovial», completaram o elenco.

No programa, a nota de Croner de Vasconcelos é reticente. E a meritória apresentação do texto do drama não deixa contudo adivinhar nem a sombra da funda, da medular poesia do texto, que faz transcender o realismo da expressão para o plano superior da arte sem senão.

O publico que encheu o teatro, á parte um ou outro dissidente de quem apreciamos a franqueza, e os grupos de apaixonados, portou-se muito bem. João de Freitas Branco, de resto, tinha anunciado com comedida e bem apoiada convicção a importancia do momento histórico que a musica moderna — e etérna — ia viver em Portugal. E não devemos esquecer que ele foi possível, acima de tudo, graças ao excepcional talento e ao denodo de Pedro de Freitas Branco.

FRANCINE BENOIT

CASINO ESTORIL

COM AS DESLUMBRANTES DECORAÇÕES DO CARNAVAL DE QUE TANTA GENTE FALA, MAS QUE MUITOS AINDA NÃO VIRAM, REALIZA-SE HOJE

O BAILE TRAPALHÃO DA «MI-CAREME»

MASCARE-SE DE QUALQUER MANEIRA E DIVIRTA-SE NO CASINO ESTORIL

E' PERMITIDO O USO DE MASCARILHA!

PREÇOS: NO GRANDE **SALÃO RESTAURANTE** E NO **«WONDER BAR»**, CONSUMO MÍNIMO POR PESSOA, **80$00**

NO **BAR-AMERICANO** SEM DIREITO A LUGAR SENTADO, 50$00

(MAIORES DE 17 ANOS)

AMANHÃ, «MATINÉE»-DANÇANTE COM TODAS AS ATRACÇÕES, CHÁ COMPLETO, 25$00

«Music-hall»

Espectáculos no Odeon

Por motivo dos festejos de Carnaval e, ainda, da apresentação de Luiz Mariano na cidade do Porto, não se realizaram, nas ultimas duas semanas, os espectáculos de «music-hall» habitualmente apresentados no Odéon.

Na terça-feira, ás 18 e 30, haverá novo espectáculo, com Margarida Amaral, Maria Fernanda Soares, Maria Marques, Jimmy, Tristão da Silva, três atracções internacionais, entre elas o fantasista Mini-Mini, e a orquestra de Domingos Vilaça. A realização e locução é de Marques Vidal

Cineclubismo

A próxima sessão do «Imagem»

Depois de amanhã, ás 18 e 30, no Capitólio, efectua-se mais uma sessão do Cine-Clube Imagem, sendo exibido o filme «Papá, mamã, a criada e eu», de Jean Paul Le Chanois.

AS 21.45 NO AVENIDA

A COMPANHIA DO TEATRO DE SEMPRE APRESENTA

O SEU MAIOR ÊXITO DE ALEGRIA!

UM MARIDO EM RODAGEM

A IRRESISTIVEL E ENGRAÇADISSIMA COMÉDIA DE HENRIQUE SANTOS

SAMWEL DINIS

ESPEC. P.ª MAIORES DE 12 ANOS

AMANHÃ ESPEC. Á TARDE ÀS 16 HORAS

VARIEDADES

LUNA ALVES

Às 21,45 horas A RAINHA DA COMÉDIA, TRIUNFA

NA SUA MAIOR CRIAÇÃO

A Rainha do Ferro-Velho

AO LADO DE Assis Pacheco

MARIA HELENA E ARTUR SEMEDO NOS PRINCIPAIS PAPEIS ✲ (ADULTOS M/17 ANOS)

AMANHÃ — DOMINGO, ás 16 horas ESPECTÁCULO Á TARDE!

DESPORTOS

O «NACIONAL» DA 1.ª DIVISÃO

Na Luz, Benfica e F. C. Porto

travam o jogo sensacional da temporada

A cinco jornadas do seu termo o campeontato nacional pode, definitivamente, reforçar a posição do Benfica — seu «leader» incontestável até agora.

O F. C. Porto, imediato perseguidor (três pontos a menos) joga, em Lisboa, e o facto, como é óbvio, presta-se a várias interpretações sobre o provável vencedor do torneio. Duas, no entanto, sintetizam as conjecturas: se o Benfica ganhar, o campeão está encontrado; se perder, o F. C. Porto passará a ser um sério candidato, embora os «encarnados» não percam a sua posição de «guias».

Assim, o encontro da Luz projectará no campeonato uma luz especial.

Por conseguinte, benfiquistas e «portistas» vão travar o jogo principal da jornada quiçá o mais sensacional da época.

Para amanhã, o calendário apresenta os seguintes jogos (22.ª jornada, 9.ª da segunda volta):

Benfica-F. C. Porto
Belenenses-Spt. Braga
Caldas-Sporting
Guimarães-Cuf
Académica-Lusitano
Sp. Covilhã-V. Setubal
Barreirense-Torriense

* * *

Ao F. C. Porto só lhe interessará uma hipótese — o triunfo. Portanto, espera-se que os visitantes adoptem um pronunciado estilo ofensivo, veloz e enérgico, por forma a usufruirem vantagem inicial. Ao Benfica também, claro, não é indiferente a conquista dos dois pontos, pelo que se aguarda porventura um cuidado especial na defesa e a exploração de uma táctica especial, á base de sentido prático. Afigura-se-nos que o jogo não proporcionará um embate vistoso, dado que as duas forças se equivalem. Será um despique entre dois gigantes—duro, entusiástico e emocionante.

Competirá a cada um dos sectores defensivos a resolução dos problemas, pelo que o prognóstico se inclina para um empate.

* * *

Nos restantes encontros, os visitados afiguram-se como prováveis vencedores, excepto o Caldas que recebe um Sporting decidido a consolidar a sua posição e porventura melhorá-la.

No Restelo há a garantia de um bom jogo, visto que as características dos dois quadros são propícias a tal previsão. Os «azuis» podem atingir um bom nível.

Prováveis formações

BENFICA — Costa Pereira; Serra e Angelo ou Zézinho; Neto, Artur e Alfredo; Palmeiro ou Chino, Coluna, Aguas ou Chino, Salvador e Cavém. F. C. PORTO — Acursio; Virgílio e Barbosa; Roberto, Arcanjo e Monteiro da Costa; Carlos Duarte, Hernani, Noé, Teixeira e Perdigão.

Arbitro: Encarnação Salgado (Setubal).

BELENENSES — José Pereira; Pires e Moreira; Carlos Silva, Figueiredo e Vicente; Abdul, Yauca, Mendes, Matateu e Tito. SP. BRAGA — Cesário ou Nogueira; José Maria, Azevedo e Narciso; Trenque, Calheiros e Pinto Vieira; José Maria Matos, Ferreirinha, Teixeira, Carlos e Mendonça.

Arbitro: Virgílio Baptista (Setubal).

CALDAS — Aurélio; Anacleto e Rogério; António Pedro, Saraiva e Orlando; Janita, Romeu, Mateus, Garnacho e Lenine. SPORTING — Sá; Lino e Hilário; Julius, Morato e Mendes; Hugo, Travaços, Martins, Diego e Quim.

Arbitro: Carlos Duarte (Coimbra).

V. GUIMARÃES — Sebastião; Virgílio e Abel; Barros, Silveira e João da Costa; Bártolo, Edmur, Ernesto, Carlos Alberto e Rola. C. U. F. — Gama; Durand e Abalroado; Oliveira, Palma e Vale; Rodrigues, Orlando, Arsénio, Bispo e Cravinho.

Arbitro: Aniceto Nogueira (Porto).

ACADÉMICA — Cristóvão; Araujo e Bento; Abreu, Marta e Torres; Chipenda, Humberto, Rocha, Samuel e Bentes. LUSITANO — Vital; Teotónio e Paixão; Olmedo, Falé e Garcia; Fialho, Vicente, Caraça, Flora e José Pedro.

Arbitro: Costa Martins (Porto).

SP. COVILHÃ — Rita; Helder e Couceiro; Martin, Cabrita e Lourenço; Pires, Lãzinha, Suarez, Gabriel e Oscar Silva. V. SETUBAL — Justino; Polido e Manuel Joaquim; Alfredo, Vaz e Serra; Soares, Fernandes, Jacinto, Miguel e Virgílio.

Arbitro: Eduardo Gouveia (Lisboa).

BARREIRENSE — Bráulio; Faneca e Abrantes; Lança, Pinto e Arturo; Freire, Correia, José Augusto, Faia e Moyano. TORRIENSE — Pinheiro; António Costa e Mergulho; Helder, Forneri e António Manuel; Mário, Isidro, Azevedo, José da Costa e Bezerra.

Arbitro: José Alexandre (Santarém).

O «NACIONAL» DA 2.ª DIVISÃO

Os jogos da penúltima jornada

oferecem vários motivos de grande interesse

O Campeonato Nacional da 2.ª Divisão está a dar as ultimas — como soe dizer-se. Mas, nem por isso deparecerám totalmente os motivos de interesse, quer na competição nortenha, quer no despique sulista.

Na Zona Norte ainda não há vencedor, sabendo-se, apenas que os dois primeiros lugares estão destinados para o Leixões e Boavista, sem se conhecer de que modo virão a classificar-se. Sabe-se que o Portalegrense é o ultimo. Mas... o terceiro lugar?!...

Na Zona Sul já não há duvidas quanto ao 1.º e 2.º classificados. Quanto ao 3.º e ao ultimo não são fáceis previsões.

E aqui está o «panorama» nas vésperas da 25.ª e penultima jornada que tanto poderá esclarecer algumas duvidas como aumentá-las.

*

Os desafios de amanhã na Zona Norte são os seguintes:

Tirsense (22)-Leixões (37) — (2-3)
Chaves (24)-Peniche (26) — (0-3)
Oliveiren. (23)-Marinh. (23)—(2-4)
Boavista (36)-Portaleg. (5) — (3-2)
G. Vicen. (22)-Salg. (26) — (1-4)
Vianen. (19)-Sanjoan. (22) — (1-1)
Espinho (26)-V. Real (25) — (0-1)

O Leixões, com um ponto de vantagem sobre o Boavista, tem uma deslocação assás difícil, tanto mais que os «axadrezados» devem ganhar.

Dos três clubes com mais justificadas pretensões ao 3.º lugar, o Peniche e o Salgueiros por terem de se deslocar, respectivamente a Chaves e a Barcelos, têm tarefa mais difícil do que o Espinho, que joga em casa. Todavia, não poderá conceder-se franco favoritismo, tal como sucede em relação aos desafios de Oliveira de Azemeis e Viana do Castelo. São todos jogos equilibrados, de desfecho muito duvidoso.

Na Zona Sul, teremos:

Sacaven. (15) Atlético (41) — (1-2)
Arroios (19)-Almada (26) — (0-4)
Oriental (23)-Montijo (27) — (1-2)
Coruch. (15)-Estoril (24) — (0-1)
Farense (29)-D Beja (16) — (1-1)
Serpa (18)-Olhanense (33) — (0-5)
Juvent. (22)-Portimon. (28)—(1-1)

Das equipas visitadas nem uma só ganhou na correspondente jornada da 1.ª volta, sendo natural que todas procurem com denodo a desforra.

Os dois primeiros — Atlético e Olhanense — vão ao campo dos adversários e devem ganhar se não confiarem demasiadamente porque o Sacavenense e o Serpa, darão tudo por tudo para não sairem derrotados, dado o perigo em que se encontram — no fim da tabela. Do Estoril, em relação ao Coruchense, pode dizer-se o mesmo.

O Farense é favorito Mas os jogos de Moscavide, Marvila e Evora são de mais difícil prognóstico.

O «Cross das Nações»

que se realiza em Lisboa

tem já a inscrição de 56 atletas

A Federação Portuguesa de Atletismo, que organiza o «Cross das Nações» continua a envidar todos os seus esforços para que a reunião de 21 de Março, nos terrenos anexos ao Estádio Nacional, resulte acontecimento digno do interesse que os Portugueses dedicam á modalidade.

Dos países, cuja inscrição era tida como certa, sabe-se que a Suíça anunciou não poder comparecer, por falta de verba, enquanto a Holanda não deu uma resposta definitiva.

A título de curiosidade, vamos dar os nomes de alguns dos atletas que se deslocam a Lisboa e que pertencem a oito equipas:

Inglaterra—F. Norris, Perkins, Sando e Anderson.

Espanha—Amorós, Garcia, Perez, Hurtado, Martin e Moreno.

Bélgica—Wandewattyne, Van der Hoven, Jornet, Vandevelde, Alonsins, Hoybroeck e Herman.

França—Alain Mimoun, Chidet, Geneve, Michel Benard, Ameur, e Benaíssa.

Escócia—Gilkes, Bannon, Jones e Brown.

Irlanda—Harrisson, Owens, Hewson e Appleby.

País de Gales—Flowers, Hocks, Griftin e Macknilley.

A equipa portuguesa sairá, sem duvida, deste grupo de atletas:

Manuel Faria, Joaquim Ferreira, Hélio Duarte José Araujo, Joaquim Dias Santos, Álvaro Conde, Maximiano Pinheiro, Armando Aldegalega, Julio Carmo e ainda os corredores juniores Manuel Marques e Alberto Xavier. Quanto a estes dois ultimos fundistas existe entre os técnicos uma opinião contrária á sua participação nesta corrida internacional.

Os pormenores da organização da prova estão a ser estudados atentamente pelos dirigentes, que reunem na sede da Federação duas vezes por semana para dar andamento ao expediente.

U. Montemor-Elvas

MONTEMOR-O-NOVO, 21 (Pelo telefone) — O jogo União Montemor-Elvas, que havia sido adiado, efectua-se amanhã, ás 15 horas, nesta vila, em virtude do clube local não ter concordado com o adiamento.

TAUROMAQUIA

José Trincheira

Por não ter ainda chegado o «visto» mexicano para a entrada de José Trincheira, foi adiada a sua partida para a próxima semana.

AVISO

BENFICA - PORTO

Dadas as dificuldades de acesso ao Estádio do Benfica a Direcção deste clube, em colaboração com as autoridades encarregadas da solução do problema, recomenda e agradece á sua massa associativa e simpatizantes, e ao publico em geral, interessados em assistir ao jogo de futebol a contar para o Campeonato Nacional da 1.ª Divisão entre o Sport Lisboa e Benfica e o Futebol Clube do Porto a realizar amanhã, dia 22 do corrente, pelas 15 horas, que a deslocação para o local do encontro se faça o mais cedo possível a fim de obviar, em parte, ás dificuldades referidas.

Esclarece-se, também, as pessoas interessadas em utilizar os parques de estacionamento de automóveis, que deverão apresentar-se munidas dos respectivos bilhetes de ingresso, os quais podem ser adquiridos na Secretaria do clube até ás 11 horas do dia do jogo.

Lisboa, 21 de Fevereiro de 1959.

A DIRECÇÃO

HANDEBOL

A Base Aerea n.º 2 conquistou o campeonato militar

Disputou-se, na Ota, a final do torneio de handebol de sete das Forças Aéreas entre as equipas do Batalhão de Pára-quedistas e da Base Aérea n.º 2, (Ota), que terminou com a vitória desta ultima, por 12-4.

Várias provas de amanhã

ACTIVIDADES DA M. P.

Campeonato de futebol (2.ª série) — Secção Maria Pia-Escola Afonso Domingues. Pupilos do Exército-Escola de Paiã e Secção Pina Manique-Liceu Francês, no Estádio Nacional, a partir das 10 horas.

Campeonato de handebol de sete — Escola Veiga Beirão-Liceu Gil Vicente-B e Escola António Arroio-Casa da Mocidade, no campo do Liceu Gil Vicente, ás 9 e 30 horas, em vanguardistas B; e no Estádio Nacional, a partir das 9 e 45; Liceu Camões-Escola Machado de Castro, Escola Nuno Gonçalves-Pupilos do Exército, Escola Francisco Arruda-Liceu Passos Manuel e Liceu Pedro Nunes-Secção Pina Manique, em vanguardistas A; e Escola Fonseca Benevides-Escola da Paiã e Escola Ferreira Borges-Escola Machado de Castro, em vanguardistas B.

Campeonato de voleibol — Vários encontros na Escola Nuno Gonçalves, a partir das 9 e 30 horas.

ATLETISMO

A secção de atletismo do Benfica promove no Campo Grande, ás 9 e 30 horas, mais um torneio para sócios e simpatizantes, com o seguinte programa: 60 m., 500 m., lançamento de peso e disco, saltos em altura e comprimento.

AUTOMOBILISMO

O Sport Lisboa e Benfica faz disputar o «Rallye Preparação». A prova complementar realizar-se-á antes das partidas que principiam a ser dadas ás 8 horas e 1 minuto. A chegada faz-se na Avenida Gomes Pereira.

BALUETEBOL

Prossegue o campeonato nacional da 2.ª Divisão — Zona Sul-A — estando marcados os seguintes encontros:

Ateneu-C. U. F. e Santa Catarina-Combatentes, da série B; Marvila-Almada, ás 13 e 30 h. em S. Gens; e Algés-Tabacos, ás 9 h., em Algés, ambos no domingo da série C; Lisgás-P. Arcos, ás 9, nos Barbadinhos, no domingo, e Seixal-Sacavenense, ás 11, no Seixal, também no domingo, da série D; C. Ourique-Mundet, em Campo de Ourique, no domingo, ás 11, da série E, Internacional-Vitória, ás 10 e 30 h., e Rio Seco-Queluz, ás 11 horas, no Campo Grande e Rio Seco, ambos no domingo, da série F; e ainda no domingo da série G, Pedrouços-E. Física, em Pedrouços, ás 12 h., e Moscavide-Cruzquebradense, em Moscavide, ás 9 horas.

Os campeonatos de juniores e infantis fornecem os seguintes jogos: Cruzquebradense-E. Física, na Cruz Quebrada, Oriental-Benfica, em Xabregas, e Sacavenense-Sporting (A), em Sacavém, ás 10 e 11 horas; Belenenses-Rio Seco, juniores, no Rio Seco, ás 10; Algés-L. Ginásio, em Algés e Pedrouços-C. de Ourique, em Pedrouços, ás 10 e ás 11 h.; Paço de Arcos-Liberdade, juniores, em Paço de Arcos ás 10 h.; Nacional-Ateneu, em S. Bento e Queluz-Atlético, em Queluz, ás 10 h., em infantis; Campolide-Moscavide, ás 10 h., no Liberdade, em juniores; e ainda na categoria de juniores: Tabacos-Combatentes, nos Barbadinhos, ás 10 h.; C. D. U. L.-Maria Pia, no Técnico, ás 10 h.; e Casa Pia-Algés B, no Porto de Lisboa, ás 11 horas.

Taça «Virgílio Rocha» — Rio Seco-Ateneu, no Rio Seco, ás 10 h.; Combatentes-Santa Catarina, na R. Possidónio da Silva, ás 10 horas.

CICLISMO

A temporada de 1959 tem a segunda jornada, reservada ás «Provas de Preparação», com o seguinte programa:

Independentes e seniores: 137 quilómetros, partida ás 8 horas. Percurso: Praça do Império ou Avenida do Restelo, estrada de Queluz, Ramalhão, Chão de Meninos, Lourel, Ericeira, Mafra, Malveira, Venda do Pinheiro, Vale de S. Gião, Póvoa da Galega, Milharado, Sapataria, Sobral, Arruda, Vila Franca, Sacavém, Portela, Avenida do Aeroporto e Avenida D. Rodrigo da Cunha.

Juniores: 110 quilómetros. Partida ás 8 e 15 h. Trajecto: Praça do Império ou Avenida do Restelo, estrada de Queluz, Ramalhão, Lourel, Ericeira, Venda do Pinheiro, S. Gião, Freixial, Bucelas, Cabeço da Rosa, Póvoa de Santa Iria, Sacavém, Portela, Avenida do Aeroporto e Avenida de D. Rodrigo da Cunha.

Iniciados: 70 quilómetros. Partida ás 8 e 30 h. Itinerário: Praça do Império ou Avenida do Restelo, estrada de Queluz, Ramalhão, Lourel, Granja, Algueirão Belas, Caneças, Montelavar, Loures, Frielas, Apelação, Sacavém, Portela, Avenida do Aeroporto e Avenida de D. Rodrigo da Cunha.

CORTA-MATO

Disputa-se, nos terrenos do Estádio Nacional, ás 11 horas, na distancia de 12 quilómetros, o campeonato regional de corta-mato para seniores.

DESPORTO CORPORATIVO

Continuam os campeonatos de fu-

(Continua na 10.ª página)

Recepção

em honra de Erico Verissimo

na Embaixada do Brasil

Erico Verissimo, que teve ontem o seu primeiro contacto com os escritores portugueses, num encontro na Editora «Livros do Brasil», ao qual estiveram presentes entre outros, o dr. Jaime Cortesão, presidente da Sociedade dos Escritores; António Sérgio, Aquilino Ribeiro, Ferreira de Castro, José Rodrigues Migueis, Fernando Namora, Joaquim Paço d'Arcos, Alves Redol, João Pedro de Andrade e Artur Portela, vai ser homenageado esta tarde, na Embaixada do Brasil, com um «cocktail» oferecido pelo embaixador sr. dr. Alvaro Lins.

Assistem as figuras mais representativas da literatura e do jornalismo portugueses.

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 15 horas: máxima, 16°,4; minima, 6°,2. No mesmo dia do ano passado: máxima, 16°,5; minima, 8°,8.

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL A'S 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o vento era fraco e o céu estava limpo por acção de uma massa de ar seco transportada na circulação de um anticiclone centrado a Noroeste da Peninsula Ibérica.

Temperaturas ás 9 horas: Porto, 6°; Lisboa e Coimbra, 8°; Faro, 9°; e Funchal, 15°.

PREVISÃO ATE' A'S 24 HORAS DE AMANHÃ — Céu pouco nublado; vento fraco.

A linha ferrea passará por um túnel

no troço que acompanha a Avenida da India

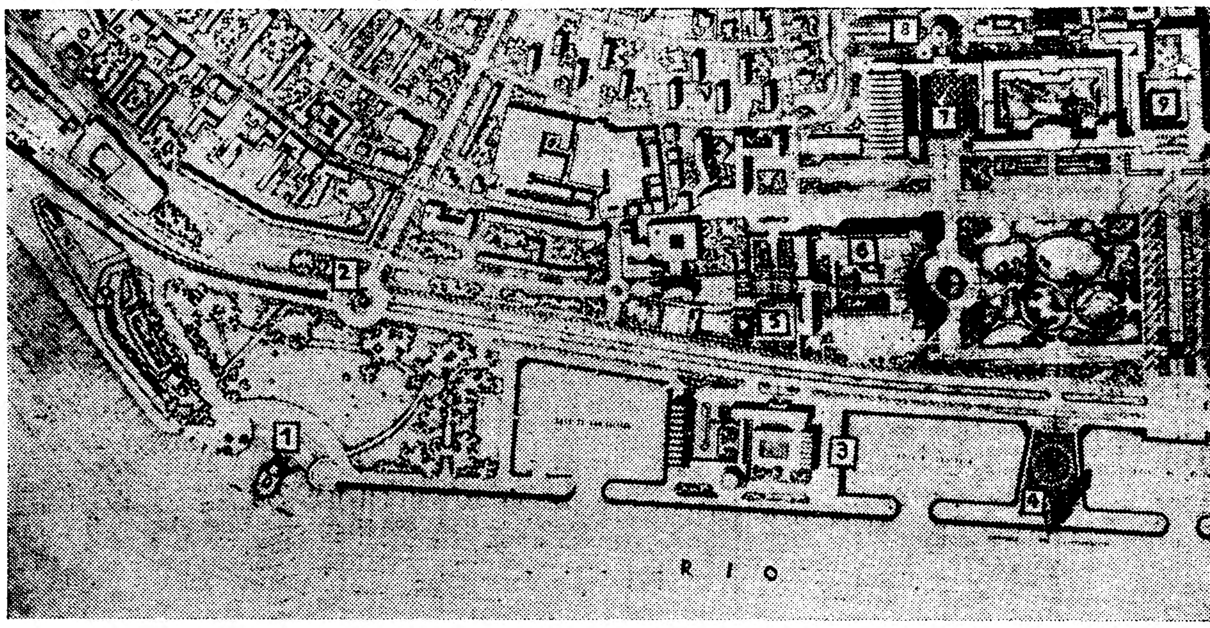
entre a estação fluvial e a Torre de Belém

(Continuação da 1.ª página)

fazer dele e quem, eram outros aspectos a estimar.

Os primeiros passos

Pusera-se, desde sempre, intento no grande espaço conquistado em Belém pela Exposição do Mundo Português e logo por esta deixado.



Os numeros indicam a localização dos seguintes monumentos existentes ou obras projectadas: 1) Torre de Belé[...] desportos náuticos e nova doca a construir; 4) Monumento dos Descobrimentos; 5) Instituto Superior de Estud[...] 8) Planisfério; 9) Mosteiro dos Jerónimos; 10) Palácio do Ultramar, a construir dentro de pouco tempo; 11) P[...] nidos; 13) Praça no eixo da estação fluvial, sobre a entrada do tunel do [...]

Mas em que ponto e de que maneira era possível fazê-lo, sem afrontar a nobilissima presença dos Jerónimos, era fundamentalmente o mais grave das soluções. Cotinelli Telmo tinha já andado por ali, sonhando para a Torre de Belém um enquadramento digno e novo, sem a afronta do «histórico» gasómetro; Cristino da Silva pusera hipóteses que, retomadas mais tarde, foram sendo corrigidas e adaptadas ás novas determinantes do urbanismo. E assim se chegou á decidida conclusão de que o Palácio do Ultramar iria erguer-se na Praça do Império, ladeando o mosteiro dos Jerónimos, sensivelmente no local onde funcionaram o Pavilhão de Honra e o Pavilhão de Lisboa na Exposição do Mundo Português. Ali, sim, porém, mais situado á direita de quem olha o local, do lado do Tejo. Mas, para se chegar a essa conclusão, foram precisos muitos anos de estudo, não só respeitantes á Praça do Império, mas a toda a bela zona ribeirinha que vai da estação fluvial, á Torre de Belém.

— Quando o dinheiro chegar para tanto — disse-nos um distinto técnico, ligado ao estudo dos problemas em curso — construir-se-á, como o anteprojecto prevê um tunel para o comboio do Estoril, assim se facilitando os acessos ao Mosteiro, entre a Torre e a Estação Fluvial. Esse tunel partirá de uma nova estação fluvial a construir em local vizinho da actual, mas antes de lá chegar, quem parte de Lisboa.

O notável arranjo da vasta zona é um ambicioso projecto que valorizará extraordináriamente o enquadramento dos Jerónimos, quando, por etapas, se lhe der execução. Respeita para já á construção do Palácio do Ultramar e inclui, para datas mais ou menos distantes, a construção do Museu da Marinha, do Museu do Ultramar, do Instituto Superior Ultramarino, do Planetário e de um notável Centro de Desportos Náuticos.

Nas suas linhas gerais, este vasto conjunto de urbanização, referente á zona marginal de Belém segue as sugestões do arquitecto Cristino da Silva e foi estudado de harmonia com um despacho do sr. ministro

O MISTÉRIO DE VALE DE GATOS

As divergências que se notam

entre a opinião do médico inglês

e as conclusões a que chegaram

as autoridades portuguesas

O Instituto de Medecina Legal enviou esta manhã ao delegado do procurador da Republica da comarca de Almada o respectivo relatório com as conclusões do exame toxicológico a que procedeu ás visceras dos cadáveres do casal inglês. As conclusões exaradas no relatório confirmam inteiramente aquilo que se tornou publico, ou seja que a morte ocorreu em virtude de intoxicação alimentar provocada pela ingestão de ameijoas. Os médicos que realizaram esse exame deram ao médico inglês, sr. Cyril Albert Pragnell, laguns informes sobre os resultados já obtidos. Em relação ao pedido que lhes foi feito por aquele clinico para examinar os cadáveres das vitimas, essa autorização não era da competência do Instituto de Medicina Legal, visto as investigações correrem por Almada e a autópsia aos cadaveres não ter sido feita por peritos daquele Instituto, mas sim por médicos da comarca de Almada.

O sr. dr. António Peralta Ribeiro, delegado do Procurador da Republica na comarca de Almada declarou-nos hoje que oportunamente será dada resposta ás declarações do médico inglês que se deslocou a Lisboa e acrescentou que, segundo as nossas leis, durante a fase da instrução preparatória de um processo, não é permitida a intervenção de estranhos, nem mesmo dos advogados de qualquer das partes. Uma vez o processo instrui-

(Continua na 11.ª página)

Um carregamento especial

da nova sopa de tomate Knorr

chega a Portugal

num avião da Swissair

Como foi noticiado pelos emissores do Rádio Clube Português (Programa Talismã), o rápido esgotamento das encomendas da nova sopa de tomate KNORR, originou a necessidade de efectuar uma remessa extra por avião a fim de garantir o abastecimento do País.

Reproduz-se em baixo uma imagem da chegada do avião da SWISSAIR que transportou esta remessa extra de sopa de tomate KNORR para Portugal.

A revisão do Plano

de Urbanização da Costa do Sol

foi aprovada por despacho

do ministro das Obras Públicas

Foi aprovada, por despacho do ministro das Obras Publicas, a revisão do Plano de Urbanização da Costa do Sol, a qual obedeceu aos termos do decreto-lei n.º 37.251. Foram, para isso, oportunamente nomeada uma comissão, constituida pelos representantes do Ministério das Obras Publicas e das Camaras Municipais de Cascais e Oeiras, a qual propôs soluções destinadas á actualização e ao aperfeiçoamento das disposições do plano para valorização daquela privilegiada zona turística.

Consoante o referido despacho ministerial, exarado em parecer do Conselho Superior de Obras Publicas, é aprovado um novo regulamento do plano e sua amplitude, reconhecendo-se a oportunidade de uma mais vasta e profunda revisão de alguns aspectos essenciais, como o da alteração da estruturação do plano e dos limites de expansão dos nucleos populacionais, dependente, naturalmente, dos estudos do Plano Regional de Lisboa, a executar ao abrigo de diploma apresentado, há dias, pelo Governo á Assembleia Nacional.

No âmbito das modificações aprovadas salientam-se aquelas que são introduzidas na regulamentação do plano, as quais permitem uma maior elasticidade na concepção dos projectos das edificações, conforme fora sugerido pelos Municipios interessados, bem como a faculdade

(Continua na 11.ª página)

Grandes males...

KNOXVILLE (Tennessee), 21 — Acusado de guiar embriagado, Mark A. Kollock declarou ao juiz: «Vou vender o carro, que só me causa aborrecimentos».

Perguntou o juiz se não seria preferível deixar de beber, passando a guiar em perfeitas condições. E Kollock retorquiu: «E' mais difícil. Tenho mesmo a impressão de que não era capaz de o conseguir...». — (A. N. I.).

Numa sessão conjunta

o ministro da Economia encerrou a semana «ao Serviço da Exportação»

e distribuiu os prémios da «Expo-58»

No Pavilhão da Feira das Industrias efectuaram-se, esta tarde, simultaneamente, as cerimónias de encerramento da semana «Ao serviço da Exportação» e a distribuição dos prémios atribuidos a Portugal na recente Exposição Universal e Internacional de Bruxelas. Presidiu o ministro da Economia, ladeado pelo secretário de Estado da Agricultura e subsecretário de Estado do Comércio.

Falou, em primeiro lugar, o dr. Alves Machado, presidente do Fundo de Fomento de Exportação, que se congratulou com o êxito da exposição.

Em seguida usou da palavra o sr. conde de Penha Garcia, que, na sua qualidade de comissário-geral de Portugal para a Exposição de Bruxelas, evocou aquele grande certame, que constituiu um extraordinário acontecimento mundial, no ano passado, e explicou a orientação que presidiu á representação do nosso País.

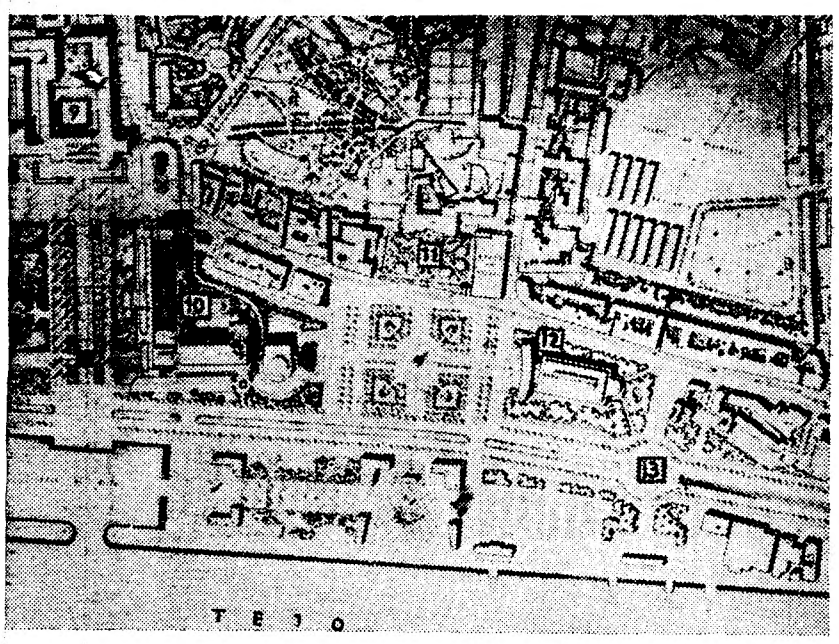
Acentuou que foi a maior participação portuguesa em qualquer exposição lá fora e pôs em relevo as circunstancias que explicam o êxito que alcançámos, concretizando pela distribuição de uma «Estrela de Ouro», ao conjunto da representação nacional, pela forma fiel como interpretamos o tema e pelo sentido exposicional com que o soubemos desenvolver, para o que muito contribuiram as colaborações de vária ordem de que o Comissariado de Portugal se rodeou.

Depois, referiu-se aos resultados práticos, que no capitulo da propaganda do País, resultaram da Exposição de Bruxelas, não só pelo que se refere ao pavilhão propriamente dito, em que colaboraram muitos dos nossos melhores artistas, mas também no que diz respeito ao restaurante — feliz arranjo decorativo de Eduardo Anahory e José Rocha — que foi um cartaz vivo dos nossos produtos alimentares.

Por fim, o sr. conde de Penha Garcia confiou ao sr. ministro da Economia a «Estrela de Ouro» com que foi galardoada a nossa representação.

Falou a seguir o sr. ministro da Economia, que principiou por enaltecer a feliz iniciativa do Fundo de

(Continua na 11.ª página)



re de Belém; 2) Boca do tunel do caminho de ferro; 3) Instalações para os ir de Estudos Ultramarinos; 6) Museu do Ultramar; 7) Museu da Marinha; mpo; 11) Palácio Nacional de Belém; 12) Edifícios Publicos ainda não defi- tunel do caminho de ferro.

vasto rente ue as ão da onia nistro

das Obras Publicas, datado de 1956, em íntima colaboração com o arquitecto Jacques Carlu e a valiosa assistência do director da Delegação das Novas Instalações para os Serviços Publicos, sr. eng. Boneville Franco.

O que vai ser em breve o Palácio do Ultramar

Antes, porém, de entrarmos na explicação do que vai ser o arranjo do conjunto, revele-se o que vai ser o Palácio do Ultramar, primeira grande realidade do conjunto de grandes realidades projectadas para o local. Se tudo correr como se prevê, ainda antes do fim do ano se iniciarão os trabalhos de construção, pois o anteprojecto está aprovado pelo Ministério das Obras Publicas, aguardando-se a ultima palavra do Ministério do Ultramar para que enfim possa passar-se ao projecto e deste aos fundamentos do edifício. E tudo isto que custará cerca de 33 mil contos, su-

(Continua na página seguinte)

Almoço de homenagem a António Sérgio

Amanhã, ás 14 horas, na Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal, efectua-se um almoço comemorativo da passagem dos 50 anos de actividade literária, do escritor dr. António Sérgio. O almoço é promovido por um grupo de cooperativistas.

(Continua na 11.ª página)

Dois nomes sobejamente conhecidos dos cinéfilos de todo o Mundo — Orson Welles e Curd Jurgens — vão figurar na ficha artística do filme «Passaporte para Hong-Kong», que para nós tem a particularidade de focar vários aspectos da nossa provincia de Macau, pois a acção se desenrola a bordo de um «ferry-boat» — precisamente aquele em que os dois artistas foram fotografados — que liga a referida cidade inglesa á nossa provincia do Oriente. Curd Jurgens, que está cada vez mais «galã-maduro», faz o papel de um refugiado que pretende ir viver para Macau, mas, por falta de documentação, é obrigado a viajar entre esta cidade e Hong-Kong, onde igualmente é proibido o seu desembarque; Orson Welles, cada vez menos «galã» e mais «maduro», encarna a figura do comandante do «ferry-boat». Como será Macau visto pelos cineastas ingleses?

DENTES
COMO ESTES
SO' COM
PASTA
MEDICINAL
COUTO
CONTRA AS
DOENÇAS DA BOCA

Um diplomata ludibriado

com a compra de falsas carpetes persas

Um indivíduo, de apresentação, falando correctamente o francês e outras linguas, acaba de ser desmascarado pela Polícia Judiciária, que lhe instaurou o respectivo processo o qual já foi enviado ao Tribunal da Boa Hora.

O protagonista da história policial que conseguiu convencer um diplomata estrangeiro chama-se Arménio da Fonseca Maia, mais conhecido por o «Arménio cigano». Com as suas habilidades e poder de insinuação, apresentou-se áquele diplomata como sendo estrangeiro e conseguiu vender-lhe quatro carpetes, que classificou de persas, mas adquirira momentos antes, por cerca de 3.700$00, a crédito, num estabelecimento da Praça da Figueira. O seu objetivo, porém, era cometer uma burla, e assim, ao encetar o negócio, encarecendo ao interessado o valor das referidas carpetes, pediu por elas 30.000$00.

O diplomata, porém — segundo consta —, fez-lhe uma contraproposta, oferecendo-lhe 500 dólares (cerca de 14.300$00). Era metade do preço exigido, mas ainda assim a manobra dava lucro fabuloso, e o «Arménio cigano» não hesitou em fechar o negócio, recebendo em pagamento um cheque ao portador, que logo foi descontado num estabelecimento da Baixa, por uma intermediária, ou seja a mulher que vive com ele.

O diabo porém, que, tapa com uma das mãos e destapa com a outra, pregou-lhe a partida e a proeza foi desmascarada, pois o Arménio conseguira de um amigo do diplomata, para dele se abeirar, uma falsa apresentação. Dias depois, inteirado do «negócio», o apresentante declarou que devia tratar-se de um indivíduo sem escrupulos. Foi o alarme e o diplomata suspeitando de ter sido vítima de um logro, o que foi confirmado pelo exame das falsas carpetes persas, apresentou queixa na Polícia Judiciária, que acabou por deslindar a vigarice, pela qual o «Arménio cigano» vai prestar contas ante o tribunal.

O «Diário de Lisboa» e «Sempre Fixe», vendem-se em Feijó, na TABACARIA BORGES

Les Cristalleries de BACCARAT

Encontra-se de passagem em Lisboa um Director Comercial desta importante e acreditada fábrica, que terá o prazer de atender a sua clientela nos dias e horas a combinar pelos telefones 26791 e 29070 dos representantes exclusivos para Portugal.

Antiga Casa José Alexandre
8 a 18 — RUA GARRETT
LISBOA

As suas jóias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos ultimos modelos.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
R. da Prata, 257

PRATEX
Dá esplendor ás pratas, casquinhas e metais brancos!

GAZCIDLA

Em 24 HORAS e utilizando os postais fornecidos pela CIDLA, **sem franquia**, V.ª Ex.as poderão ter o GAZCIDLA em sua casa.

Evite assim as TAXAS DE URGÊNCIA que a partir do dia 16 do corrente passaram a ser:

Em Lisboa ..... 7$50

ARREDORES:

Até Paço d'Arcos, Massamá, e Loures (inclusivé 12$50
Para além destas localidades ..... 15$00

ENTREGA DE EMERGÊNCIA
Domingos e Feriados, Tel. 382060 e 382069

Em Lisboa ..... 10$00
Arredores ..... 20$00

A urbanização
da zona de Belem

(Continuação da página anterior)

cederá, precisamente, ainda no decorrer de 1959, para se concluir dentro do prazo previsto de três anos.

Os trabalhos foram iniciados, como se disse com o beneplácito do comodoro Sarmento Rodrigues, no tempo do ministro Frederico Ulrich. Depois, outros problemas surgiram que reclamaram, porventura, soluções mais imediatas, até que, sob a égide dos actuais ministros do Ultramar e das Obras Publicas, se retomou o interesse pela obra monumental. Nascida, pode dizer-se, do Mundo Português, a ideia de erguer ali um grande palácio trazia consigo o perigo de afrontar a igreja dos Jerónimos. Por isso, considerou-se preferivel demorar decisões a seu respeito, a entregar-se a construção ao sabor de uma solução precipitada. Ao arquitecto Cristino da Silva e, depois, ao arquitecto francês Carlu, foram incumbidos estudos. Esbocetos que passaram pelos ministérios e pela Camara, constituiram os primeiros passos para um anteplano, aprovado nas suas linhas gerais. Partira-se do principio de que, no arranjo geral do local devia ser excluido o conceito de simetria e que nenhuma razão histórica ou artistica se ligava ao segundo corpo da igreja, excrecência de sabor romantico e cenográfico que se não é de demolir também não é de valorizar. Assim se criou a hipótese de construir uma alameda nobre, com empedrado a carácter e que será a via principal do conjunto; e como resto de moldura de um lado o maciço de verdura, do outro o Palácio do Ultramar. E' deste que se fala a seguir, seguindo, nas gravuras que se juntam, a sua linha em L, formado por três corpos distintos. O primeiro desses corpos seguirá ao longo da Praça do Império, o segundo paralelamente á Avenida da India; formando o terceiro corpo o gaveto, constituido pelo encontro dos dois primeiros corpos.

Pormenores e conjunto do Palácio do Ultramar

O bloco principal do conjunto, que é o mais extenso, pois mede cerca de 130 metros de comprimento, por 22 de altura, tem a configuração de uma nave gigantesca de 25 metros de largura, dentro da qual se desenvolverão os vários sectores destinados a uma exposição permanente, segundo os pontos fixados num programa que mostrará ao publico os aspectos fundamentais do mundo ultramarino: o homem, a fauna, a flora e os recursos, na sua definição didáctica e cultural.

O acesso a esta vastissima nave de exposição é feito por intermédio de uma ampla escadaria e das conhecidas escadas mecanicas, das primeiras, aliás, que aparecem em Lisboa.

No rés-do-chão deste mesmo corpo do edificio, situar-se-ão as secções de informações, turismo, filatelia ultramarina, propaganda, Imprensa e venda de artigos regionais, comunicando estas instalações com os jardins situados no interior do edificio — na sua zona nascente — para permitir acessos fáceis, no caso de haver festas ao ar livre.

Paralelo á Avenida da India, ficarão instalados os serviços culturais, com entrada privativa, duas salas de conferências e projecções, uma para 40 outra para 300 convidados, as belas «instalações de convívio», tais como salas de estar, de correspondência, café-restaurante, biblioteca, correio, telefones, tudo, enfim, que aproxime os Portugueses do Ultramar que visitem a Metrópole ou os Metropolitanos interessados em ser conquistados pelo mundo sugestivo e admirável do Ultramar. No ultimo andar deste piso, instalar-se-á a Agência Geral do Ultramar. E, sobretudo, neste mesmo corpo do edificio, ficará a sala de exposições temporárias, sempre variáveis, de acordo com as circunstancias: um grande mostruário de produtos agrícolas ou industriais? Um documentário sobre determinado facto histórico?

Como vértice dos dois catetos deste angulo, fica o terceiro corpo do edificio, quase todo ele ocupado pelo átrio de honra, vestíbulo nobre, admirável, nas suas decorações plásticas e como todo o piso inferior, envidraçado e precedido de um peristilo monumental, voltado para a Praça do Império.

Para mais tarde, para uma segunda fase de trabalhos, prevê-se a construção de um cine-teatro para mil espectadores, anexo aos serviços culturais, localizado a nascente do palácio. Para já, entretanto, prevê-se a possibilidade de fazer ali desfilar, ao ar livre, por exemplo, os testemunhos mais típicos da etnografia e do folclore ultramarinos, tal como, no conjunto admirável desta obra, o predisse e disse, no seu notável estudo, o eng.º Sá e Melo.

Os museus da Marinha e do Ultramar e o restante conjunto de melhoramentos

Postas em linhas gerais as caracteristicas e funções do que vai ser o Palácio do Ultramar, resta dar uma ideia sucinta do que serão os edificios projectados para este conjunto monumental, valioso não apenas pelo que representará como cartaz de uma das primeiras zonas turisticas do País, mas, ainda, como razão funcional.

Assinala-se, deste modo, que a Norte da Praça do Império, na ala anexa ao Mosteiro, onde está hoje o Museu Etnográfico Dr. Leite de Vasconcelos — foi construido no século XIX, com certo sentido cenográfico, segundo o risco do notável cenógrafo italiano Manini... — ficará instalado o Museu de Marinha, depois de ampliada a ala interior que não chegara a completar-se.

Andam agora lá a trabalhar os da construção civil, concluindo para já esse novo corpo do edificio, destinado á exposição henriquina que ali vai ser instalada, por ocasião do centenário do Infante. Quanto ao actual repositório do Museu Etnográfico, será a seu tempo transferido para edificio próprio, na zona da Cidade Universitária.

Mais tarde, contiguo ao Museu de Marinha — incluirá, além do ultimo avião, dos que levaram Gago Coutinho ao Brasil e as históricas e notáveis galeotas, peças unicas, talvez no Mundo, se excluirmos as da Indochina e da India — construir-se-á, na mesma zona do actual Museu Etnográfico, o Planisfério, museu cartográfico e pequeno mundo nauto-astronómico, para um povo que foi o primeiro da Europa a viajar nos grandes mares.

Outro elemento do maior interesse urbanistico será a construção do Instituto Superior de Estudos do Ultramar que sairá das actuais acanhadas instalações que ocupa na Praça do Principe Real, para se instalar ali, á beira do Tejo, nos terrenos que servem de depósito ao material vindo de Santa Maria. Lógicamente, o Instituto projectar-se-á no Museu do Ultramar — um museu cientifico e de investigação — quase virado para o rio e para o novo e belo maciço de verdura que assimetricamente ladeará a igreja dos Jerónimos.

Mais para cá, bem debruçados no Tejo, entre a estação de Belém e a torre manuelina, ficarão, além das vastas zonas ajardinadas, a doca — já existente — dos grandes e pequenos barcos de recreio, a da bênção dos bacalhoeiros e, mais tarde, no espaço conquistado ao Espelho de Agua e ao Museu de Arte Popular — ficará vizinho da Cidade Universitária — a nova doca que servirá apenas para pequenas embarcações. Ali ficarão os desportos náuticos, com as actividades da Brigada Naval, restaurante, cambios, telefones, telégrafo e serviços especiais de alfandega, para o grande turismo dos senhores dos iates.

Depois, é a doca do Bom Sucesso, a Torre de Belém, com os arranjos que o publico já conhece e a possível correcção dos inestéticos e recentes edificios de cimento armado que a ladeiam e que respeitam á defesa da costa. A histórica vigilancia desta, entretanto, ficará entregue á presença notável do Monumento dos Descobrimentos, cujos trabalhos de construção já começaram.

A valorização do Jardim Afonso de Albuquerque e dos edifícios quinhentistas existentes próximo, o próprio enquadramento da graciosa arquitectura do Palácio Nacional de Belém, o alinhamento de vários blocos de construção e arruamento, tudo são pormenores considerados do grandioso conjunto, cuja execução depende, aliás, doo Ministérios do Ultramar, das Obras Publicas, das Comunicações e da Camara Municipal.

DESPORTOS

BASQUETEBOL

Vitória do Sporting
sobre o Benfica (51-40)

No Pavilhão dos Desportos prosseguiu, ontem á noite, com a efectivação do encontro entre os «velhos» rivais — Sporting e Benfica — o campeonato nacional da 1.ª Divisão que está decorrendo com agrado e interesse.

A partida de ontem, não teve, no entanto, aquela faceta que se esperava, pois ambas as equipas praticaram um basquetebol frio, onde a modéstia foi a nota dominante.

Os «encarnados» com uma equipa menos forte agradaram porém, pois revelaram já certa coesão, principalmente, no primeiro tempo, em que estiveram de igual para igual a contrariar o poder e a eficiência dos campeões regionais que não chegaram ao nível desejado e que em boa verdade possuem. O jogo valeu pela evidência de acções individuais, algumas a provocar aplausos merecidos.

As vinte e oito faltas pessoais, que se registaram, (14 do Benfica e outras tantas do Sporting) vêm revelar a energia dos jogadores ou melhor, o cuidado posto por todos os elementos em luta na defesa do seu cesto. Por outro lado as tácticas apresentadas em que prevaleceram as anulações dos pontas de lança de ambas as equipas — Feu (Sporting) e José Alberto (Benfica) — tirou ao jogo a beleza espectacular que era de esperar. A anulação de Feu foi tão perfeita que aquele jogador não marcou um unico ponto na primeira parte e na outra metade do jogo não foi além de dois pontos, tendo, claro está, em consideração que esteve no banco algum tempo

Alinharam e marcaram:

SPORTING — Feu, 2; Abílio, 15; Garranha, 15; José Santos 8; José Mário, 2 e Hermínio, 9.

BENFICA — Manuel Campos, 10; José Alberto, 18; Furtado, 5; Vitor Pinto; Galhoz, 2 e Julio Campos, 5.

Arbitraram sem grandes rasgos: Artur Tavares e A. Silva.

Várias provas de amanhã

(Continuação da 7.ª página)

tebol e basquetebol da F. N. A. T. Eis o programa:

Futebol — 1.ª Divisão — Comp. Carris-C. P. Pesca e F. C. Regina-S. C. Guerin, em Belém, ás 9 e ás 11 h.; S. C. Cervejas-Of. S. José, na Picheleira, ás 11 h.; Cimentos Tejo-Ref. Ultramar, em Alhandra, ás 10 h.; F. L. Sacavém-Comp. Telefones em Sacavém, ás 10 e 15 h.

2.ª Divisão — Org. T. Santos-F. C. Regina, em Belém, ás 13 h.; C. P. Comércio-C. N. Electricidade, na Picheleira, ás 9 h.; F. Simões-Ar Líquido, em Benfica (F. Lázaro), ás 11 e 45 horas.

Basquetebol — (1.ª Divisão) — Comp. Carris-Guerin e F. C. Regina-S. P. Seguros, no Porto de Lisboa, ás 10 e ás 11 h., respectivamente. Ferroviários do Barreiro-B. Espírito Santo, no Barreiro, ás 10 horas.

DESPORTO UNIVERSITÁRIO

O campeonato universitário de futebol continua, no Estádio Universitário, com os jogos: Letras-Direito e Técnico-I. N. E. F., respectivamente, ás 9 e ás 11 horas.

ESGRIMA

No Centro Espanhol disputa-se, a partir das 9 e 30 horas, o campeonato de florete, de 2.ª categoria.

FUTEBOL AMADOR

Prossegue o torneio do Internacional, com os encontros: «Olímpico»-«Amoreiras» e «S. O. U.»-«Madeira», no campo das Telheiras, respectivamente, ás 9 e ás 12 horas.

GOLFE

No campo do Estoril disputa-se a segunda fase (1.ª e 2.ª eliminatória) do torneio da taça «Dr. Ricardo Espírito Santo Silva».

HANDEBOL

O campeonato de Lisboa (Divisão de Honra) tem a sua ultima jornada, mas não decidirá o vencedor, por haver quatro jogos em atraso. Estão marcados: Almada-Liberdade, no Pragal, ás 11 h.: Sporting-Glória, em Palma, ás 9 e 30 h.; Oriental-Belenenses, em Marvila, ás 11 e 30 (honra) e 10 e 15 (res.); Alverca-Benfica, em Alverca, ás 12 e 15 h. (honra).

O campeonato de juniores tem a sua 7.ª jornada: Sporting-Belenenses, em Alvalade, ás 9 h.; Almada-Oriental, no Pragal, ás 10 h.; Benfica-Cova da Piedade, no Campo Grande, ás 9 horas.

HIPISMO

Iniciam-se, ás 15 horas, no hipódromo do Campo Grande, com entrada livre, as tradicionais «Poules da S. H. P.», desdobradas em três competições — uma para juniores, outra para seniores, com cavalos sem «handicap» e outra para seniores, com cavalos com «handicap».

RAGUEBI

O campeonato nacional (Divisão de Honra) prossegue com os encontros seguintes: Belenenses-C. D. U. L., no Restelo; C. I. F.-Sporting, nas Telheiras — ambos ás 10 e 30 horas.

Na prova da 1.ª Divisão: Agronomia-Direito, no Estádio Universitário, ás 11 h.; Arroios-Académica em campo a designar.

Na prova da taça «Francisco Silva»: Benfica-C. I. F., no Campo Grande, ás 9 e 30 h.; Belenenses-C. D. U. L., no Restelo, ás 9 h.; Direito-Sporting, no Estádio Universitário, ás 15 horas.

TIRO A CHUMBO

No «stand» do Lumiar, a partir das 14 horas, provas de tiro aos pombos e aos pratos.

VELA

Na baía de Cascais, continuarão as regatas de «stars», organizadas pelo Clube Naval de Cascais.

O «Nacional» da 3.ª Divisão

Os 31 desafios
de amanhã

O Campeonato Nacional da 3.ª Divisão continua amanhã, com a realização de mais 31 desafios, correspondentes á 6.ª jornada da competição.

Eis os encontros previstos:

1.ª Série — Os Limianos-Mirandela, em Ponte de Lima; S. C. Régua-Desp. Monção, na Régua; U. Paredes-A. D. Fafe, em Paredes; G. D. Bragança-Murça F .C., em Bragança.

2.ª Série — R. Agueda-Académico F. C., em Agueda; S. C. Beira Mar-F. C. Penafiel, em Aveiro; Leça-Feirense, em Leça da Palmeira; A. D. Ovarense-F. C. Avintes, em Ovar.

3.ª Série — I. F. C. Cebolense-Mangualde, em Cebolais; A. C. e Desp. da Guarda-Lusitano de Vildemoinhos, na Guarda; C. Académico-S. B. Castelo Branco, em Viseu; Mortágua-Cernache, em Mortágua.

4.ª Série — F. C. Marrazes-G. D. B. I. Recreio, em Leiria; Naval 1.º de Maio-Marialvas, na Figueira da Foz; U. R. Mirense-C. F. U. de Coimbra, em Mira de Aire; G. C. Alcobaça-Lousanense, em Alcobaça.

5.ª Série — Leões-Alhandra, em Santarêm; C. D. Torres Novas-Vitória C. L., em Torres Novas; Tramagal-União Operária, no Tramagal; U. Vilafranquense-G. D. Ferroviários, em V. F. Xira.

6.ª Série — Cova da Piedade-C. F. Benfica, na Cova da Piedade; Amora-Sesimbra, na Amora; Luso F. C.-Casa Pia A. C., no Barreiro; S. L. Olivais-Seixal F. C., nos Olivais.

7.ª Série — S. C. Estrela-Estrela F. C., em Portalegre; S. L. Evora-Campomaiorense, em Evora; U. de Montemor-O Elvas, em Montemor-o-Novo.

8.ª Série — Despertar-Lusitano, em Beja; Louletano-Sambrasense, em Loulé; Silves-S. Domingos, em Silves; Aljustrelense-Moura A. C., em Aljustrel.

Todos os desafios se realizarão ás 15 h., com excepção do Luso-Casa Pia (no Barreiro) e S. L. Evora-Campomaiorense (em Evora), que estão marcados para as 11 horas.

PROVAS DA A. F. L.
4 torneios—34 desafios

A actividade dos filiados da A. F. L. volta a ser, amanhã, deveras apreciável, graças ao prosseguimento de quatro torneios, que fornecem a bagatela de 34 desafios — portanto, 68 equipas em movimento, qualquer coisa como cerca de 800 jogadores em acção.

Eis o programa:

Campeonato distrital da 2.ª Divisão (14.ª jornada) — Castelo-Santa Iria, no Estádio «Pina Manique» (treinos); Palmense-E. Amadora, no campo «José Ramos»; U. Povoense-Charneca, no campo do Telhal; Ericeirense-Amoreiras, no campo «Henrique Tomás Frade» — todos ás 15 h.; Odivelas-Fanhões, no campo «Diogo José Gomes», ás 15 e 30 horas.

Campeonato distrital da 3.ª Divisão — Série A (10.ª jornada) — Queluz-Lourel, em S. Pedro de Sintra; Belas-Castanheira, em Belas; Cacem-1.º de Dezembro, no Cacem; U. Algés-Alto da Eira, em Algés; Carcavelos-Linda-a-Velha, em Carcavelos — todos ás 15 e 30 horas. *Série B — 12.ª jornada* — Bucelenses-Vialonga, em Vialonga (por troca); Camarate-Pinheiro de Loures, em Camarate; Castanheira-Ponte de Frielas, na Castanheira; Caneças-Loures, em Caneças; Povoense A. C.-Tojal, na Póvoa de Santa Iria; Malveira-Zambujalense, na Malveira — todos ás 15 e 30 horas.

Campeonato distrital de juniores da 2.ª Divisão (14.ª jornada) — Série A — Carcavelos-Mirantense, em Carcavelos; Vitória-Santa Catarina, na Picheleira — ambos ás 10 e 30 horas; Linda-a-Velha-Algés, no Estádio Nacional (treinos), ás 11 e 15 horas. *Série B* — Queluz-Sporting, em Belas, ás 10 e 30 horas; Amoreiras-Sintrense no campo «Pina Manique» (treinos), ás 11 e 15 horas; Rio de Janeiro-Amadora, em Talma-B; Futebol Benfica-Casa Pia A. C., no campo «Francisco Lázaro»— ambos ás 11 e 30 horas. *Série C* — Alverca-Sacavenense, em Alverca, ás 9 horas; Santa Iria-Vilafranquense, em Santa Iria; Camarate-Oriental, em Camarate — ambos ás 10 e 30 horas.

Prova distrital de principiantes (2.ª jornada) — Série A — Torriense-Oriental em T. Vedras; Sporting-E. Amadora, no Estádio «Alvalade» (treinos) — ambos ás 10 e 30 horas; Casa Pia-Atlético (A), no Estádio «Pina Manique», ás 11 horas; Palmense-Belenenses, em Palma, ás 11 e 15 horas. *Série B*—Atlético (B)-Vialonga, na Tapadinha; Vilafranquense-S. L. Olivais, em V. F. de Xira; Benfica-Alhandra, no Campo Grande; U. Povoense-Sacavenense, na Póvoa — todos ás 10 e 30 horas.

A prova «O Pote 1958»

A final da prova «O Pote 1958», organizada pela Sociedade Hipica e Lebreira de Elvas, realiza-se amanhã, pelas 10 horas, na herdade da Colónia Correccional de Vila Fernando.

Será também disputada a taça «Marquês de Alegrete».

HOIE, Á NOITE

ASSEMBLEIAS — Para apreciação do relatório e eleições reune-se, ás 21 horas, a assembleia geral da Federação de Basquetebol e para apreciar a duplicidade de credenciais no congresso de patinagem reune-se a da Associação de Patinagem do Oeste, á mesma hora.

BADMINTON — Prossegue, ás 21 horas, o campeonato regional da 1.ª Divisão com os encontros Sportin-Direito e Benfica-Lisboa Ginásio, no ginásio da Escola Nuno Gonçalves, e Triangulo-Técnico, em S. Bento.

BASQUETEBOL — Para o campeonato nacional da 1. Divisão: Barreirense-Luso, no Barreiro, ás 21 horas; Montijo-Belenenses, no Montijo, ás 21.30; Galitos-Ginásio Figueirense, em Aveiro, ás 22; F. C. Porto-Boavista, na Constituição, e Académica-Sangalhos, em Coimbra, ambos as 22 horas.

HOQUEI EM PATINS — No Casino de Sintra, ás 22 horas, são homenageados os jogadores do Hóquei de Sitra vencedores do campeonato nacional, no decorrer de uma cerimónia a que se associam as entidades oficiais do concelho.

XADREZ — Nova apresentação de Geza Fuzter, no Ateneu, ás 21 horas, numa sessão internacional de partidas rápidas (5 minutos para cada jogador).

O mistério de Vale de Gatos

(Continuação da página central)

do, os interessados já podem consultá-lo.

—Limitámo-nos, portanto, a cumprir a lei, que é igual para todos, tanto para estrangeiros como para portugueses. Tanto mais que se tratava de pessoa interessada em fazer depender o resultado da investigação para determinado fim que se prende com um seguro de 10.000 libras.

As pessoas que, como nós, assistiram á remoção dos cadáveres da vivenda onde passaram a noite, verificaram que a senhora foi encontrada num dos quartos sentada aos pés do leito, com a cabeça pendente e, segundo opinião dos médicos que procederam á autópsia e observaram a posição dos cadáveres, a sua morte devia ter sido quase fulminante e anterior á do marido, tendo poucos vómitos, pois dentro do nariz tinha alguns resíduos que não chegou a expelir. Com o marido, o caso devia ter sido mais demorado, pois teve várias convulsões antes da morte e, ao contrário de sua esposa os seus vómitos foram abundantes. Ora, não é de admitir a intoxicação por óxido de carbono, como pretende o dr. Cyril Pragnell, pois o fogão de aquecimento estava colocado num local bastante ventilado, com ar do exterior, que vinha por umas frestas. Tanto mais que as crianças se encontravam nuas junto da mãe, dando a impressão de que esta, que estava vestida, viera adormecê-las para depois ir para o outro quarto deitar-se com o marido. A circunstancia de estar descalça pode fazer supor que o fizera propositadamente para não acordar as crianças quando saísse de junto delas. E' natural que o marido, quando se sentiu mal, ainda a chamasse, mas nessa altura já ela estava morta.

Movimento diplomático

(Continuação da 1.ª página)

vizinha em Angola e Moçambique é um dos factores com que precisamos de contar no complicado xadrez em que as paixões e os interesses nem sempre são favoráveis á nossa causa secular, límpida e justa.

Quanto ao dr. António de Faria, agora nomeado embaixador em Paris, manteve-se, durante sete anos, com muito brilho, na embaixada do Rio de Janeiro, ocupando actualmente a nossa representação no Conselho do Pacto do Atlantico.

O dr. Luís Norton de Matos, possuidor de um nome ilustre na vida portuguesa, é também um distinto historiador, sendo notável o seu livro «A corte de Portugal no Brasil no tempo de D João VI», e deixa a embaixada em Ankara, para ocupar igual alto cargo em Estocolmo.

Para o cargo de secretário-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros foi designado o sr. dr. Abílio Pinto de Lemos, um dos mais distintos funcionários da carreira diplomática que ocupava o posto de director-geral dos Negócios Políticos. Ascende muito novo áquele alto cargo, embora interino.

73 CONTOS

para o serviço de pediatria do Hospital Escolar

Em seguimento da sugestão que lhe foi feita pelo ministro da Saude e Assistência, a administração da Sociedade «A Tabaqueira» ofereceu, ao serviço de pediatria do Hospital de Santa Maria, de que é director o sr. prof. dr. Salazar de Sousa, a quantia de 73 contos destinada á aquisição de um «ressuscitador» (de Oxford), de uma tenda para administrar oxigénio ás crianças gravemente doentes, de um aparelho basculante para incubadora e de um gravador de Bal. O remanescente será destinado á melhoria do laboratório privativo daquele serviço e a oferta foi feita por intermédio do Fundo de Socorro Social.

Colonos equatorianos

QUITO, 21. — Um bando de Indios selvagens—os Aucas—matou sete colonos equatorianos que trabalhavam nos campos, perto da confluência dos rios Oglan e Curaçay.

Foi naquela região que os Aucas mataram, há tempos, cinco missionários. — (A. N. I.).

A gravidade dos distúrbios registados em Brazzaville salientada pelo primeiro-ministro do Congo Belga

BRAZZAVILLE, 21. — A Polícia continua a efectuar rusgas, numa tentativa de impedir a repetição dos sangrentos motins que tiveram início na segunda-feira ultima. O numero de mortes eleva-se a 97 e o dos feridos é calculado em mais de 200.

Já foram efectuadas até agora cerca de 550 prisões, em consequência das rixas entre as duas tribos indigenas, uma partidária do actual chefe do Governo, Fulbert Youlou, e outra chefiada por Jacques Opengault, que foi processado, anteontem, sob a acusação de incitar o povo á sedição, rebelião e pilhagem. Quase todos os presos são partidários de Opengault.

Esta manhã, as ruas de Brazzaville, onde a vida se mantém normal, continuavam a ser patrulhadas por forças do Exército e da Polícia.

As autoridades informam que nas povoações de Poto e Bacongo, nos suburbios de Brazzaville, continua a mesma atmosfera de tensão. Nas principais encruzilhadas, forças da Polícia, transportadas em carros blindados e armadas com espingardas-metralhadoras, mantêm-se de vigilancia, prontas a intervir.

A maior parte dos indigenas que tomaram parte nas escaramuças, já começou esta manhã a apresentar-se ao serviço.

Foram encontrados esta manhã mais cadáveres entre o mato, em redor de Brazzaville. Calcula-se que o numero de mortos se eleve a mais de 100. — (A. N. I.).

A gravidade dos distúrbios

BRAZZAVILLE, 21. — Fulbert Youlou presidiu, esta manhã, a uma sessão especial da Assembleia Constituinte, para discutir a nova Constituição da Republica do Congo. Apenas 25 deputados todos pertencentes á União para a Defesa dos Interesses Africanos, que é o partido de Goulov, compareceram á sessão.

Os outros 45 deputados, filiados nos partidos Socialista e Progressivo d oCongo, recusam-se, desde segunda-feira, ultima, a assitir ás sessões.

Depois de um minuto de silêncio, em memória das vitimas dos recentes motins, Fulbert Youlou proferiu um breve discurso, em que salientou a gravidade dos disturbios e declarou que as forças de segurança têm ordem para agir com firmeza contra os desordeiros. — (A. N. I.).

Os tumultos na Niassalândia

SALISBURY, 21. — Anunciou-se que desordeiros africanos ocuparam um aeródromo na Niassalandia e dispararam contra reforços da Polícia que chegaram ao local para ajudar a combater a vaga de tumultos que se regista actualmente no território.

Algumas horas antes da desordem, o primeiro-ministro federal, sir Roy Welensky, anunciou que enviara um batalhão de soldados para a Niassalandia.

Um comunicado do Governo da Niassalandia, emitido na noite passada, afirmava que os acontecimentos recentes revelavam uma campanha de desobediência civil, que nos ultimos 15 dias assumira a forma de comícios ilegais.

O comunicado acrescentava: «Alguns destes comícios ilegais assumiram proporções tumultuosas, que tiveram como resultado danos causados a propriedades e ferimentos em algumas pessoas». — (R.).

A comissão organizadora do Carnaval do Estoril encerrou os seus trabalhos

Oito dias após a terça-feira de Entrudo, a comissão organizadora do Carnaval Internacional do Estoril encerrou os seus trabalhos. A' ultima reunião presidiu o sr. Teodoro dos Santos, presidente do conselho de administração da Sociedade Estoril-Sol, ladeado pelos srs. dr. Manuel Teles e Jorge Teodoro dos Santos, administradores daquela empresa.

Falou, em primeiro lugar, o sr. coronel Costa Junior, presidente da referida comissão, que se congratulou pelo êxito alcançado e pelo que a iniciativa representou como propaganda para Portugal. Em seu nome e no de todos os membros da comissão, o sr coronel Costa Junior prestou homenagem ao sr. Teodoro dos Santos, que foi, na realidade, o grande «arquitecto» do Carnaval Internacional do Estoril, pelo que merece inclusive, os aplausos dos poderes publicos.

Por sua vez, o sr. Teodoro dos Santos agradeceu a valiosa colaboração da comissão organizadora e focou o valioso apoio da Imprensa ao Carnaval do Estoril que, segundo disse, para o ano será maior e melhor.

Os «foliões», portugueses e estrangeiros, assim o esperam.

O caso da «Tavol» continua a ser investigado

Os casos de várias organizações de vendas a prestações e, em especial, o da «Tavol», continuam a ser investigados pela Polícia Judiciária, através da sua 8.ª secção, em diligências orientadas pelo inspector dr. Lopes da Rocha. Diáriamente, de todos os pontos do País e principalmente da capital, a P. J. recebe queixas cujo numero já se eleva a centenas.

Segundo se sabe agora, a referida organização dispunha de uma rede vastíssima em todo o País, por onde se espalharam os seus angariadores, muitos dos quais nem sequer chegaram a liquidar as contas nas pensões e hoteis em que se hospedavam.

Entretanto, novas informações sobre as proezas da «Tavol» chegaram áquela corporação, as de que alguns dos seus angariadores continuam a comparecer nas residências dos clientes, que ainda desconhecedores estão a satisfazer as importancias estipuladas pelos respectivos contratos. As investigações realizadas ultimamente culminaram com a detenção do chefe da referida organização, que ao sentir-se em perigo se havia ausentado para parte incerta, mas acabou por ser localizado e preso, encontrando-se actualmente nos calabouços da sede da Polícia Judiciária.

CLARE BOOTHE

embaixatriz no Rio?

WASHINGTON, 21. — Afirma-se em círculos bem informados que Clare Boothe Luce, que já foi embaixatriz dos Estados Unidos em Roma, será nomeada para chefiar a missão diplomática norte-americana no Rio de Janeiro. Clare Luce é casada com o chefe de redacção da revista «Time», Henry R. Luce. — (A. N. I.).

Lingotes de ouro roubados na Suiça são agora procurados pela Polícia Judiciária

Um audacioso assalto praticado na Suiça, em que foram roubados lingotes de ouro no valor aproximado de 800.000$00, está a ser activamente investigado pela nossa Polícia Judiciária, através das suas subdirectorias de Lisboa e Porto, e, ainda, pela delegação de Coimbra, por solicitação das autoridades suíças que telegrafaram para Lisboa, ao mesmo tempo que a Interpol, avisada do caso, está já em acção para descobrir e prender tão audaciosos gatunos.

Os larápios assaltaram um vagão postal na gare de Bale, presumindo a Polícia helvética, conforme comunicou á P. J., que os autores do furto devem estar familiarizados com as operações de serviço postal, pois conseguiram levar um saco postal dos Correios da Republica Federal da Alemanha que continha os referidos lingotes de ouro industrial, não embalado, oito dos quais com o peso de 8,404 quilos e dois com 13,183 quilogramas no valor total de 94.500 francos suíços.

Multado só pelo cheiro

LONDRES, 21 — O vendedor ambulante Joseph de Bono, de 25 anos, foi multado em 10 xelins (40 escudos) por andar a vender «cachorros quentes» em Park Lane — um dos bairros mais luxuosos de Londres.

O juiz, voltando-se para o vendedor, perguntou-lhe: «Não sabia que os habitantes de Park Lane não comem cachorros?».

O polícia que prendera Bono atalhou: «Não é dos «cachorros quentes» que eles se queixam, porque os comem. E' do cheiro da cebola».—(A. N. I.).

No Pavilhão da F. I. P.

(Continuação da página central)

Fomento de Exportação, focando a necessidade de Portugal se fazer representar, com maior assiduidade, nas feiras de amostras que periódicamente se realizam no estrangeiro. Elogiando a exposição que esteve patente ao publico na F. I. P., o sr. eng.º Ferreira Dias afirmou:

— Grande serviço se fez; grande prova de compreensão deram os exportadores, associando-se á iniciativa e acarinhando-a com a sua presença e com o seu estimulo; grande tarefa se impõe para tirar desta obra o largo beneficio que ela é capaz de produzir.

A seguir, o ministro da Economia referiu-se á representação de Portugal na exposição de Bruxelas, salientando o facto de, em face do volume de recompensas recebidas, o nosso pavilhão ter ficado em 7.º lugar, e ainda a circunstancia honrosa de nos ter sido atribuida uma «Estrela de Ouro», o maior galardão reservado para as representações nacionais.

Por fim, o sr. eng.º Ferreira Dias louvou o comissário-geral e os comissários-adjuntos do nosso pavilhão, felicitando-os pelo seu excelente trabalho, e procedeu á entrega dos principais prémios concedidos aos expositores.

A urbanização da Costa do Sol

(Continuação da página central)

concedida ás Camaras, de, mediante para um melhor ajustamento terações que julgarem convenientets para um melhor ajustamento das disposições de pormenor aos objectivos do plano geral.

Assim, é de esperar que corresponda á maior liberdade de autonomia de concepção e acção conferidas ás Camaras Municipais o seu maior e melhor apetrechamento em serviços técnicos especializados.

No referido despacho é concedido relevo especial á necessidade de se fomentar a arborização de todo aquele sector, como elemento altamente valorizador da região, e são determinadas normas de actuação dos serviços no sentido de eliminar peias burocráticas desnecessárias e inibitórias de rápida resolução dos problemas, sem quebra da acção disciplinadora do plano nem diminuição da fiscalização indispensável para garantia do seu cumprimento, pois se faculta o contacto mais directo e frequente entre os serviços competentes do Ministério das Obras Publicas e os Municípios dos concelhos de Oeiras e Cascais.

Uma criança caiu ao rio Pavia e morreu afogada

VISEU, 21 — Brincava á beira do rio Pavia, em Vildemoinhos, a pequenina, Aninhas, de 3 anos, enlevo de seus pobres pais. Inadvertidamente, foi parar dentro da água e quando os socorros chegaram e a retiraram do rio, a linda criança estava morta, o que provocou profunda impressão em toda a vila.

Era filha do sr. António de Almeida Lopes e da sr.ª D. Emília de Jesus e Sousa Lopes, de Vildemoinhos, que tem mais cinco filhos.

A morte do almirante Gago Coutinho

No gabinete do sr. ministro da Marinha, têm sido recebidos muitos telegramas de condolências pela morte do almirante Gago Coutinho. Entre eles incluem-se os que foram enviados pelo ministro da Marinha de Espanha, almirante Abrazuza, e pelo almirante Davis, da «Home Fleet», que brevemente vem a Lisboa com uma esquadra inglesa.

O telegrama do ministro espanhol da Marinha ao seu colega português é redigido nos seguintes termos:

A Marinha espanhola associa-se de todo o coração ao desgosto da Marinha portuguesa e exprime-lhe o seu mais sincero pesar, por motivo do falecimento do insigne almirante Gago Coutinho.

O sr. contra-almirante Quintanilha e Mendonça Dias respondeu, também telegráficamente:

A Marinha portuguesa agradece, profundamente reconhecida, a carinhosa manifestação de pesar e os sentimentos de fraterna solidariedade da Marinha espanhola, pela irreparável perda do saudoso almirante Gago Coutinho.

Homenagem do ministro da Marinha do Brasil

RIO DE JANEIRO, 21 — O ministro da Marinha brasileira, almirante Matoso Maia, referindo-se ao falecimento do almirante Gago Coutinho, disse:

«Ele foi tão popular e querido na sua terra como aqui, onde contava com o carinho e a veneração devidas ao idealismo que assinalou, desde cedo, a sua existência gloriosa. O seu desaparecimento causou profundo pesar em toda a comunidade luso-brasileira, que dele se despede com o sentimento de que muito lhe deve pela fraterna amizade existente entre os dois povos e pelas perspectivas de uma perene comunhão no futuro.

«Brasil e Portugal reunem-se á beira do seu tumulo, na certeza de que a sua lição, o seu exemplo, os seus sentimentos e as suas ideias ficarão connosco como sementes de uma fraternidade que ainda não atingiu os seus limites».—(A. N. I.).

Voto de pesar do Municipio de Évora

EVORA, 21 (Pelo telefone) — Na sua reunião de ontem á noite, a Camara Municipal de Evora recolveu, por unanimidade, exarar na acta um voto de profundo pesar pela morte do glorioso almirante Gago Coutinho, e enviar ao ministro da Marinha um telegrama de condolências da cidade pela perda de tão igrégia figura.

Especulação na venda de carnes descoberta pela I. G. A.

Têm aumentado ultimamente, em especial na Província, as queixas de consumidores contra abusos especulativos por parte de talhantes. A vigilancia a cargo da Intendência-Geral dos Abastecimentos descobriu, efectivamente, alguns casos de especulação. Em Evora, foi preso, em flagrante delito, o cortador Isaías do Amaral e Sá, por ter vendido uma porção de carne de carneiro por 7$00, quando o seu preço era de 3$50; e processado um talhante, que vendia carneiro com uma diferença especulativa de 8$60 em quilo. Em Coimbra, foram processados: um talhante do mercado municipal, que cobrou 5$60 a mais em 750 gramas de vitela; e um outro, da Conchada, por especular em carnes de vitela e vaca.

Em Lisboa, foram processados: um talhante da Rua José Duro, que vendeu vaca á razão de 38$60 o quilo (tabela, 29$60); um outro, da Estrada de Benfica, que vendeu carneiro por mais 10$00 em quilo; outro da Rua Latino Coelho, por venda de carneiro com uma diferença especulativa de 6$60 em quilo; um cortador da Travessa Henrique Cardoso, que vendia perna de vitela á razão de 38$60 (preço legal, 33$60); um cortador da Rua Bulhão Pato, porque numa porção de vaca cobrou a mais 3$10 em relação ao quilo.

Em Carcavelos, foi levantado processo contra o encarregado de um talho, que cobrou indevidamente 5$10 em vaca e vitela.

O PORTO pelo telefone

A visita do ministro do Interior

PORTO, 21. — Na próxima quarta-feira, visitará, oficialmente, e pela primeira vez, esta cidade o ministro do Interior, sr. coronel Arnaldo Schulz, demorando-se aqui dois dias, a fim de presidir a inaugurações no Porto e visitar várias localidades do distrito. No dia da chegada, á tarde, pois desembarcará em Pedras Rubras no avião da manhã, aquele membro do Governo assistirá á inauguração do novo quartel acabado de construir para os Sapadores Bombeiros. Não havendo no País, nem na Peninsula instalações congéneres que se lhe possam comparar, o quartel dos Sapadores Bombeiros no Porto é semelhante aos novos edifícios militares espalhados pelo continente.

O naufrágio das duas bateiras

A população do lugar de Afurada, onde residiam os cinco infelizes pescadores que anteontem perderam a vida na trágica barra do Douro, mantem-se permanentemente vigilante á espera que o mar lhe devolva os corpos dos seus queridos mortos. Hoje apareceu o primeiro cadáver, que deu á costa no mar da Madalena, frente á freguesia de Canidelo. Trata-se de Dinis Gomes da Silva. Devido a ter aparecido no próprio dia da tragédia a roupa do mais novo dos náufragos, o facto deu lugar a que tivesse sido dada a notícia do aparecimento do seu corpo, o que até agora ainda não se verificou.

Falecimento

Na sua residência, Rua de Cimo da Vila, faleceu o vendedor de jornais José Joaquim Dias, de 41 anos mais conhecido pela alcunha de «O Picado» e que há cerca de 25 anos vendia jornais á porta da «Brasileira». José Joaquim Dias fôra assistir ao enterro de outro seu colega, Amadeu, vendedor á porta do «Estrela de Ouro», e veio a falecer na madrugada do dia seguinte. O funeral efectua-se amanhã, ás 11 horas, no cemitério do Prado do Repouso.

Cartaz para amanhã

SÁ DA BANDEIRA — Ás 21 e 45 — A revista «Com jeito, vai!».
COLISEU — A's 21,30 — «Os violentos».
RIVOLI — Ás 15 e 30 e 21 e 30 — «Frutos de Verão».
BATALHA — Ás 15 e 30 e 21 e 30— «A costureirinha da Sé».
TRINDADE—Ás 15 e 30 e 21 e 30— «O sétimo pecado».
NUN'ALVARES — Ás 21 e 30 — «Raparigas de uniforme».
ÁGUIA DE OURO — Ás 15 e 30 e 21 e 30—«O segredo do culpado».
S. JOÃO — Ás 15 e 30 e 21 e 30 — «Férias em Ischia».
JULIO DINIS — A's 21 e 30 — «A rapariga das violetas».
VALE FORMOSO — A's 21 e 30— As aventuras de John Treman».
OLIMPIA — A's 15 e 30 e 21 e 30— «Um valente»

UMA PALESTRA no I. N. E. F.

Em prosseguimento do ciclo de palestras intitulado «A arte e a juventude», organizado pelo Instituto Nacional de Educação Física, o sr. professor arquitecto Carlos Ramos, director da Escola de Belas-Artes do Porto, proferiu hoje uma palestra sobre arquitectura.

No anfiteatro daquele estabelecimento de ensino, além dos respectivos director, subdirector e professores assistiram muitos diplomados e alunos de Educação Física, que participaram no debate travado com o prof. Carlos Ramos após a palestra.

No próximo sábado, o sr. dr. Domingos Mascarenhas falará sobre cinema.

SPORTING
Em CALDAS
DOMINGO, 22 DE FEVEREIRO
Partida ás 10 horas — Directa. Regresso ás 18 horas por Bombarral-Torres Vedras. Paragem 30 minutos — Lisboa
PREÇO ESC.: 40$00
Ida facultativa a Foz do Arelho
Informações e inscrições na
RODARTE
R. da Palma, 159-A—T. 861214

NECROLOGIA

Dr. Luciano Serrão de Moura

Dr. Luciano Serrão de Moura

Faleceu no dia 14, sem que do triste acontecimento se tenha dado conhecimento em respeito a uma vontade do extinto, tantas vezes manifestada, o dr. Luciano Serrão de Moura cuja morte causou dorosa surpresa entre os seus amigos e admiradores. Tido em alto apreço pelos seus méritos, pela sua inteligência e pelo seu nobilíssimo caracter, o dr. Serrão de Moura era igualmente muito considerado nos círculos científicos, pela sua devoção á investigação e ao estudo dos problemas no campo da sua especialização oftalmológica. Devem-se-lhe muitos e valiosos trabalhos, publicados em Portugal e no estrangeiro com larga repercussão e altamente apreciados pela sua autoridade e penetração classificadora, especialmente sobre o tracoma.

Formado, em 1940, pela Faculdade de Medicina de Lisboa, revelando, durante o curso, uma acentuada tendência para a pesquisa científica, dedicou-se depois ao exercício da clínica médica com assinalado êxito. Especializou-se em oftalmologia e, durante alguns anos, foi assistente do dr. Henrique Moutinho.

Em 1955 foi para Africa e abriu consultório em Luanda, onde a par do exercício da clínica, desenvolveu larga e profícua actividade no estudo e no combate ao terrível tracoma, contribuindo largamente para o decréscimo da terrível enfermidade entre as populações indígenas.

Era, também, o dr. Luciano Serrão de Moura um idealista, de pura formação democrática, com os anseios de um espírito esclarecido, compreensivo, interessado nos problemas da época, que, em certo período da vida nacional, pôs ao serviço das aspirações colectivas os seus vastos conhecimentos das prementes questões sociais, a sua sólida inteligência, todo o poder irradiante da sua vincada personalidade, sempre generoso, tolerante, embora intransigente na defesa dos seus princípios.

Nasceu em 22 de Agosto de 1912, contava pois apenas 47 anos, filho da sr.ª D. Leonor Serrão de Moura e do sr. Arménio de Moura; deixa viuva a sr.ª D. Manuela Ema Carneiro Veres Serrão de Moura e três filhos menores, Maria Ivone Ogando Serrão de Moura, José Serrão de Moura e Maria Manuela Veres Serrão de Moura, todos estudantes, e era irmão do sr. dr. João Serrão de Moura.

General Joviano Lopes

Da capela do Hospital Militar Principal, na Estrela, para o cemitério de Alcobaça, terra da naturalidade dos seus familiares, saiu, esta manhã, o funeral do general Joviano Lopes, que recentemente deixara o comando da 1.ª Região Militar e viera para a capital, instalando-se em Algés, em casa de sua filha, a sr.ª D. Emilia Alexandre da França de Medeiros Alves, esposa do sr. tenente-coronel Francisco Rafael Alves.

Durante a noite e esta manhã, o corpo foi velado pela familia e amigos íntimos e até á saida do préstito funebre, permaneceu junto do ataude uma guarda de honra, constituida por turnos de quatro praças do Regimento de Artilharia Ligeira N.º 1, sucedendo-se, também, outros constituidos por quatro oficiais de todas as unidades do Governo Militar de Lisboa e do Estado-Maior do Exército.

O antepenultimo turno foi constituido por oficiais do Estado-Maior, o penultimo pelos dos comando da 1.ª Região Militar e o ultimo por oficiais-generais.

A's 10 horas, foi celebrada missa de corpo presente, com a assistência da familia e de muitos oficiais, que enchiam por completo o templo; e ás 11, o rev.º Tobias Gomes Duarte, prior da freguesia da Estrela, celebrou a encomendação do corpo, após o que a urna, coberta com a bandeira nacional, foi retirada da camara-ardente para um auto-funebre militar, que a transportou a Alcobaça, acompanhada até ao cemitério local pelo sr. brigadeiro Barbieri Cardoso, 2.º comandante do Governo Militar de Lisboa e uma deputação de oficiais do mesmo Governo Militar e do Estado-Maior.

A' saída da capela, formou, em duas alas, uma companhia do Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro; e até á Rotunda do Aeroporto, o feretro foi escoltado por um grupo, a dois esquadrões, motorizados, do Regimento de Lanceiros 2. Dali em diante, até Alcobaça, a escolta foi constituida por um pelotão do mesmo grupo de esquadrões.

Dirigiram o funeral, por nomeação do Governo Militar de Lisboa, os srs. major Castelo Branco e capitão Carreira.

Incorporaram-se no cortejo funebre, ou assistiram ao saimento, entre outras entidades, os srs. capitão Freitas do Amaral, oficial ás ordens do Chefe do Estado, que representava o sr. almirante Américo Tomás; ministro do Exército e subsecretários daquela pasta e da Aeronáutica; capitão-tenente Gameiro Pereira, em representação do sr. ministro da Marinha; generais Beleza Ferraz, Buceta Martins, comandante da Academia Militar; Faco Viana, Silveira Machado, Aleluia, Valente de Carvalho, governador militar de Lisboa; D. Miguel e D. Fernando Pereira Coutinho, Anibal Vaz, Luís da Camara Pina, Costa Lopes, Luís Domingues, Monteiro Libório, D. Luís Mesquitela, Correia Guedes, Cotta de Morais, Anibal Machado, Venancio Deslandes, Correia Leal; almirante Guerreiro de Brito, comodoro Duarte Silva, Luís Pastor de Macedo, pela Camara Municipal de Lisboa; José Felix Mira, governador civil de Evora, brigadeiros Raul Pereira de Castro, director do Colégio Militar; Ponte Rodrigues Pereira, Carlos Chaby, Sousa Gorgulho, Ferreira do Nascimento, Augusto Freitas, Silva Neves e Azevedo Alpoim; dr. Pires de Lima, cônsul da França, adido militar espanhol; coroneis Oscar de Freitas, Luís Santana, Oliveira Reis, Mateus Cabral, Pinto de Oliveira, chefe do Estado-Maior da 1.ª Região Militar; Nicolau Bettencoutr, Temudo, Luís da Cunha e Marques e Oliveira, respectivamente, comandante-geral e de Lisboa da P. S. P.; capitão Neves Graça, Joaquim Ataide, pelo Futebol Clube do Porto, engenheiros Espregueira Mendes, por si e representando o presidente da Junta de Provincia do Douro Litoral; Magalhães Ramalho, Santana Godinho, Neves Ferro, Canto Moniz, Sanches da Gama, etc.

Deixaram cartões de pesames, entre outras individualidades os srs. Ministro da Defesa Nacional; coroneis Santos Costa e Esmeraldo de Carvalhais, etc.

António Ferreira de Magalhães

AROUCA, 21 — Na sua residência, na Cruz da Toita, faleceu o sr. António Ferreira de Magalhães, de 65 anos de idade, importante comerciante. Era casado com a sr.ª D. Emília da Conceição e irmão do sr. Alberto Ferreira de Magalhães.

SUFRAGIOS

Conde de Monsaraz

Na igreja de São Roque, e por determinação do Centro Nacional de Cultura e da revista «Cidade Nova», foi hoje rezada missa de 30.º dia, por alma do dr. Alberto Monsaraz, conde de Monsaraz. Assistiram á cerimónia, que começou a ser celebrada no altar-mor, ao meio-dia, pelo rev. António Magalhães, as direcções do C. N. C. e da revista, familia do extinto e amigos ligados ao movimento integralista.

Remington Rand-Univac

Sobre a notícia que inserimos a propósito da partida do sr. Mauricio Lopes Vaz para Cuba, onde vai desempenhar as funções de supervisor técnico da Remington Rand-Univac, pede-nos a Solar, agência-geral daquela organização, para esclarecermos que o referido senhor exerceu, em Portugal, as funções de mecanico-chefe das suas divisões.

AGÊNCIA MAGNO
FUNDADA EM 1874
Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis
TELEFONES 43189 — 43180—55301—66 27 72—08 00 22

O ciclo de conferências do Lisboa Ginásio

O ciclo de conferências destinado a expansionar a técnica dos vários métodos de ginástica, organizadas, com muita oportunidade, pelo Lisboa Ginásio, prosseguiu ontem á noite, com um interessante trabalho do sr. prof. Henrique Reis Pinto, que relatou as impressões recolhidas em estágios frequentados na Suécia, Dinamarca e, particularmente, na Inglaterra.

Presidiu o sr. Mário Rocha, presidente da Federação de Ginástica, ladeado pelos srs. Armando de Freitas, presidente da assembleia geral do Lisboa Ginásio; e Raul Mário Alves, vice-presidente da direcção, que fez a apresentação do conferencista. A numerosa assistência era constituida por professores, alunos do I. N. E. F., ginastas e sócios daquela prestimosa colectividade.

O prof. Reis Pinto referiu-se a diversos aspectos de organização e de técnica predominantes nos cursos sueco e dinamarquês. Deteve-se a analisar com profundidade as impressões obtidas no estágio inglês, no ano passado. Disse que, á primeira vista, a organização da educação física na Inglaterra parecia excessivamente livre, dando origem a um panorama de certa confusão, para concluir que, de facto apesar de acentuada e aconselhável liberdade de métodos, o rumo da ginástica inglesa, de propósitos educativos e recreativos, estava perfeitamente definida.

Para ilustrar o seu trabalho, o prof. Reis Pinto fez exibir, em provas práticas, vários alunos das classes infantis.

Vida religiosa

Ordenação geral dos alunos do Seminário de Cristo-Rei

Com o cerimonial litúrgico da praxe o sr. cardeal-patriarca proce, deu hoje no Seminário Maior de Cristo-Rei, nos Olivais, á ordenação geral dos alunos daquele estabelecimento de ensino religioso.

Ás 8 horas, na capela privativa do seminário, o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira celebrou missa, assistido pelos rvs. cónego D. João de Castro (Nova Goa) e dr Figueiredo Sarmento Dirigiu as cerimónias o rev. cónego Gregório Neves.

Durante o santo sacrifício, o eminente purpurado distribuiu ordens sacras e menores, sendo admitidos ás ordens de presbítero o rev. António José Paiva Afonso e de diácono os revs. António Artunes Ribeiro, Albino Mendes Neto, António Crisóstomo, Armando Silva Vieira, Avelino Breta Pinto, Ernesto Rodrigues da Silva, Fernando Guerra Ferreira, Joaquim Venancio Dias e Rodrigo Ferreira de Paiva. Foram, depois, admitidos ás ordens de subdiáconos três seminaristas, aos segundos graus de ordens menores, sete alunos e aos primeiros graus, quinze seminaristas Admitidos á prima tonsura, três alunos: com demissórias da Diocese de Fall River (Estados Unidos da América), foi admitido á ordem de presbítero o rev. António Rocha, e com demissórias do rev. ministro provincial da Ordem Franciscana, o rev. Frei Vasco Pedro Machonice. Foram ainda admitidos aos dois ultimos graus de ordens menores, com demissórias do mesmo ministro da Ordem Franciscana em Portugal: Frei Joaquim Gonçalves Lourenço, Frei Jorge Rodrigues Chaves e Frei Luís Filipe Fogueira Dias.

Terminada a missa, o sr. cardeal-patriarca tomou parte no almoço com os ordenados, e ao qual assistiram os professores e os actuais alunos.

Comemorações em honra de São João de Brito

Na Escola Técnica Elementar Marquesa de Alorna celebrou-se, esta manhã, uma sessão incluída no programa das comemorações em honra de São João de Brito.

O rev. Raul Ferreira fez uma conferência sobre o significado da cerimónia.

A sala estava decorada com motivos referentes ás missões e ao santo missionário.

Teatros e Cinemas

(Continuação da 5.ª página)

— Devem terminar no dia 1 de Março as representações no Teatro Variedades da comédia «A rainha do ferro-velho» para se iniciarem os trabalhos da montagem cénica da revista «Champanhe salão».

No Odeon

«O visconde de Bragelonne»

«O visconde de Bragelonne» é um filme de capa e espada, baseado na obra do grande escritor Alexandre Dumas. Foca as lutas entre os mosqueteiros do rei de França e os guardas do cardeal Mazarino, numa época em que o terror da Bastilha amedrontava quem quer que fosse. O visconde de Bragelonne vive uma aventura extraordinária, auxiliado pelos célebres Athos, Portos e D'Artagnan.

Com a interpretação de Dawn Adams e Georges Marschal. Esta película agrada, por certo ao sector de publico a que é dirigida.

Um concurso

de filmes de arte

Os organizadores do «Grande Prémio de Bergamo» vão promover um concurso de filmes de arte e sobre arte, de longa metragem, realizados com qualquer técnica. Os filmes concorrentes podem ter um conteudo narrativo ou ser puramente descritivos. Aos vencedores serão atribuidos prémios no valor de 500 contos.

Todas as informações sobre este concurso podem ser obtidas no Instituto Italiano de Cultura, na Rua do Salitre, 146.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
Sede—Calçada do Duque, 20—Lisboa

ADMINISTRAÇÃO
SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

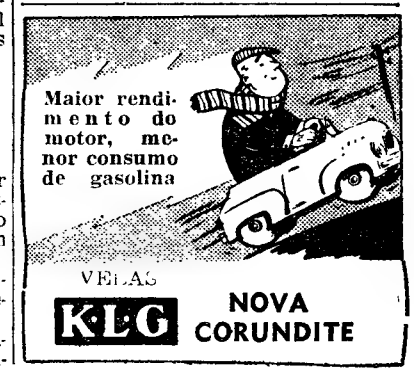
Previnem-se os portadores de obrigações da emissão a seguir indicada de que em 9 de Março p. f.º, pelas onze horas, se procederá na sede desta Companhia, em sessão publica, ao sorteio dos títulos a amortizar em 1 de Abril deste ano, em conformidade com o respectivo plano de amortização, a saber:

Emissão das Linhas de Mirandela e Viseu, de 4 1/2 % — 1889

265 obrigações respeitantes á amortização do 2.º semestre de 1958.

Lisboa, 16 de Fevereiro de 1959.

O Conselho de Administração



Vida artística

Real Bordalo na galeria do «Diário de Notícias»

Real Bordalo está carregado de problemas plásticos e não parece estar disposto a resolvê-los de uma forma serena. E' nítido o alvoroço por uma linguagem actual mas é sòmente possível que essa busca febril e desordenada seja sincera. Apesar da confusão que notamos na obra de Real Bordalo podemos encontrar ali elementos positivos. Destes, o mais evidente é a aguarela, que tem uma solidez interessante, contornadas as manchas, de uma técnica hábil e a revelarem sensibilidade, a negro grosso. Mas as cerâmicas são de uma grande pobreza, como forma e cor.

Real Bordalo, que tem inegáveis qualidades, deve seguir uma orientação mais definida, através de um estudo mais atento. Estudo que evite esta multiplicidade de caminhos mal trilhados e que conduza o artista a um maior e mais calmo entendimento da arte dita moderna. — F.

Exposição de ilustrações da edição portuguesa das «Mil e uma noites»

Na galeria do «Diário de Notícias» inaugurou-se hoje uma exposição de ilustrações para a excelente edição dos Estúdios Cor, «As mil e uma noites», obra que está a ser traduzida por um grupo de escritores portugueses. São expositores Bernardo Marques, Carlos Botelho, Manuel Lapa, Julio Pomar, Fernando Azevedo, Alice Jorge, Cipriano Dourado, Vaz Pereira, Paulo Guilherme, Infante do Carmo, Luís Filipe e Matos Chaves.

Exposição de Ayres Ferreira

Na S. N de Belas-Artes continua aberta ao publico a exposição de pintura de Ayres Ferreira, discípulo de António Saude. O certame fecha no dia 23.

Exposição de aguarelas

Na Sociedade Nacional de Belas-Artes inaugura-se no próximo dia 24, ás 16 horas, uma exposição de aguarelas do artista Luís Salvador Junior.

As comemorações do IV centenário

da antiga Universidade de Évora

COIMBRA, 21 — Na reitoria da Universidade desta cidade e sob a presidência do reitor prof. dr. Maximino Correia, efectuou-se a segunda reunião da Sociedade Internacional Francisco Suarez, organismo de alto nível cultural que toma parte nos trabalhos da organização das comemorações do IV centenário da antiga Universidade de Evora. Estiveram ainda presentes na reunião os profs. drs. Lopes de Almeida, Braga da Cruz e Miranda Barbosa e ainda o adido cultural da Embaixada de Espanha, D. Pedro de Rocamora e como delegados da Faculdade Pontifícia de Braga e da Camara Municipal de Evora, respectivamente, os srs. drs. José Bacelar de Oliveira e António Baptista Martins.

Foram tratados vários temas relacionados com as referidas comemorações que se efectuarão em Evora, de 28 de Outubro a 1 de Novembro.

Grupo dos Amigos da Finlândia

A assembleia geral do Grupo dos Amigos da Finlandia elegeu presidente honorário da colectividade o embaixador sr. dr. João de Bianchi e sócios de honra o cônsul daquele país em Lisboa.

Foram, também, eleitos os novos corpos gerentes, aos quais presidem os srs. dr. António Correia Caldeira Coelho, assembleia geral; Julio Navarro Cabral, direcção; marquês do Funchal, conselho fiscal.

nas CONSTIPAÇÕES, GRIPES, DORES DE CABEÇA, DE DENTES OU REUMATISMAIS
use ASPIROQUINAL
E SENTIRÁ IMEDIATO ALÍVIO

DIZ O MÉDICO...

(Continuação da 1.ª página)

de pesquisas e de verificações diárias obrigaram os mais cautelosos investigadores a apelar para a opinião pública. Esta, em face dos números, dos factos, das provas fornecidas, passou a reclamar medidas urgentes.

Quais as principais fontes de poluição do ar? O fumo contém, em quantidades nocivas, alcatrões, cinzas e poeiras. Em determinadas regiões, que são apertadas cinturas industriais, o ar atmosférico encontra-se saturado de detritos minerais, entre eles a sílica (bióxido de silício), responsável pela fibrose generalizada e pela silicose («Pneumoconiosis: Industrial Diseases of the Lung caused by Dust», Londres, 1957).

As grandes centrais térmicas fornecem o anidrido sulfuroso que, em contacto com o ar, se transforma em ácido sulfúrico pulverizado.

As chaminés das fábricas e casas de habitação projectam apreciáveis quantidades de gás carbónico. Em relação ás regiões industriais, estatísticas recentes referem que morre mais gente de Inverno do que no Verão.

Os sistemas de aquecimento (carvão, gasóleo e outros) são fontes de gás sulfuroso. As cinzas tornam-se igualmente perigosas. Os hidrocarbonetos, em especial o benzopireno, contam-se entre as causas próximas do cancro do pulmão.

A tiragem defeituosa dos aparelhos de aquecimento e bem assim a das chaminés aumentam o perigo a que as populações se encontram expostas.

Por outro lado, automóveis, camiões e autocarros são fontes permanentes de óxido de carbóno. As ruas das grandes cidades encontram-se poluídas, diáriamente, noite e dia, e não só as ruas, mas também as casas e andares, salas de estar, quartos de cama, etc. O mal agravou-se com as exigências da urbanística moderna. Não fica por aí parque ou jardim que resista á crescente ambição do empreiteiro topa-tudo. Palácios e pequenas residências, pátios e jardins são transformados em almoeda, cedendo lugar a cimentados monstros, de seis e oito andares, arremedos de arranha-céus. E, como se isso fosse pouco, também as saídas das cidades se encontram já bloqueadas com fábricas que os serviços urbanísticos e de sanidade se esqueceram de arrumar mais longe, bem longe da urbe cheia de tóxicos e de outras substâncias altamente prejudiciais.

Cinquenta por cento dos gases da atmosfera provêm dos veículos automóveis, semoventes de todas as marcas e feitios, tipos e tamanhos.

Nas dias claros de Sol o problema apresenta-se menos agudo, mas agrava-se nos dias de chuva e de nevoeiro, telhado de humidade a manter a fumarada á altura dos pulmões, diminuídos pelo uso e abuso do tabaco («Lung Cancer Mortality and the Length of Cigarette Ends», Londres, 1959).

Vive-se num ambiente empestado, permanente banho de fumo capaz de matar em poucas horas o mais corpulento animal de laboratório, em contínuo perigo de asfixia e de envenenamento. Pior ainda: vegeta-se num clima de morte lenta, que explica e justifica muitas das enfermidades das coronárias, o enfarte do miocárdio, e muitas outras afecções do sistema circulatório («Tobacco Smoking and Respiratory Disease», Londres, 1959).

As causas da poluição do ar tornaram-se, mercê daqueles e de outros factores, permanentes.

Quantos milhares de toneladas de poeira e cinza tombam todos os meses? Quantos milhões de partículas, minúsculas partículas de substâncias minerais por centímetro cúbico? As fontes de gás carbónico multiplicaram-se. Quantas vezes? Certos becos, trágicos caminhos e encruzilhadas são autênticos vulcões. Escolas e hospitais vivem paredes-meias com essas conhecidas câmaras de gás.

Quais os sintomas de alarme? Aumento e aceleração dos movimentos respiratórios, seguido de fadiga cardíaca, cefaleias, tonturas, náuseas e vómitos. Registam-se os mesmos fenómenos nos indivíduos que guiam seus carros com as janelas herméticamente fechadas, receosos do ar fresco da manhã ou da tarde.

Numa cidade onde se queimam todos os dias milhões de litros de gasolina e de gasóleo não é, portanto, para espantar que muitas toneladas de resíduos da carburação infestem o ar (Prof. P. Laval, «Fibroses Pulmonaires et insuffisances respiratoires chroniques», Paris 1958).

Seria interessante ao fim de cada tarde, verificar o número de bactérias que existem num centímetro de ar atmosférico. Dez, vinte, trinta mil? Quando o vento sopra com maior força, dentro da cidade, esse número aumenta numa proporção assustadora.

Se compararmos o ar que se respira na cidade com o da Costa do Sol, por exemplo, ou com o das praias maravilhosas do Algarve (natural centro de turismo para Portugueses e estrangeiros, injustamente esquecido), verificar-se-á, sem malabarismos de técnica, que o número de bactérias, naquelas localidades, não vai além de meia dúzia, sucedendo o mesmo nas regiões montanhosas do País.

O «smog» de 1956 matou, em Londres, quatro mil indivíduos. Nuvens espessas, interceptando a luminosidade e as radiações ultravioletas, provocaram casos de raquitismo. Ali, no coração da Inglaterra, a luz mostrou-se mais importante do que as vitaminas de síntese.

Que é o «smog»? Simplesmente isto: mistura rica de nevoeiro e de fumo.

Pois Janeiro de 56 foi um mês trágico, tendo sido as crianças e os velhos os mais afectados. Não admira: a um metro de altura a fumarada é mais nociva do que a um metro e sessenta. Que sucedeu, então? A população passou a sofrer de cefaleias intensas, vertigens, fadiga, esgotamento nervoso, sinais graves de anemia, devido a permanente estado de intoxicação. Ficou por aqui o drama colectivo? Não. Provaram as estatísticas que o cancro do pulmão aumentou assustadoramente nos últimos dez anos, sobretudo nos indivíduos com mais de cinquenta anos de idade, barreira fatal que justifica uma ou duas radiografias por ano, além das análises clínicas julgadas necessárias pelo médico assistente.

Numerosas e confirmadas experiências provaram já que o ar das cidades e dos grandes centros industriais é o maior responsável. A autópsia tem revelado que os pulmões dos citadinos são mais escuros do que os dos habitantes dos campos e das praias. Os destes últimos indivíduos mantêm até final a cor vermelha viva, indicativa de bom funcionamento e rendimento.

O problema agravou-se em 1958: trinta mil óbitos devidos a cancros do pulmão. Causas: tabaco, alcatrão e produtos residuais da carburação dos motores de explosão.

Não é só o ar que é poluído. Dentro das cidades tudo sofre e mirra: a flora e a fauna incluídas.

São contaminadas as águas, provocando a morte dos peixes e infectando os crustáceos, consumidos em grandes quantidades, diáriamente, a todas as horas do dia e da noite.

A média de vida das árvores, submetidas á mesma atmosfera que fora o homem por dentro e por fora, tomba de cento e cinquenta para oitenta anos. Essa média desce todos os dias, ameaçando as zonas verdes, defesas naturais, pequenos sanatórios a que o homem se recolhe nos intervalos do trabalho ou nas curtas horas de repouso.

São muito elucidativos os dados colhidos nesta e naqueloutra região, nos países em que se estudam com seriedade semelhantes problemas. Verificou-se que, em seguida á instalação de fábricas nas regiões montanhosas, os ruminantes morreram mais depressa, devido ás altas percentagens de fluor no sangue. As próprias abelhas não resistem: tombam de fadiga em pleno labor, baixando, nessas regiões, assustadoramente a produção do mel e da geleia real. A revista italiana «Minerva Terapêutica» referiu-se já, em longo artigo, a este particular aspecto do problema.

Escusado é referir ou acentuar que, em todos os países, existe legislação protectora do ar puro, do ar que se respira nas cidades e centros ou aglomerados industriais, e que, a par dessa legislação mais ou menos perfeita, fabricam-se aparelhos com a função específica de reterem as poeiras e transformarem em gases inertes os nocivos para a saúde.

Em alguns países (França e Inglaterra, por exemplo) fundaram-se já associações «Pró Ar Puro», encarregadas do combate ao fumo, poeiras e emanações perigosas.

No Congresso Internacional de Patologia Comparada (Lausanne, 1955), a poluição do ar interessou, em especial, uma das secções, tendo sido mais uma vez passados em revista os principais sinais da intoxicação: ardor dos olhos, cefaleias, náuseas, fadiga geral, adinamia, acentuada irritação das vias respiratórias, excitação nervosa, alterações neuróticas e psíquicas, apatia e febre.

Nas regiões mineiras e industriais (velho problema citado já por João Rodrigues de Castelo Branco, Amato Lusitano, em suas «Centúrias de Curas Médicas», 1555) verificou-se aumento desproporcionado dos casos de silicose, seguidos do agravamento dos sintomas cardiovasculares, sempre acompanhados de bronquite disseminada (Alberto Soeiro, «A Silicose Pulmonar», Moçambique, 1947).

Não é só nas lagoas que a morte espreita o homem... Ela está em todo o lado: na ponta de um cigarro, no ar que se respira, nos quilos e quilos de pó que ingerimos todos os dias, nos carburantes dos carros que empestam o País, nos tubos de escape da camionagem que desvirgou a terra tranquila dos avós dos nossos avós, e que projectam sua fumarada, sem rei nem roque, sobre o caminhante desprevenido! Até quando?

A. d'E.

Cofre de Previdência

do Ministério das Finanças

A assembleia geral do Cofre de Previdência do Ministério das Finanças reune-se no próximo dia 27, ás 21 horas, na Rua do Arsenal, letra F, para resolução de 3 recursos, fixação do subsídio a legar, apreciação e votação do relatório e contas da gerência de 1958 e eleição dos corpos gerentes para o corrente ano.

Do relatório já publicado verifica-se que esta Instituição tinha, em 31 de Dezembro de 1958, 25.678 sócios e, nos seus 33 anos de existência, pagou de subsídios a importancia de 91.731.415$20; de pensões por doença, 1.119.673$80; e despendeu, em casas para residência dos seus associados, a quantia 61.302.907$69, sendo a verba de 31.847.843$40 em prédios de rendimento onde habitam 228 sócios.

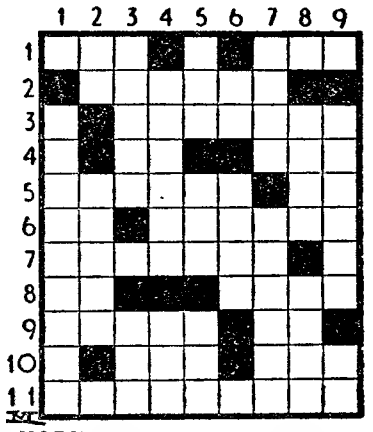
CAMISAS
POR MODELO OU POR MEDIDA
TECIDOS A ESCOLHA OU DO CLIENTE
13 modelos em exposição
Consertos e transformações por pessoal especializado
ROVIL
Rua Arco Marquês do Alegrete, 50, L. — Telef. 862402
Envio á cobrança pelo correio
BAIAS HOSPITALARES
PIJAMAS E CUECAS

Ourivesaria Algés
Av. Combatentes, 13-A
Telef. 012523 — ALGÉS
SORTIDO DE JOIAS EM 2.ª MÃO
ALGUMAS EM PLATINA E BRILHANTES GRANDES

Palavras Cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

Problema n.º 1513



HORIZONTAIS: 1 — Enxergava. Tranquilidade. 2 — Lisonjear. 3 — Versado em assuntos de vinhos e sua preparação. 4—Escarnece. Cloreto de sódio. 5 — Desejar. Pedra de moinho. 6 — Antiga cidade da Caldeia, pátria de Abraão. Sacudir. 7 — Apaixona-se. 8 — Símbolo químico do sódio. Filas. 9 — Engodam. Suspiro 10 — Agora. Imperfeito. 11 — Nome de uma planta de que se extrai tinta.

VERTICAIS: 1 — De muito diminutas dimensões. 2 Seguia. Caixões. 3 — Liga-se. Partido. 4 — Agruparam. Lavra. 5 — Grito. Eu (latim). Ilha inglesa no mar da Irlanda. 6 — O mais. Gracejara. 7 — Vantagens. Leito nupcial. 8 — Nome de letra grega. Damas de companhia. 9 — Aromas. Nota de música.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 1512

HORIZONTAIS: 1 — Opa. Amara. 2 — DO. POUPAR. 3 — Elmo. Doer. 4 — Vá. Naire. 5 — Minta. Aal. 6 — Altera. 7 — Lhe. Diana. 8 — VEM. O TER. 9 — Ai. Estás. 10 — Nu. Riga. 11 — Amo Bisas.

VERTICAIS: 1 — Ode. Malvada. 2 — Polvilhei. 3 — Mantém. Nó. 4 — Pó. Te. Eu. 5 — Ao. Nardos. 6 Muda. Ai. Tri. 7 — Apoia. Atais. 8 — Raera. Nesga. 9 — Arreliar. Às.

(Provérbio: DO POUPAR VEM O TER).

«PULL-OVER» 150$00
LINDAS CORES
SÉCIA
BOUTIQUE
31 - Rua da Conceição
Telefone 30546 — Lisboa

Estudantes franceses

desejam convivência com familias portuguesas

Todos os anos, a Faculdade de Letras da Universidade de Bordéus organiza permanências em Portugal para estudantes universitários franceses durante as férias do Verão (Julho, Agosto e Setembro) com a amável colaboração de familias portuguesas. No Verão do ano passado, cerca de trinta estudantes de Bordéus, dos dois sexos, de 19 a 25 anos, estagiaram em Portugal, aproveitando a sua permanência para facultar o exercício da língua francesa a jovens portugueses. As familias ofereceram a hospedagem, e algumas também a viagem de regresso a França. Muitas delas convidaram os seus hóspedes franceses a voltar.

Como nos anos anteriores, as familias portuguesas interessadas neste género de convivência, com jovens académicos franceses já com um ou dois anos de prática da língua portuguesa e recomendáveis, também, pelas suas qualidades morais, devem dirigir-se por carta, em língua portuguesa ou francesa, até ao dia 30 de Maio, ao prof. Jean Clomès, director da secção de Estudos Portugueses, Faculté des Lettres, 20, Cours Pasteur, Bordeaux (França).

Em ALGÉS o «Diario de Lisboa» e o «Sempre Fixe vendem-se na Agência Cultural. Avenida Combatentes da Grande Guerra.

PARA UMA VIDA MELHOR

Vactric

2 utilíssimos aparelhos dotados dos mais modernos acessórios para a higiene e economia do lar

À VENDA NAS BOAS LOJAS DA ESPECIALIDADE

REPRESENTANTES EM PORTUGAL **AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LD** AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 43 • TELEF. 59181 • LISBOA

DELEGAÇAO EM COIMBRA:
Av Fernão de Magalhães, 32-2.º

ORCOSI

1.000 contos, Lisboa, construção recente em cimento armado, 8 inq., s/ lojas com rendas de 650$00, vende-se a 6,5%
Rua 1.º de Dezembro, 45, 3.º, (elevador) — Telefone 367444

C. M. L.

FORNECIMENTO DE MÁQUINAS REGISTADORAS

Em 10/3/959, ás 10 h. realiza-se no Pavilhão dos Desportos o concurso em epígrafe sendo a base de licitação de 266.000$00.

O depósito provisório, de 6.650$00, é efectuado na C. G. D. C. P., suas filiais, agências ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo 1, anexo ao Programa de Concurso-Tipo publicado no D. M. n.º 6.663, de 25/6/957.

O concorrente deve enviar a proposta pelo correio em carta registada pelo Serviço de Correios «exprès», para a 2.ª Rep. da D. S. F. da C. M. L. (R. Gomes Freire, 94) de modo a ser recebida até á véspera do concurso e o envelope deverá indicar claramente o concurso a que se refere.

O projecto está patente na 2.ª Rep. da D. S. F. (R. Gomes Freire, 94), das 9 ás 12 e das 14 ás 17 h.

Lisboa, 14/2/959.

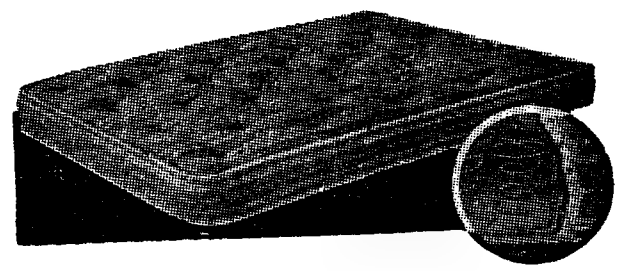
O Vice-Presidente,
Luís Pastor de Macedo

BOA-NOITE

O COLCHÃO DE MOLAS

QUE LHE DARÁ A RECOMPENSA DO SEU DIA DE TRABALHO

CONFORTO — HIGIENE — DURAÇÃO



CARCAÇA DE MOLAS DE AÇO TEMPERADAS ELECTRÒNICAMENTE E GARANTIDA POR

10 ANOS

ANTIGA **CASA FIGUEIREDO**

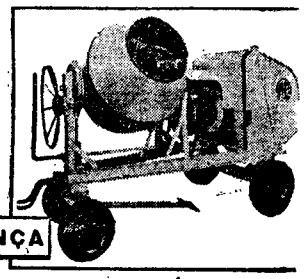
Rua da Prata, 215-217 (loja e 1.º andar) — Telef. 27606 — LISBOA

CASA FUNDADA EM 1861
(A CAMINHO DOS 100 ANOS)

Fabricação de colchões de arame e de colchoarias

BETONEIRAS

SIMPLES OU COM **GUINCHO**
DE 180 E 210 L.ts
ACCIONADAS POR MOTOR
PETTER
DIESEL OU PETROLEO



A MARCA DE CONFIANÇA

30 UNIDADES AO SERVIÇO DE UM SÓ CLIENTE

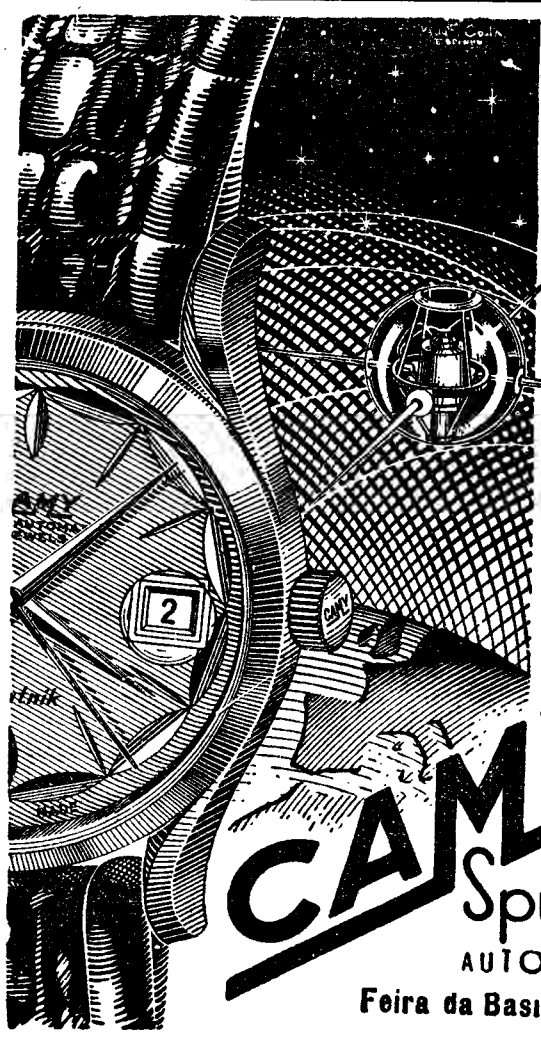
ALFREDO ALVES & C.ª (FILHOS)
E FÁBRICAS VULCANO E COLAREB
RUA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS, 3 • LISBOA • TELEFONES 3 17 10 / 8 / 9
STAND DE EXPOSIÇÃO. BOQUEIRÃO DO DURO, 38 • LISBOA • TELEF. 664788

AVISO

ADRIANO FERREIRA MARQUES vem por este meio participar aos seus Dig.mos Fornecedores, Clientes e Amigos que a SUA CAUSA, HÁ 10 ANOS nos TRIBUNAIS vai RECOMEÇAR por todos os MEIOS AO SEU ALCANCE, pois a RESPONSABILIDADE EXISTENTE nos processos respeitantes ao seu falecido ex-sócio José Alexandre de Matos, é agora transmitida por DIREITO aos respectivos HERDEIROS.

Amadora, 21 de Fevereiro, de 1959.

Adriano Ferreira Marques



Não é um relógio de Série

Possui todos os aperfeiçoamentos que é possível apresentar num objecto tão requintado

Evoca um dos feitos mais importantes do nosso tempo

«CAMY» Sputnick
4/X/957

Impermeável
25 rubis
Automático
Calendário
Corda inquebrável
Com gravação e símbolo

«CAMY»
Em aço inox: **1.400$00**
Em plaqué: **1.600$00**

CAMY Sputnik
AUTOMATIC
Feira da Basileia—1958

DINHEIRO

COLOCA SOBRE AUTOMÓVEIS OU PRÉDIOS EM 1.as HIPOTECAS
RAPIDEZ E SIGILO
A FINANCIADORA
EM LISBOA • AV. DA LIBERDADE, 3
NO PORTO • P. DA LIBERDADE, 12

Engenheiro electrotécnico I. S. T.

Delegação em Lisboa de importante Empresa estrangeira do ramo máquinas e aparelhagem eléctrica precisa engenheiro eléctrotécnico (I. S. T.) para os seus serviços de vendas e assistência técnica. Pessoa nova com energia e entusiasmo para este lugar, pode propor-se por carta manuscrita indicando idade, habilitações, referências e ordenado pretendido. Garante-se sigilo absoluto caso esteja empregado. Resposta a este jornal ao numero 1.576.

Blaupunkt **Toskana**

EXCELENTE CONJUGAÇÃO DE IMAGEM E SOM
ÉCRAN DE 43 CMS.
DISTRIBUIÇÃO AUTOMÁTICA DA CÔR NEGRA
DISPOSITIVOS AUTOMÁTICOS DE LUMINOSIDADE E CONTRASTE
GERADOR DE IMAGENS NÍTIDAS
SUPRESSOR AUTOMÁTICO DE INTERFERÊNCIAS
2 ALTIFALANTES SUPERACÚSTICOS E LIGAÇÃO PARA TELECOMANDO
ANTENA BIPOLAR INCORPORADA
CIRCUITOS IMPRESSOS

Preço Esc. 6.990$00
À VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

PONTO AZUL

Grimaldi Siosa Lines

SERVIÇO COMBINADO

O PAQUETE RAPIDO **«ASCANIA»**

EM 9 DE MARÇO PARA:

FUNCHAL, TRINIDAD, LA GUAIRA, CURAÇAO, KINGSTON e CIUDAD TRUJILLO

Reserva de lugares em 2.ª classe e turística, a preços muito económicos

AGENTES GERAIS

SOCIEDADE MARÍTIMA ARGONAUTA, LDA.

72-D, Avenida D. Carlos I — Telefones 665054 - 672319

BENFICA — PORTO

ALMOÇO NO SOSINHITO
AVENIDA GOMES PEREIRA, 107
TELEFONE 783811
A cinco minutos do Estádio da Luz
Mesas para todos

Leiam o «SEMPRE FIXE»

PIANOS

Verticais e de Cauda

ALUGAM-SE

Est. Valentim de Carvalho, Lda.
98, Rua Nova do Almada, 98
LISBOA

DINHEIRO

Empresta-se sobre automóveis nas melhores condições. Praça da Alegria, 58-2.º, Sala C. Telf. 366731.

PASTAS

30 anos de fabrico todos os modelos fornece ao comércio *A. Comprido*—R. Madalena, 97

BOLETIM DO DIA

HA TRINTA ANOS

Norberto de Araujo escrevia na sua «Página de Quinta-Feira» do «Diário de Lisboa» de 21 de Fevereiro de 1929: «João de Barros, ansiedade luminosa que ascende de uma alma eleita para todas as verdades, assinala no nosso jornal a crise literária e as queixas dos escritores contra o publico, dizendo: «Estou convencido de que o publico lusitano não é pior nem menos compreensivo do que todos os outros. Dentro desta realidade reside um problema. O nosso publico é como o publico de todo o Mundo. Os que têm dentro do publico a função de guias, de orientadores, as chamadas «élites» intelectuais — não me atrevo a dizer espirituais — é que, mercê de uma crise que também as atacou, são os responsáveis da apatia do leitor»

EFEMERIDES

No dia 21 de Fevereiro de 1910 começou a batalha de Verdun.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — A's 18, noticiário e danças; 18 e 30, rádio rural; 18 e 50, trechos de operetas; 19, desdobramento; 21, noticiário; 21 e 15, desdobramento; 23 e 45, noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — A's 19, emissão infantil; 19 e 30, trechos em piano; 19 e 45, aguarela brasileira; 20, jornal sonoro; 20, e 15, musica ligeira sinfónica; 20 e 30, Que quer ouvir?; 21, junção dos emissores; 21 e 15, trechos em viola espanhola; 21 e 30, conjuntos vocais; 21 e 45, Serão para trabalhadores. No intervalo, «Vozes do Mundo»; 23 e 15, danças; 23 e 45, junção dos emissores.

Programa «B» — A's 19, aspectos da musica moderna; 19 e 50, noticiário regional; 20, concerto de camara, em que colaboram Renate von Schenkendorf e Maria Alvelos de Sousa. No intervalo, uma palestra, por Maria de Carvalho; 20 e 47, canções de Beethoven; 21, junção dos emissores; 21 e 15, 3.º acto da ópera «O Navio Fantasma», de Wagner, cantada por Josef Greindl, Anniles Kupper Wolfgang Windgassen, Ernst Hafliger e Sieglinde Wagner; Coro e Orquestra Sinfónica de Rias, sob a direcção de Fricsay: 21 e 45, Radiodrama: «A Gaivota», de Tchekov; 22 e 45, Que quer ouvir?, «A Morte e a Donzela», «quarteto em ré menor», de Schubert; «Balada, op. 19», de Fauré, para piano e orquestra, por Marguerite Long e a Orquestra da Sociedade de Concertos do Conservatório de Paris, sob a direcção de Cluytens; 23 e 15, junção dos emissores.

RADIO CLUBE — A's 17 e 30, variedades; 18, teatro de brincar; 18 e 15, jornal feminino; 18 e 45, ritmos de baile; 19 quer um conselho?; 19 e 15, Angela Maria; 20 e 15, apontamento do dia; 20 e 20, motivos portugueses; 20 e 30, Onda desportiva; 21 e 30, Língua portuguesa; 21 e 45, Brasil; 22, trechos recreativos; 22 e 30, cultura espanhola; 22 e 45, canconetas; 23 e 1, Rua Larga; 23 e 30, orquestra de Otto Cesana; 23 e 45, agenda; 23 e 50, conjuntos; 0 e 30, noticiário; 0 e 40, baile.

Estação de Miramar — A's 18, Paisagem infantil; 18 e 30, orquestras e canções; 18 e 45, recital de Cruz e Sousa; 19, palestra de lingua portuguesa; 19 e 15, motivos portugueses; 19 e 30, Isto é Portugal; 20, boletim informativo; 20 e 10, conjuntos vocais e instrumentais; 20 e 30, vida desportiva; 21, noticiário; 21 e 15, Danny Kaye; 21 e 30, uma orquestra e uma voz; 22, Brasil; 22 e 30, vozes e musicas da América; 23, trechos de zarzuela; 23 e 30, fados do Patrício; 23 e 45, América latina; 0, baile.

RADIO RENASCENÇA — A's 18, e 30, terço e benção; 19 e 25, boletim do S. C. R.; 19 e 30, França, horizonte do Mundo; 19 e 45, guitarradas; 20, musica para o seu jantar; 20 e 30, noticiário; 20 e 55, meditando; 21 e 5, as ultimas novidades; 21 e 30, canconetas brasileiras; 21 e 50, melodias famosas; 22, no reino das musas; 22 e 20, musica ligeira seleccionada; 22 e 45, noticiário; 22 e 57, boletim religioso; 23, serão familiar.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 14 e 30 ás 19 e 30, Rádio Peninsular; das 19 e 30 ás 22, Voz de Lisboa; das 22 ás 2, Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

A's 21 h., abertura da emissão; 21 e 2, noticiário do País e do estrangeiro; 21 e 10, jornal de actualidades internacionais; 21 e 20, Juventude no Mundo (serviço internacional de actualidades para crianças); 21 e 35, «A pensão da D. Esperança», texto de Mário Monteverde, com Fernanda Borsatti, Maria de Fátima Bravo, Elvira Velez, Mariamélia, Maria Alberta, Manuel Lereno, Raul Proença, António Sarmento, e a colaboração de Alda Mota, Rui de Mascarenhas e o acordeonista Isidro Baptista, orquestra de Fernando Carvalho; 22 e 20, Miradoiro: entrevista com o rev. Aimé Duval, «cantor de Deus»; 22 e 35, Tele-Desporto — programa semanal de actualidade desportiva; 23, na rua e na estrada; 23 e 15, actualidades nacionais e ultimas notícias; 23 e 30, fecho da emissão.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO 1 — Benfica — Estrada de Benfica, 678-E Tel 782532; Vicente — Estrada de Benfica, 466-A, Tel 782606 Alegria — Estrada de Benfica 180-A-B T 780511, Canto — Estrada das Laranjeiras 202-B Tel 780841, Prates & Mota — Rua da Beneficência (ao Rego) 91, Telefone 773728, Patuleia, Herdeiros — Rua do Lumiar 122-124 Tel 779332, Cabrita — Campo Grande 220-222 Tel 772397; Zil — Avenida da Igreja 9-D, Tel 778380 Lusitana — Avenida de Roma 38-A Tel 725443; Chinde — Rua Agostinho Lourenço, 6-B Tel 710331 S. Miguel — Praça Francisco de Morais 1 Tel. 771469, Providência — Rua D Filipa de Vilhena 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego Tel. 770324; Sagres — Avenida Luís Bivar 69-71, Tel 47213, Correia de Almeida — Avenida Fontes Pereira de Melo, 21-B/C, Tel 47385, Sá da Bandeira — Rua Marquês Sá da Bandeira 36, Tel. 41961; Fonseca — Largo D Estefania 4-5, Tel 54808, Ascensos Lda. — Rua J, lote 48, Bairro da Encarnação Tel 388172; Freitas — Rua Zófimo Pedroso 11-13 Tel 381136, Marluz — Calçada da Picheleira, 140-B/C, Tel P P C 720703-728395; Cruz de Malta — Largo do Chafariz de Dentro 36 Tel 23326, Almeida Dias — Largo da Graça, 38/A-39 Tel 862909; Dalton — Avenida Mousinho de Albuquerque RSV Tel 843571; Lusa — Avenida Almirante Reis 199-A Tel 41269 Romano Baptista — Rua Passos Manuel, 6-10, Telef 50593; Guerra — R Andrade 32-36 Tel. 845513, Higiénica — Rua Heliodoro Salgado, 20-A, Tel 844361 Idonil — Rua Rodrigo da Fonseca, 153 T 683438, Salutar — Rua B, 75-A/B Bairro da Liberdade Tel 683694 Amoreiras (Das) — Praça das Aguas Livres 8-D Tel 681515, Maria Pia — Rua D Maria Pia 514, T 687949; Linaida — Rua Ferreira Borges, 39 Tel 660955, Confiança — Praça das Flores 59, Telef 27901; Alb — Rua Santana á Lapa, 156 Tel 663552 Higilux — Rua de Pedrouços 50-52, Tel 610280, Mendes Gomes — Calçada da Ajuda 222, Telef 638256, Botanico-Química Lda. — R da Junqueira 38-40 Tel 638132; Ester Nogueira — Rua de Alcantara 5-A Tel 637563, Moderna — Rua Garcia de Orta 24, Tel 663117 Neves — Rua do Poço dos Negros 36-38, Telefone 25636; Luís Magalhães — Rua de Santa Marta, 15-A-B T 46490, Ferrão — Rua da Mouraria, 12, Telef 860464, Simões Pires — Rua da Prata 115, Tel 32350; Instituto Pasteur de Lisboa (Do) — Rua Nova do Almada, 71, Tel. 30521—A—; Santa Cruz — Rua N.º 15, á Avenida Gomes Pereira, n.º 2, Tel. ...; Celta — Rua Mourão Girão, 3-B, Tel. 710621.

QUEM PERDEU?

Relação dos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): uma pulseira de ouro de criança; um rosário de prata; um tampão de depósito de gasolina; uma lapiseira esferográfica; um par de luvas de camurça; um anel de ouro com uma pedra; uma roda completa de auto-pesado; um pano de algodão; quarenta e cinco fotografias diversas; um escudete de automóvel; um xaile; um casaco de malha de criança; uma mala de senhora, com um porta-moedas e lenços; uma mala em cabedal de senhora, com bolsa de prata, fotografias e uma carta escrita de Angola; um cartão de seguros, do automóvel IF-73-97; dois tampões de depósito de gasolina; uma carteira de plástico com um livro e bilhetes da Sociedade Estoril; uma carteira com fotografias e bilhete de identidade de Manuel Silva Inácio; um porta-moedas com quatro chaves e outro com dinheiro; várias luvas desirmanadas; e uma argola com chaves e chaves diversas.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL — A's 21.30 — «O processo de Jesus».
AVENIDA — A's 21.45 — «Um marido em rodagem».
A B C — A's 20.30 e 22.45 — «Vinho novo».
MONUMENTAL — A's 21.45 — «Requiem»
TRINDADE — A's 21 45 — «Os pássaros de asas cortadas»
VARIEDADES — A's 21 45 — «A rainha do ferro-velho»
MARIA VITORIA — A's 20.30 e 22.45 — «Encosta a cabecinha e chora».
COLISEU — As 21 e 30 — Festival Mundial de Circo

CINEMAS

TIVOLI — «As Vinhas do Senhor».
SÃO LUIZ — «Sortilégio de amor».
SÃO JORGE — «Uma vida por um silêncio».
IMPÉRIO — «Desejo sob os ulmeiros»
EDEN — «A chave».
POLITEAMA — «O assassino da voz meiga»
MONUMENTAL — «As diabólicas».
CONDES — «As diabólicas».
ODEON — «O visconde de Bragelonne».
ROMA — «Escrito pelo destino».
CAPITOLIO — «Carrascos do mar».
AVIS — «Veneza a Lua e tu»
ALVALADE — «Sortilégio de
RESTELO — «Cow-boy».
OLIMPIA — Ritmo louco».
IDEAL — «A ultima ordem».
JARDIM — «Sayonara».
PROMOTORA — «O pintor... e os modelos».
CAMPOLIDE — «Sementes de violência».

FESTAS ASSOCIATIVAS

Esta noite, efectuam-se bailes nas seguintes agremiações: Sociedade Alunos de Apolo, Casa dos Tabuenses, Casa do Algarve e Associação Luís Braille.

Amanhã, haverá «matinées» dançantes na Casa do Alentejo, na Liga Regional Coiense e no Grupo Tauromáquico «Sector 1».

— Por que não mandaste o teu cão á exposição canina?
— Porque a exposição era para cães e não para pulgas.

Semana do contribuinte

AGENDA

CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS — Estão a pagamento durante este mês, com juros de mora, as seguintes:

Contribuição Predial — Toda a contribuição inferior a 100$00 e a primeira prestação dos conhecimentos divididos em duas ou quatro prestações.

Contribuição Industrial — Toda a contribuição quando não tenha sido paga a primeira prestação dos conhecimentos divididos em duas ou quatro prestações.

Imposto Profissional — Empregados por conta de outrem profissões liberais e assalariados (que não descontaram em folha de férias). — Todo o imposto se não tiver sido paga a primeira prestação em Janeiro findo.

Imposto sobre a aplicação de capitais — Secção A — A totalidade do conhecimento qualquer que seja o quantitativo do imposto a pagar.

Imposto sobre as sucessões e doações—Estão a pagamento, as anuidades de usufruto vencidas e não pagas no dia 2 de Janeiro findo.

DIVERSOS

Operações do Comércio Bancário — Acções caducadas e dividendos prescritos — Deverão ser apresentadas até ao fim do corrente mês, as relações que compreendam os valores, depósitos e créditos caducados até 31 de Dezembro de 1955 ou certificados negativos, apresentação que se fará nas secções de finanças da área da sede da companhia, sociedade ou banco, sendo feitos em quadruplicado.

Reclamações — Prédios devolutos. — Podem apresentar-se as reclamações para a anulação dos correspondentes duodécimos da colecta respeitantes a prédios ou andares devolutos durante o ano de 1958.

Contribuição Industrial e Imposto Profissional — Pode reclamar-se sobre a anulação de colectas respeitantes a anos posteriores áquele em que se tiver verificado a cessação de factos tributários

Imposto Complementar — Declaração do modelo 1 — Devem ser apresentadas as declarações deste modelo por todos os contribuintes que estejam colectados por qualquer concelho ou bairro diferente do da sua residência. Todavia, se a declaração já tiver sido apresentada e não tiver havido alteração na residência do contribuinte ou de secção de finanças onde deve ser apresentada a declaração modelo 2, o modelo 1 não é de apresentar.

Declaração modelo 1-A — Esta declaração deve ser apresentada por parte das pessoas que além dos rendimentos de contribuição predial, contribuição industrial, imposto profissional e imposto sobre a aplicação de capitais, recebem vencimentos pensões, rendas, emolumentos, multas ou quaisquer outras remunerações, que com aquelas perfaçam quantitativo superior a 60.000$00.

SESSÃO CULTURAL

no I. S. Estudos Ultramarinos

Esta tarde, efectuou-se, no Instituto Superior de Estudos Ultramarinos, uma sessão cultural. Foram exibidos dois filmes coloridos sobre o Timor português — «Reconstituição de Timor» e «Actividade Missionária em Timor» — documentários realizados pela missão antropológica chefiada pelo prof. dr. António de Almeida, director do Centro de Estudos do Ultramar, daquele instituto, e da Junta de Investigação do Ultramar.

O 11.º aniversário

da Agência Portuguesa de Revistas

Esta noite, ás 22 horas, efectua-se no salão de festas do Grupo Desportivo do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, em Alcantara, um festival de baile e variedades comemorativo do 11.º aniversário da Agência Portuguesa de Revistas.

Carreiras aéreas

A actividade da P. A. A.

A partir do próximo dia 26 de Abril, os horários de Verão da «Pan American» incluem 50 voos transatlanticos semanais, com os modernos aviões de jacto Boedng 707. Haverá dois serviços diários entre Nova York e Londres e 11 serviços semanais entre aquela cidade e Paris. De Lisboa, podem fazer-se ligações directas com aqueles serviços por intermédio das frequências normais dos T. A. P. para Londres e Paris. Os voos de Nova York para Paris serão ampliados diáriamente, até Roma, a partir daquela data.

Os novos horários trazem, a novidade da eliminação da classe turistica nos voos transatlanticos, incluindo os que servem Lisboa, com os Clippers DC-7C. Todos os serviços da P. A. A. serão feitos com 1.ª classe ou de luxo e classe económica. Haverá voos diários entre Nova York e Lisboa. Destes, dois servirão os Açores. Três vezes por semana o serviço que passa por Lisboa continuará para Barcelona, Nice e Roma. Nesta cidade são feitas as ligações para o Oriente e Volta ao Mundo. E, quatro vezes por semana, os voos de escala por Lisboa continuam até Johannesburgo, servindo Leopoldville, Dacar, Accra e Robertfield.

Na presença dos srs. comandante António Carrasco, chefe de escala, José da Thareaga, gerente comercial, o eng.º Pedro Pinto Basto, representante da P. A. A. em Portugal condecorou, com o Emblema de Oiro, o bagageiro daquela companhia sr. Adriano Henriques, que acaba de completar 20 anos de serviço. Este funcionário, admitido quando os antigos «Clippers» da P. A. A. iniciaram o serviço transàtlantico escalando Lisboa, prestou os mais relevantes serviços nas instalações daquela companhia americana em Cabo Ruivo. O sr. Adriano Henriques é, também, um eximio construtor de modelos de naus e navios antigos, obras de arte que já têm sido várias vezes expostas ao publico.

A cozinha da S. A. S.

O serviço da S. A. S. nos seus aviões a jacto «Caravelle» com os quais esta companhia vai servir, a partir de 15 de Maio 24 cidades de 17 países, em 3 continentes, oferece aos passageiros uma nova concepção de refeições. Todo o sistema dos serviços de copa foi alterado, a fim de acompanhar a velocidade do «Caravelle». Assim a S. A. S., instalou já uma nova cozinha, donde saem pequenas maravilhas como «Kebat oriental», «Paté de faisão», «mignonette Caravelle» e «Brioches recheados».

A «Alitalia» e os voos Roma-Karachi

A companhia de aviação «Alitália» vai inaugurar, no próximo dia 4 de Março, um serviço directo de Roma a Karachi e Bombaim em ligação imediata com as carreiras Lisboa-Roma. Este serviço permitirá, aos passageiros de Lisboa, chegar a Karachi em 24 horas, num voo sem escala de Roma ao Paquistão, que se efectuará duas vezes por semana, com aviões DC 7 C «Sette Mari»

O CONGRESSO

da Liga dos Bombeiros reune-se amanhã

Amanhã, ás 10 horas, reune-se o congresso ordinário da Liga dos Bombeiros Portugueses, na sede da prestimosa colectividade, na Rua Barata Salgueiro, 29, 2.º, em Lisboa.

Da ordem dos trabalhos consta a apreciação do relatório financeiro e das contas da gerência de 1958.

O congresso será antecedido da posse dos corpos directivos eleitos para o biénio 1959/60, deslocando-se expressamente do Porto os representantes das várias corporações eleitas.

A Pérsia

assinará um pacto

de defesa mútua

com os Estados Unidos

TEHERÃO, 21. — Será assinado um pacto de defesa mutua entre a Pérsia e os Estados Unidos — anunciou hoje o xá da Pérsia.

Depois de explicar, numa conferência de Imprensa, que o acordo não envolve a construção de bases para o lançamento de projécteis teleguiados, e será invocado apenas em caso de agressão, o xá, referindo-se aos ataques da Rádio de Moscovo, declarou:

«O nosso regime é, definidamente, representativo do povo e continuará a existir enquanto o Mundo talvez chore e lamente a destruição de outros.

Reafirmando a sua decisão de manter a aliança com os Estados Unidos, apesar das pressões da União Soviética, o xá declarou que a política externa da Pérsia não ofreu qualquer alteração.— (A. N. I.).

UM TESOURO

acumulado

por um «ladrão de casaca»

descoberto em Londres

LONDRES, 21 — Dois mil e quatrocentos contos, em moeda portuguesa, é o valor das joias e objectos de arte roubados por um «ladrão de casaca» e que foram hoje encontrados pela Polícia, ao surpreendê-lo no seu esconderijo.

Os objectos, encontrados numa casa da parte Norte da cidade, representam — crê a Polícia — aquilo que resta dos assaltos do misterioso gatuno, que é descrito como sendo jovem, simpático, com mais aparência de banqueiro do que de ladrão, e que assaltava apenas as residências de pessoas da alta sociedade, enquanto estas estavam ausentes em reuniões de embaixadas ou em estreias de cinema e de teatro. — (A. N. I.).

UM LIVRO ÚTIL

E MUITO OPORTUNO

A IGREJA E O ESTADO

Colectânea de vários textos sobre as relações entre a Igreja e o Estado no nosso País, pelo Dr. Manuel Baptista Dias da Fonseca

A' venda nas livrarias—Preço, 20$00.

Pedidos á Livraria S Carlos — Largo de S. Carlos, 11 — LISBOA

Ao partir para a Rússia

MacMillan manifestou-se optimista quanto ao êxito da sua missão

(Continuação da 1.ª pagina)

MacMillan e Kruchtchev trocaram breves discursos no aeroporto.

Depois de ter passado revista á guarda de honra, MacMillan subiu para um automóvel, que o conduziu para a antiga residência de Malenkov, onde ficará instalado como hóspede do Governo soviético.

No aeroporto MacMillan cumprimentou com um aperto de mão todos os membros do corpo diplomático acreditado em Moscovo.

Só esta manhã foi anunciada a primeira parte do programa oficial da visita do primeiro-ministro britanico. Esta tarde depois de uma visita protocolar a Kruchtchev, no seu gabinete de trabalno MacMillan jantará, com alguns dos mais categorizados dirigentes soviéticos.

As conversações entre MacMillan e Kruchtchev só começarão na segunda-feira. — (A N I.)

Saudações amistosas

MOSCOVO, 21. — A saida do «Comet IV», MacMillan foi entrevistado por Rádio Moscovo, tendo manifestado a esperança na realização de «uteis conversações» «A minha visita talvez contribua para aliviar algumas das preocupações que perturbam o Mundo» — declarou.

Por seu turno, Krutchev disse: «A sua visita proporciona-nos uma boa oportunidade para analisar as relações anglo-soviéticas e os problemas internacionais que prendem a atenção dos povos soviético e inglês».

«Permita-me que lhe manifeste a esperança de que a sua visita á União Soviética ajudará ao desenvolvimento das relações de amizade entre os nossos países — o que contribuirá para estabelecer uma melhor compreensão entre nós» — prosseguiu.

O chefe do Governo soviético acrescentou que a U. R. S. S. encara a possibilidade de desenvolver relações com todos os países. — (A. N. I.).

A partida de Londres

LONDRES, 21. — Um Sol primaveril iluminava esta manhã o aeroporto de Londres quando Harold MacMillan, acompanhado por Selwyn Lloyd, seu ministro dos Negócios Estrangeiros, e um grupo de colaboradores, tomou o avião para Moscovo, onde conta demorar-se dez dias.

O primeiro-ministro foi o ultimo a chegar ao aeródromo, acompanhado por sua esposa. Era o unico que não tinha o gorro de peles, a peliça e as botas altas forradas de peles com que se apresentaram todos os membros da sua comitiva, incluindo o chefe do Foreign Office. Contudo, aquelas precauções contra o frio moscovita não haviam sido esquecidas, e o motorista retirou da «limousine» do primeiro-ministro um gorro e uma peliça emprestados por lorde Alexander.

Muito descontraído, com um sorriso a bailar nos lábios, Harold MacMillan prestou-se de bom grado ás solicitações dos jornalistas, rodeados por uns trinta fotógrafos. Sublinhou o caracter de reconhecimento amistoso da sua missão, acrescentando que tem grande confiança nos contactos pessoais com os dirigentes soviéticos.

Declarou aos jornalistas: «Não vou a Moscovo para negociar. Não tenho autoridade para o fazer. As negociações virão mais tarde.

«Não vou certamente descobrir segredos mas procurarei sondar o coração e o espírito dos estadistas soviéticos, a fim de apurar até que ponto podemos estabelecer contactos com eles... Na era atómica, todos têm enorme interesse em salvar a paz; por consequência, devemos tentar chegar a um acordo dentro desta ordem de ideias.

«Ignoro em que medida seremos bem sucedidos — prosseguiu MacMillan. Mas a verdade é que tentaremos a nossa sorte. Estou convencido de que as conversações e os contactos pessoais têm grande importancia na vida internacional de hoje».

O primeiro-ministro afirmou mais adiante o que já havia dito anteriormente: «Esta viagem a Moscovo é de reconhecimento» E prosseguiu: «Desejaria levar três coisas por diante: 1.º) Retribuir a visita que os dirigentes soviéticos me fizeram há três anos. 2.º) Tentar conhecer melhor a vida dos Russos — e talvez fazer-lhes conhecer melhor a vida dos Ingleses. 3.º) Conferenciar com os dirigentes soviéticos».

Com respeito ás negociações com os estadistas da U. R. S. S., precisou: «É inutil pretender que não nos separam dificuldades sérias. É inutil dissimular a nós mesmos que estas dificuldades podem tornar-se mais agudas e criar situações perigosas — creio ser esta a expressão usada pessoalmente por Kruchtchev Torna-se por isso muito util promover contactos pessoais» — concluiu o primeiro-ministro britanico. — (France Presse).

A posição

dos Ocidentais

no caso alemão

pode ser alterada

MILWAUKEE (Visconsin), 21 — A sr.ª Eleanor Dulles, irmã do secretário de Estado, e que exerce as funções de assistente especial do director da Repartição dos Negócios Alemães da Secretaria de Estado, declarou hoje, num discurso proferido na reunião anual do Instituto de Política Externa, na Universidade de Wisconsin, que haveria possibilidade de «novas propostas», se os Russos se resolvessem a conceder maior liberdade de acção aos Alemães residentes na zona soviética.

Depois de declarar que «poderiam ser tomados em consideração novos planos para as relações entre as duas zonas da Alemanha e Berlim, se as igrejas e as escolas gozassem de liberdade, e o sistema policial fosse mais brando», a sr.ª Eleanor Dulles disse haver quatro «limitações», dentro das quais as potências aliadas poderiam negociar com os Russos, sobre o problema alemão e a crise de Berlim:

1. — «A importancia de impedir, pela força, se necessário for, qualquer acto de agressão soviética, ou a imposição dos sistemas comunistas aos povos livres»;

2. — «O limite estabelecido pelos perigos militares de compromissos que concedam novas e substanciais vantagens ao Kremlin»;

3. — «O limite estabelecido pela vontade e intenções expressas do povo alemão»;

4. — «A aceitação de um sistema de cooperação, sancionado por acordo entre as potências europeias». — (A. N. I.)

Dezassete operários

morreram numa barragem

SALISBURY, 21.—Morreram 17 operários que trabalhavam na construção da barragem da Kiriba, em consequência de ter abatido a plataforma onde se encontravam, a mais de 60 metros de altura — segundo se anuncia. — (A. N. I.).

ABSOLUTAMENTE CERTO...

CONTINUAÇÃO DA

LIQUIDAÇÃO TOTAL

DE TODA A EXISTENCIA POR MOTIVO DE

DEMOLIÇÃO

NA

«MEIA» - HORA

Largo Rafael Bordalo Pinheiro, 3

(Ao Chiado)

RESERVAS DA A. F. L.

Os jogos

da 6.ª jornada

O Campeonato Distrital de Reservas da A. F. L. prosseguiu hoje com três dos quatro encontros que constituiam o programa da sexta jornada. Não se realizou o desafio Torriense-Sacavenense, por inespedamente, a equipa de Sacavém não se ter apresentado no campo das Covas.

Oriental, 1—Benfica, 6

Jogo no campo «Eng.º Carlos Salema», sob a arbitragem de Pena da Silva. As equipas formaram:

ORIENTAL — Augusto; Siborro e Ribeiro; Carapinha, Alfredo e Cordeiro; José da Silva, Piloto, José Luis, Nogueira e Adolfo.

BENFICA — Barroca; Nuno e Barbosa; Sidónio, Humberto e Jurado; Reis, Mascarenhas, Mendes, Santana e Pedro Silva.

Como equipa melhor estruturada, o Benfica começou abertamente ao ataque e logo, nos primeiros minutos, foi chamado a duas intervenções difíceis

Aos 19 minutos, no seguimento de um canto ,Mascarenhas abriu o activo dos «encarnados», que, aos 37 minutos consolidaram a vantagem com um golo de Mendes, de «livre». Bambo, entretanto, substituira Mascarenhas.

Na segunda parte a vantagem dos «encarnados» foi ainda mais acentuada, chegando a 6-0 — golos de Mendes (canto directo), Santana, Sidónio e P. Silva (grande penalidade), aos 12, 27, 33 e 35 minutos. Aos 40 minutos Nogueira fez o ponto de honra do Oriental.

Estoril, 1—Sporting, 7

Jogo no Campo da Amoreira, dirigido por Salvador Passos.

ESTORIL — Carvalho, Brito e Albano; Rosales, Galvão e Palmiro; Cunha, Ferrão, Espanhol, Armindo (Torcato) e Lacnever.

SPORTING — Carvalno, Peireteo e Paleje; Perides, Galaz e França; Oscar, Caraballo, Tomé Bispo, (Ferreira Pinto) e Morais

O Sporting teve vantagem territorial não obstante a boa réplica do Estoril. Aos 4 minutos, Caraballo abriu o activo do Sporting, mas a vantagem de um golo só durou até aos 28 minutos—altura em que Espanhol estabeleceu o empate (1-1), que veio a constituir o resultado da 1 parte.

No 2. tempo, o Sporting dominou abertamente. França (aos 7 minutos), Morais (aos 15), Caraballo (aos 24) Tomé (aos 27 e 39) e Galaz, de grande penalidade (aos 38) elevaram a conta para 7-1. Foram expulsos Palmiro e Morais.

Arroios, 0—Belenenses, 11

Jogo no campo «Alfredo Marques Augusto» (Moscavide), arbitrado por Jorge Heitor.

ARROIOS — Amaro; Costa e Maximiano; Cardoso (Chitas), Quintela e Carvalho; Couto, Didi, José Maria, Tomé e Roque.

BELENENSES—Fernandes; Leonel e Rosendo; Marçal, Pais e Amandio, Catete, Tonho, Cunha Velho, Guilherme e Miguel.

Durante os primeiros 30 minutos, os «azuis» dominaram abertamente. No entanto, a defesa e meia-defesa dos tricolores conseguiram anular a melhor técnica do adversário. Todavia, aos 12 minutos, Cunha Velho marcou o 1.º golo dos Belenenses. Aos 42 e 43 minutos, Amandio (de grande-penalidade) e Tonho elevaram a conta para 3-0.

Na 2.ª parte os «azuis» dominaram claramente e fizeram mais 8 golos, por: Miguel (aos 10 e 30 minutos), Cunha Velho (aos 12 e 22), Tonho (aos 15), Chitas (aos 38), Marçal (aos 40) e Guilherme (aos 43). Foi expulso Chitas.

RESTAURANTE CASTANHEIRA

LUMIAR • LISBOA • TELEFONE 77 91 68

BAILE DE MI-CARÊME

Realiza-se hoje sabado, com uma excelente orquestra

Informações pelos telefones: 77 91 68 — 77 95 07 e 3 42 68

Temperatura confortável em todas as salas

SALA DE CHA — TELEVISÃO — CAFÉ-BAR

(Maiores de 15 anos)

INSTITUTO PARTICULAR DE SAÚDE

Av. Guerra Junqueiro, 14, 1.º, Dt.º — LISBOA — Tels. 728182 e 728183

SERVIÇOS MÉDICOS

Consultas de todas as especialidades, Análises Clínicas, Radiografias, Electrocardiografia, Fisioterapia e Transfusões — Preços de Policlínica

Serviço permanente (dia e noite) de Chamadas ao domicílio

ATENÇÃO: NOVOS NUMEROS DE TELEFONE

728182 e 728183

ALMOÇO REGIONAL

NO «BARRETE VERDE» EM BENAVENTE

O MAIS LUXUOSO E TIPICO RESTAURANTE NO RIBATEJO

DOMINGO DIA 22 — EMENTA MAGNIFICA — AMBIENTE ALEGRE

RANCHOS FOLCLÓRICOS: TIPICO BARRETE VERDE E PESCADORES E ESCAROPIM — FANDANGO — ACORDEONS — CANTARES REGIONAIS, ETC. (MAIORES 6 ANOS)

INFORMAÇÕES NA

AGÊNCIA DE VIAGENS RODARTE

EXCURSÕES EM PORTUGAL E NO ESTRANGEIRO

RUA DA PALMA, 159-A — LISBOA — TELEFONE 86 12 14

RIBATEJANO

Salvaterra de Magos Telef. 14

• TODOS OS DIAS •

Aos Almoços — Chás e Jantares

Exibições: Ranchos Folclóricos

Cozinha Portuguesa

(6 anos)

Subsidiado pelo Fundo do Turismo

magazine

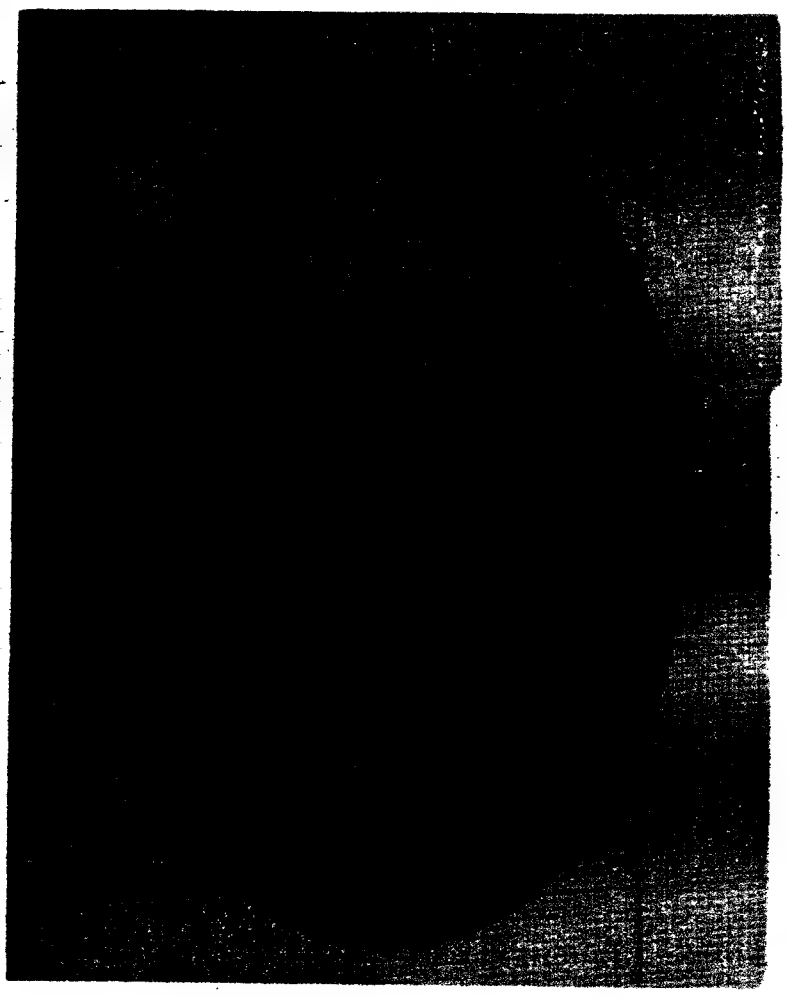
A VIDA QUOTIDIANA EM PORTUGAL NO SEC. XIX

O cidadão Borges Carneiro

A revolução liberal de 1820 era o fruto maduro de muitas opressões e de muitas experiências. Em primeiro lugar, a miséria extrema de um país destruído, saqueado, sem comércio interno nem indústria e com uma agricultura agonizante, sangrada pelos impostos e pelas lançadas das invasões estrangeiras. Todas elas haviam sucessivamente assumido a tarefa de espoliar o País e, nas horas vagas, de mão dada com as classes reaccionárias — a nobreza e o clero — aplicavam-se a perseguir os patriotas liberais. Tal perseguição curtira a nossa consciência de-

por **Augusto da Costa Dias**

(Continua na página central)



BILHETES PAULISTANOS

MEDIOCRIDADE E GRANDEZA DE «O DOUTOR GIVOGO»

Depois de ter sido tema de guerra fria, o caso Pasternak transformou-se, com o rodar das semanas, em assunto de polémica literária. A' fase da crítica e do elogio do homem, seguiu-se a fase da crítica e do elogio da obra. Quase todos os que se pronunciaram sobre os problemas suscitados pela atribuição do Prémio Nobel desconheciam o livro que estava na origem da controvérsia. As veementes e absurdas diatribes da Associação dos Escritores Soviéticos e da «Pravda» careciam por completo de fundamento; mas a intransigente defesa da figura de Boris Pasternak empreendida pelos intelectuais do Ocidente pecava pela circunstancia de a maioria deles tudo ignorar acerca do grande poeta russo cujo nome ouviam pronunciar pela primeira vez.

Agora o interesse das multidões deslocou-se do autor para o romance que o celebrizou. Traduzido em dezenas de idiomas, «O Doutor Jivago», bateu todos os «records» de venda e não houve jornal ou gazeta que não lhe dedicasse colunas de prosa. No Brasil está-se, de resto, assistindo á repetição do fenómeno registado anteriormente. Para uns «O Doutor Jivago» é uma obra literária perfeita, um romance que pode figurar sem desdouro ao lado das grandes criações de Dostoiewski e Tolstoi; para outros, apenas um lamentável amontoado de banalidades e incoerências que exprime a irremediável mediocridade do seu autor. A formação ideológica dos críticos brasileiros de Pasternak tem, evidentemente, influência nos juizos emitidos, mas não basta para os explicar. Em muitos casos, as opiniões mais duras e desfavoráveis têm partido de pessoas que se baseiam para as formular em argumentos de ordem puramente estética e literária. A paixão, entretanto, está quase sempre presente. Ou tudo ou nada. Ou se fala de Pasternak com admiração, com amoro-

por **Miguel Urbano Rodrigues**

(Continua na 7.ª página)

Diario de Lisboa

SUMÁRIO

Pesca do atum
MANUEL DO NASCIMENTO

A espera frustrada
ALFREDO BRAS

A conquista do Céu
MANUEL SALGUEIRO

Bilhetes Paulistas
MIGUEL URBANO RODRIGUES

Luzes da cidade
DULCE REBELO

Fim de semana feliz
Cicerone
Crónica da Rua Humilde
MÁRIO CASTRIM

O cidadão Borges Carneiro
AUGUSTO DA COSTA DIAS

Postal ilustrado
MANUEL AGRA

Apontamentos para os tempos futuros
DIÓGENES

Saiba comer
MARIA CAROLINA FREITAS

Histórias de mineiros
MANUEL DO NASCIMENTO

Ganhe cem escudos com um sorriso nos lábios

REPORTAGENS DE MAGAZINE

A PESCA DO ATUM

Por MANUEL DO NASCIMENTO

Vida desconcertante esta... Salta-se da sonolência dos visionários mouros á vibração, ao frémito. Os homens, ora os vemos estendidos ás portas, de barriga para o ar, na contemplação muda do céu, ora se agitam febrilmente. Não há meio termo... A vida, tal como uma mola de aço... Uma mola de aço que se enrolou calmamente como a corda de um relógio e que depois, sem que «saibamos» como «nem porquê», se solta e gasta a energia num vibrar que toca as raias do esbanjamento.

O Algarve parece uma «caixa de surpresas». Não sei quem foi que fez esta afirmação mas é assim mesmo. Descansem: não iremos dar, numa só reportagem, uma provincia inteira. Certo é que trazemos os olhos cheios do sangue das sardinheiras, de figueiras contorcidas, de camisolas polícromas, de silhuetas fugidias; certo é que ainda ouvimos a toada alegre dos corridinhos em harmónios que arfam como peitos, a lenga-lenga das lotas e o coro de mil gritos e pragas.

Voltemo-nos para o mar. O mar algarvio é a mais bela pincelada de cor de toda a terra portuguesa. Azul, azul... imensamente azul. Sim, voltemo-nos para o mar fazendo o possível por esquecer a paisagem. Se ela se nos apresenta de uma riqueza forte, mais forte é a vida dos homens que abraçam o mar e lhe arrancam, das entranhas profundas e traiçoeiras, o pão de cada dia.

Repare nos pequenos veleiros que ao longe afocinham nas cristas de espuma do cachão, fixe os rostos que lhes seguem a rota. Não têm o ar de quem assiste a uma competição desportiva. Não, não se trata das regatas de Cannes. Ansia e talvez desespero no rosto destas mulheres vestidas de negro. Que velas tão brancas... e que trajos tão negros. Paradoxo?

Deixemos, que o tempo não pára, estas pinceladas de impressionismo carregado, corramos pela estrada a caminho de Tavira, embalados pelo gritar monótono das cigarras e pensemos nos motivos que nos levam á cidade onde alguns julgam ver vestígios da velha Balsa dos Romanos.

Tavira é um pequeno burgo que só não cheira a passado nestes meses de Verão. Nada existe como o Sol para afugentar as traças e os bolores... Foi-se a altura em que tudo dormia a sono solto, a sono do sepulcro, em que o fulgor pálido da talha dourada, das pedras dos tumulos e das inscrições, campeava como senhor absoluto.

Dois dias, passados em Tavira, nesta época do ano, chegam para apontar todas as obras do renascimento, todos os motivos manuelinos, chegam para ver todas as telas antigas. Mas o Sol fustiga, a pedra é fria e ás telas já o tempo lhes comeu a cor. Quente e frio... Duche escocês... Tantos derivativos cansam quem vive numa espera de emoções. Poderemos, numa tarde escaldante e cheia de Sol, ante a vida intensa e colorida dos homens, rondar pelo passado em atitudes de embevecimento?

Dissemos que Tavira é uma terra morta, e ninguém nos desmente se abrirmos um parentesis de excepção pelo tempo que medeia entre Maio e Agosto. E nestes escassos meses pouco falta para assistirmos ao levantar dos herois, dos seus tumulos; transfigura-se a morte que passa a vestir as cores fortes e garridas da vida. O acordar de um sono letárgico, mas um acordar violento... E' a pesca do atum o elixir desta ressurreição, deste vibrar em unissono de uma cidade inteira.

Esperam-se nas encruzilhadas das ruas os correios das armações, corre-se ao cais, olha-se com avidez o fundo dos porões das barcaças, fala-se por toda a parte em águas «lusas» e «claras» e não há uma só pessoa, no «café» onde por hábito nos sentamos, que não conheça todos os sinais propícios a uma «copejada». Por toda a parte surgem estrategas desta guerra de exterminio em que o homem se empenha contra o mais saboroso dos escombridcos.

Preparemo-nos, pois, para assistir á pesca do atum.

Uma corrida de quinze minutos em automóvel e meia duzia de remadas fortes nos levarão ao local onde se encontram as instalações de uma armação.

Olhe! Aí vem um carro. Façamos o sinal de paragem.

Tavira vai ficando para trás. As

(Continua na 3.ª página)

A conquista do [illegible]

A VELOCIDADE DE 300.000 QUILÓMETROS POR SEGUNDO, O TEMPO ANDA MAIS DEVAGAR !

Dado que, como vimos no nosso ultimo artigo, há muitas probabilidades de que a vida tenha assentado arraiais em muitos outros planetas situados a distancias imensas, nada mais natural que o homem sonhe já em visitar esses focos para saber que novas formas pode a vida tomar.

Mas... será caso possível, ou não passará de um sonho? Nós sabemos que a habilidade do bicho homem tem consistido, ao longo de milhares e milhares de anos, em transformar os sonhos em realidade, por obra e graça do trabalho, da inteligência e da união. Não estará, porém, desta vez, o homem diante de um sonho irrealizável?

E' que, sem falar das dificuldades técnicas, que o nível actual da astronáutica ainda não ultrapassou (como, por exemplo, as quantidades colossais de energia necessárias a uma empresa desse género) a duração de tais viagens, mesmo a grandes velocidades, ultrapassaria em muito a duração da vida humana...

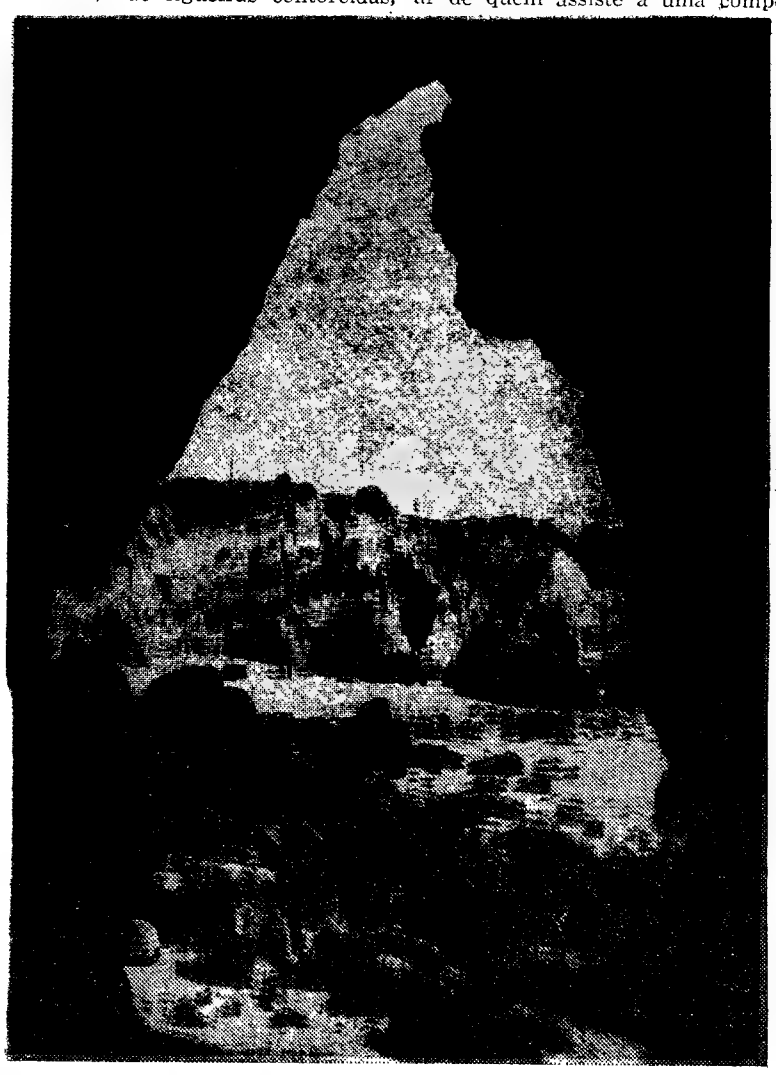
...Aqui entra novamente a ciência (varinha mágica...) em acção, a tentar abrir perspectivas. Trata-se, neste caso, não de prolongar a vida humana (facto que a ciência, aliás, não descura e se encontra em vias de conquistas revolucionárias...) porque o prolongamento necessário ultrapassaria o quadro das possibilidades científicas, mas de aumentar a velocidade da astronave. Não é impossível atingir a velocidade da luz no vácuo — 300.000 quilómetros por segundo. Depende, sòmente, de se dispor de energia necessária...

Julgar-se-ia que, mesmo atingida esta «performance», não estariamos em condições de resolver o problema, dadas as grandes distancias que nos separam desses mundos encantados — e longínquos, distancias que são da ordem das dezenas, dos milhares, de milhões de anos-luz! Mas, segundo a teoria dos movimentos rápidos, o tempo, esta quarta dimensão, muda o ritmo do seu curso quando a velocidade se aproxima da da luz. Numa astronave navegando a essa velocidade as horas passariam lentamente, muito mais lentamente... por exemplo, se ela andasse com uma velocidade inferior apenas um por cento, em relação á da luz em direcção da estrela n.º 61 da constelação do Cisne, na qual, como já dissemos, os astrónomos soviéticos descobriram um satélite planetário, passariam para os habitantes da Terra 22 anos, desde a partida até ao regresso, porque a estrela se encontra a cerca de 11 anos-luz do nosso planeta. *Ora os passageiros da astronave notarão que gastaram na viagem apenas três anos...*

Um tal «abrandamento» do tempo, quando se atinge a velocidade próxima de 300.000 quilómetros por

Por **MANUEL SALGUEIRO**

(Continua na página central)



Ganhou, de facto, um jurisconsulto: o sr. Fernando José Rodrigues, Rua Major Afonso Pala, 33, 3.°, dt.° — Algés. Numa semana em que quase todos os concorrentes falaram em coisas de comover um funcionário publico que tem, em frente do guiché, uma bicha de infelizes—coisa no género de «carnaval da vida» e de «máscara que só desafivelamos três dias em trezentos e sessenta e cinco» — sabe bem apanhar com o duche da lei.

Diz o vencedor, e muito bem, que

Carnaval é a unica entidade para quem a Lei funciona ao contrário: nas ruas, que são de todos, é que lhe é vedado o direito de admissão.

Na verdade só nos deixam rir á vontade em casa.

Também do género legislativo, embora mais inclinado para as ocorrências do Torel, é a segunda definição do novo concorrente Fernando Cardoso (Lisboa):

Carnaval é a quadra em que os assaltos são permitidos.

A's vezes com um rir na garganta e a despensa vazia.

Ainda no mesmo caminho legal fica a definição da sr.ª D. Arminda Correia (Lisboa):

Carnaval é a época do ano em que é permitido entrar com o próximo.

Suponho que há aqui um bocadinho de optimismo.

E a «tesoura»?

No género «somos doidos varridos» é este diagnóstico que a sr.ª D. Vilma Barreira (Lisboa) nos fez o favor de mandar:

Epoca do ano em que os que estão lá dentro podem ajuizar dos muitos que ainda andam cá por fora.

O «lá dentro» é que me causa confusão; o resto está certo.

Para quem goste de verdades profundas como o Pacífico, aqui vai esta definição do sr. Ramiro Monteiro (Lisboa).

Entrude é uma coisa que os «pequenos» julgam que só os «grandes» sabem o que é, e os «grandes» verificam que afinal só os «pequenos» entendem bem.

Isso é injusto. E então as «pequenas» não entendem? Por isso é que o sr. Raul Martins (Lisboa) nos mandou esta profissão de fé de puritanismo:

Entrudo e uma quadra do ano em que é suspenso «oficialmente», por uns dias, o conceito de ridículo.

Que grande boa vontade! Três dias sem o conceito de ridículo!

Os adeptos do «Fado» não é isso que dizem, como vou provar com estas amostras entre duzentas e quinze com a mesma musica:

Entrudo: ensaio geral duma palhaçada que começa quando o Entrudo acaba.

(Sr. Eurico Baptista, de Lisboa).

E o sr. Alvaro Machado, do Porto:

Entrudo — quatro dias de verdades num ano de mentiras.

«**Entrudo** — considera o sr. António Rafael, das Caldas da Rainha **— é a nossa mais fiel imagem...** e **acaba sempre em «CINZA».**

Esta é a mais dramática de todas. Mas também devemos considerar de primeirissima sentimentalidade o conceito do sr. José da Silva Santos (Fuseta):

Entrudo — é simplesmente a vida fora do período carnavalesco.

Eis o que se chama tomar as coisas a sério.

O nosso prezado leitor do Porto, sr. José Joaquim, fez uma descoberta sensacional. Nada mais e nada menos que um novo santo! Afirma-nos, com efeito, que Entrudo

E' o Santo Padroeiro dos Neurasténicos.

E do sorriso amarelo?

O sr. José Maria Custódio Junior (Moscavide) contribui, e muito, para o alto brilho literário do nosso concurso. Ao ler a sua carta sentimos o fantasma do Eça á nossa roda. Que grande momento! Ora leiam:

Entrudo: S. M. Carnaval; quadra foliona em que, durante três dias, se levanta «o manto diáfano da fantasia», para mostrar a «nudez forte da verdade».

Devia lá ter caído o poder do Mundo. Calcule-se! Há quem vá daqui a Paris só para conseguir um espectáculo desses no «Casino» ou no «Folie Bergeres»! E ainda por cima de «borla».

Que grande concorrência ao Carnaval «cosmopolítico» do Estoril.

Em género de máscaras é que estivemos fracos. Afirma o sr. Carlos Feteiro, das Caldas da Rainha, que

Entrudo — é a época em que muita gente põe a máscara por fora e a tira por dentro.

Devia ter sido uma coisa muito dolorosa essa operação de pôr por fora e tirar por dentro.

Do Porto veio-nos uma afirmação pastoril, agrícola que nos deu imenso repouso ao espírito. Devemo-la ao nosso prezado leitor, sr. Alfredo da Silva:

Entrudo é uma árvore que nem com enxertos consegue dar frutos que preste.

E é natural. O enxerto está muito desacreditado como receita pedagógica.

Mas vamos terminar. Vamos terminar com um invento sensacional. O sr. Alvaro Machado, do Porto, descobriu um novo detergente para limpar tudo. Eis o anuncio:

Entrudo — é um sujeito porco que põe as coisas a limpo.

E para a semana? Sugere o sr. Silvestre Gaudêncio, de Unhais da Serra, e eu aceito que se ponha a concurso a palavra

O «Entrudo» deu origem a muitas variações à guitarra sob temas de choradinho. Descobriu-se também que o «Entrudo» é um detergente que não falha em nenhuma nódoa, mas ganhou um jurisconsulto de Algés.

As respostas devem estar em «Magazine», Rua Luz Soriano, 44 a 48 até ao próximo dia 28.

Em França, diz um jornal da manhã,
contra uma fera repelente
(chamam-lhe já «fera de Gavaudan...»)
junta-se imensa gente.
Fera bem mais real assombra a Terra
bem mais feroz e astuta.
Ai de nós se ela abandonar a gruta!
Eu refiro-me à guerra.
Meu Deus! Que por todos os modos
contra a bicha feroz, abominada
se unam os homens todos
para a grande caçada.

* *

Um satélite mais vai para o ar
com êxito seguro
Este, o tempo futuro,
vejam, vai decifrar.
Um mecanismo bom, coisa asseada,
informa, dia a dia
se vem neve ou geada
se vento ou calmaria,
Amanhã calmamente a gente sai
calmamente ciranda
só porque o céu chuvadas já não manda
sem dizer água vai...

* *

Numa sessão em Filadélfia andaram
felizes e concordes
Americanos e Russos: derrubaram
cinco grandes «records».
O salto à vara
salto em altura e mais o triplo salto
trezentas jardas, duas milhas — rara
inspiração de mais veloz, mais alto!
Tal qual os pais que vêem os filhos pequenitos
brincando ao esconde-esconde e ao jará
nós dizemos: «Assim, sim, meus meninos, vá,
para serem bonitos!»

ALFA

disco

Canções do filme «Costureirinha da Sé»

MARIA DE FÁTIMA BRAVO

Ainda está no mente de todos a forma sensacional como a simpática Maria de Fátima se colocou a par dos nomes mais queridos da nossa música ligeira popular. Uma canção e bastante talento chegaram para que. num abrir e fechar de olhos, a sua presença fosse solicitada na rádio, na televisão, no teatro, no disco e agora no cinema. Na figura gentil da «Costureirinha da Sé», Maria de Fátima demonstra uma vez mais a sua facilidade de representar.

O fado da Sé e a Canção da Costureirinha, são os dois motivos musicais que Maria de Fátima interpreta neste filme e que, certamente. o nosso público vai transformar em grandes sucessos. Oportuna pois a edição em disco de 45 rotações, agora feita pela Decca.

OS MANOS ALEXANDRES

em música portuguesa

É na verdade precisa muita categoria para conseguir tirar dum instrumento tão ingrato como o é a harmónica de boca a fantástica gama de efeitos que os Manos Alexandres conseguem obter. Um instrumento tão pouco considerado transforma-se num abrir e fechar de olhos em

maravilhoso veículo de divulgação de virtuosismo. Parabens Manos Alexandres e à Parlopho-ne por tão interessante disco.

Disco publicado pelos Estabelecimentos Valentim de Carvalho, R. Nova do Almada, 95

FIM

Um dos grandes males do nosso tempo, aquele que mais que todos o incrimina, é este nosso desejo que o tempo passe...

Não sei se já repararam que a nossa vida é um constante esperar e desejar amanhã outra coisa diferente de hoje, alguma coisa que não seja hoje... Levamos a semana ansiosos pelo domingo, que nos liberta do escritório e da fábrica. Para uns o fim do mês, o dia em que se recebe, ou o sábado, dia da féria, custam a chegar. Depois é a espera de um feriado, a espera das férias... Mas Agosto acaba e já começamos a desejar que os meses passem depressa para que outro Agosto venha rápido...

Há quem diga que este Inverno nem houve Inverno. Para alguns, talvez. Para outros houve e rigoroso. Por exemplo aqui para a pobreza que se arrasta em grutas mal defendidas nas abas de Monsanto... A mulher só com uma chinela calçada, para iludir a lei, apanhando na cabeça as vergastadas da chuva ciclónica, eu ouvi-a dizer, ouvi-a claramente:

—Isto nunca mais passa... Nunca mais é Verão...

O dia que corre não nos satisfaz. Amarra-nos á ansiedade, ao pelourinho do qual nos libertamos atirando os olhos para a frente e dizendo:

—Amanhã... Sim, amanhã vai tudo ser diferente...

E não vemos, e não reparamos que nos estamos suicidando lentamente. Não reparamos que o dia que desejamos passe breve nos aproxima mais e mais da velhice, do fim... A felicidade não devemos nós querê-la para amanhã, porque aí está ela certa, foi sempre amanhã que ela esteve certa. E' para hoje que devemos querê-la.

E por muito infeliz que seja a hora que decorre eis o meu primeiro conselho de hoje: não desejes que ela passe depressa; aproveita antes a lição do arco-íris que sorri precisamente nos dias de tempestade... Por muito belos que sejam os tempos futuros — e eu acredito firmemente que o serão—e por muitas saudades que guardes do passado, lembra-te que nenhuma hora será tão boa como esta que, mesmo má, nos pertence...

E agora uma perguntinha de algibeira... Tu sabes quantas primaveras vive em média uma pessoa? Primaveras, aqui, não está em sentido figurado, com o sentido de bilhete-postal. Não, senhor. Primaveras mesmo, este espectáculo unico, onde todos podem entrar mas a que poucos sabem assistir—exactamente porque vão com muita pressa, a desejar que o tempo passe... Pois em média cada um de nós tem á sua conta unicamente sessenta primaveras. Agora deduz aquelas em que por demasiada infancia não reparas e ficas com umas escassas cinquenta delas para teu governo.

Agora vê lá se queres perder mais alguma... Não, meu amigo, não faças isso. Medita um instante só que seja nas palavras simples que te disse e resolve dedicar o dia de amanhã ao espectáculo mais belo cuja montagem se prepara activamente — o da Primavera...

A cidade está cercada de campos que são outros tantos palcos de exibição da grande «estrela». O autocarro ou o «eléctrico» te servem se não queres ir para muito longe. Como vês, nada mais barato.

Tu já viste com olhos de ver uma arvorezinha com sua penugem verde, um verde inocente, infantil de olhos mal despertos para a vida. Tu já viste o tapete manso de verdura estendido no campo para sua alteza passar? Já viste como em cada torrão de humus selvagem nasce uma flor como uma bênção uma flor que, na sua fragilidade sem medida, transporta toda uma mensagem de redenção? Tu já viste milhões de braços que te acenam que chamam por ti, a lembrar-te que também fazes parte do mesmo grupo, que jogas também neste maravilhoso «team» da vida de que fazem parte coisas, vegetais, bichos, terra, luz?...

Sim, meu amigo, volto a dizer-te não desperdices mais esta Primavera. Não desperdices que te estás a ti próprio desperdiçando. E cheio de bornal de amor á vida, á paz, á alegria — sem esquecer o lanche, evidentemente — volta costas á cidade e vai saudar a Primavera.

Lá nos encontraremos.

CICERONE

A pesca

(Continuação da 1.ª página)

ameias do castelo, as muralhas ganham com a distancia e um leve nevoeiro o recorte esbatido das coisas longinquas.

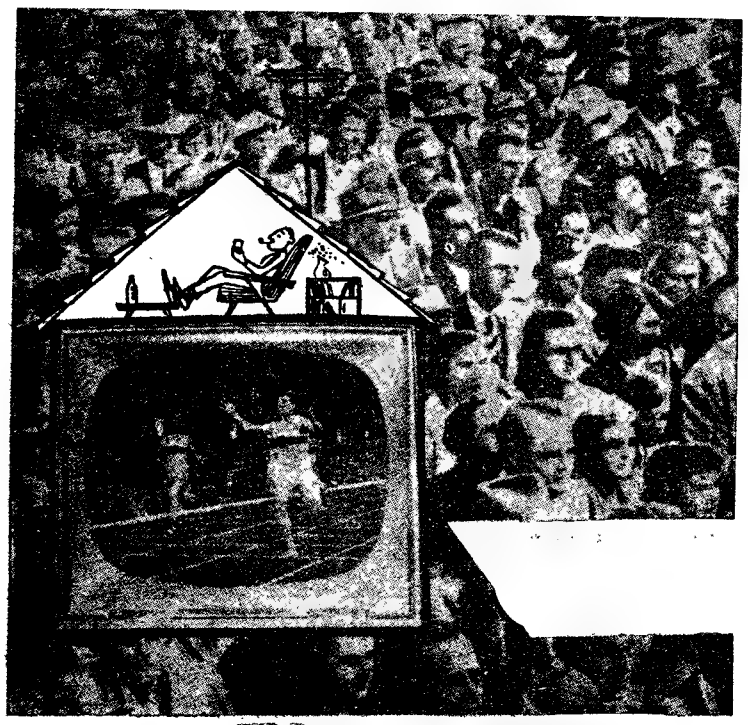
Sim, é além! São aquelas casas dominadas por uma torre alta. Não comece por agora o tiroteio de perguntas com que pensa brindar-nos. Refreemos um pouco a curiosidade e atravessemos a nesga de água que lambe o areal e o divide em dois.

Céu azul... Nuvens arredondadas como abóbadas das mesquitas... Caras de pescadores vincadas pelo sal e enegrecidas pelo Sol... O rumor abafado de uma discussão... Areia... Paisagem de mil sonhos... Irão surgir por encanto as tunicas brancas e os sabres afiados e cintilantes dos mouros?

Mais duas remadas... O homem da proa tem os musculos endurecidos e uma ancora tatuada no antebraço esquerdo.

A vida, dentro do arraial, tem o seu «quê» de tempestade. Há um ritmo nervoso nos passos dos homens da «companha». O Sol queima. Fecharam-se as portas das casas. Num armazém, alguns pescadores do giro da terra preparam o linho das redes. Mais ao fundo distribuem o peixe da caldeirada. Um bafo de ansiedade abraça casas e homens e os nervos, tensos, esperam. Olha-se o mar num esforço de quem pretende descortinar distancias, fixa-se a torre, como se possível fosse ler no ar as mensagens da T. S. F. Colam-se alguns dos companheiros ás pequenas sombras das casas, os peitos a arfar. Remoem-se duvidas, há bocas que se abrem para soltar pragas. Pragas porque o peixe não está de feição, pragas de desafio ao silêncio da tarde.

Aproveitemos o tempo; a ordem de largada pode surgir de um momento para o outro.



com TV
VOLL Automatic
* sintonia completamente automática
* comando á distância
* grande poder de captação
CONSULTE OS AGENTES DA
GENERAL
MARIO HENRIQUES

Todo um dia vivido sob o signo do desespero e da nevrose. De manhã a ler a peça «Esperando Godot», de Samuel Beckett, talentoso escritor francês nascido em Dublin. A noite, a assistir á representação do «Requiem por uma Freira» do famoso escritor norte-americano William Faulkner, pela excelente Companhia do Teatro Experimental do Porto O desespero era do Beckett e a nevrose do Faulkner, porque eu nesse maravilhoso domingo de sol, sentia-me relativamente esperançoso e até tranquilo.

Tenho na realidade, como afinal quase toda a gente, uma vida cheia de problemas, mas sei muitissimo bem que se me sentar á beira de um caminho e esperar por Godot, como fazem os personagens da actual comédia de Samuel Beckett, esses problemas jamais se resolverão. Também é certo que a minha existência, como a de todos os homens do nosso tempo, está sujeita a medos e angustias capazes de ocasionar sérias nevroses, mas nem por isso pretendo fazer do medo o meu clima vital e da angustia o fulcro da minha existência.

A peça de Beckett é, como o leitor já deve ter percebido, a história de uma espera sempre frustrada. Os dois protagonistas Vladimir e Estragon, constantemente em cena, nada mais fazem do que aguardar a vinda de Godot. Todos os seus gestos e todas as suas palavras só têm o objectivo de «fazer passar o tempo». Mas Godot não vem e nunca virá. Sómente, no fim de cada dia e quando o desespero ameaça submergir a ultima réstia de esperança, surge um pequeno mensageiro a anunciar que Godot não pôde vir nesse dia, mas virá com toda a certeza no dia seguinte. E a inutil espera continua.

Há ainda nesta peça, além dos dois vagabundos e do pequeno mensageiro, outros dois personagens: Pozzô, corporificação do humano inautêntico que por ter identificado a sua existência com o poder mundano já nada pode esperar; e Lucky, o homem a quem a opressão privou da própria condição humana. Mas quando estes dois símbolos reaparecem, no segundo acto, um está cego e derrubado e o outro ficou privado da fala.

E' isto a peça de Samuel Beckett, isto e um grotesco levado até um extremo de patético que só tem paralelo em certas criações de Charlot ou de Fellini, embora isento da esperança, da perspectiva e da ternura humana que se encontram nas obras destes dois cineastas.

O «Requiem», romance escrito em forma teatral e posteriormente adaptado á cena por Camus, é, como toda a restante obra de William Faulkner um trágico estendal

POR
ALFREDO BRAZ

de casos patológicos capaz de provocar no leitor ou no espectador aquele mesmo frémito de pena e de horror que Gide disse ter sentido com a leitura de «Luz de Agosto».

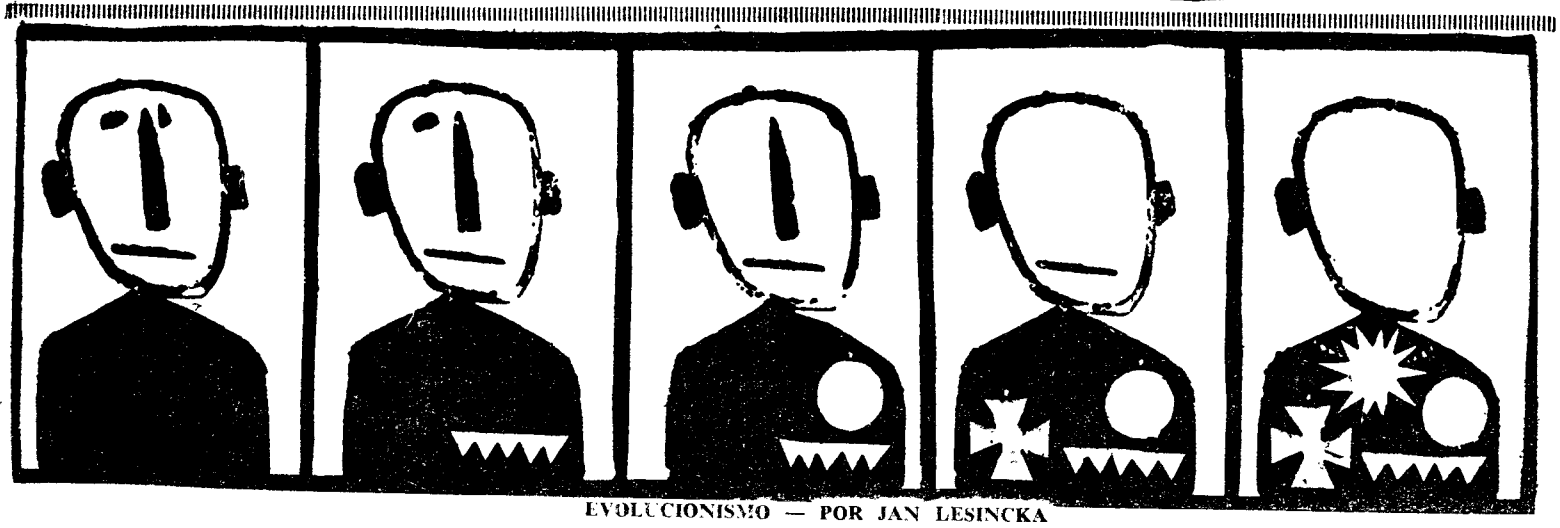
A história contada no «Requiem» escrito em 1951, é afinal a continuação de uma outra que Faulkner já nos contara, vinte anos antes, no «Santuário». Temple Drake a jovem que nesse romance fora raptada e corrompida por um «gangster», aparece-nos agora na peça como uma senhora da «melhor» sociedade sulista, casada e mãe de dois filhos. Temple sabe porém, que Gowan só a desposou por se considerar o voluntário causador da sua degradação e também não desconhece que o marido desconfia dela até ao ponto de pôr em duvida a sua paternidade. Humilhada na sua condição de mulher e de mãe, vítima da chantagem de um crápula que possui umas cartas vergonhosas por ela em tempos escritas e ainda fortemente atraída pela existência abjecta que levara durante sete anos, Temple Drake resolve abandonar o lar e os filhos para seguir um aventureiro sem escrupulos

Mas, como em quase todos os livros do «sulista» Faulkner, também aqui aparece uma negra perseguida e resignada, uma pobre negra que levara a mesma vida abjecta de Temple, embora num escalão muito mais baixo, e a quem esta recolhera para ter alguém «igual» com quem falar. A Negra Nancy sabe de tudo e disposta a salvar a todo o custo a sua patroa, resolve-se a praticar o unico acto capaz de impedir a sua fuga, que é o assassínio de uma das crianças.

A peça começa num tribunal, onde Nancy acolhe com mística exaltação a sentença que a condena á morte por enforcamento e termina com a visita de Temple á cadeia e a sua conversa com a assassina da filha. Mas o ponto culminante é o da confissão de Temple ao governador, feita a instancia do tio de Gown, advogado de defesa de Nancy. Embora todos saibam muitíssimo bem que essa tardia confissão já não poderá salvar a negra, impõe-se que ela seja feita com um acto de penitência, como o primeiro degrau de um calvário que poderá conduzir Temple á redenção e justificar assim o crime místico de Nancy Mannigoe. Só a completa confissão de Temple Drake, «freira» da estranha religião faulkneriana do aviltamento, poderá salvar tudo.

Em William Faulkner, cultor da nevrose sistematizada, criador dos climas mais angustiantes, precursor do generalizado pessimismo existencialista da literatura mais recente, ainda de certo modo se vislumbra uma possibilidade de resgate; mas na obra de Samuel Beckett, escritor já mais moderno, não se descobre a mais ténue solução. Tudo se reduz a uma espera inutilmente preenchida com palavras e gestos supérfluos. E' verdade que resta talvez a ternura que Estragon e Vladimir mutuamente se inspiram espécie de extrema e desesperada solidariedade no meio de uma comum e insuperável tragédia; mas isso é muito pouco e para nada chegará enquanto eles não se resolvam a partir em busca de Godot, porque essa ternura só poderá alimentar-se de sonhos e esperanças e tarefas comuns.

O homem não pode resgatar-se pelo aviltamento, nem esperar por tempo indefinido a vinda de Godot. E' preciso que Temple e Nancy saibam que a verdadeira redenção só será possível fora desse clima de nevrose em que se debatem e que não é preciso matar, nem morrer, nem aviltar-se, mas sim viver plenamente, honestamente e enfrentar com decisão e lucidez os problemas cuja solução a vida nos proponha. E' igualmente necessário que Vladimir e Estragon se ergam e partam decididamente á procura de Godot, desencantando-o onde ele se encontre e sejam quais forem os perigos da aventura. E' também indispensável que os dois vagabundos cortem a corda que amarra o pescoço de Lucky, o ajudem a reconquistar a sua condição humana e o levem consigo nessa esplêndida viagem pelos humanos e reais caminhos de uma esperança indubitávelmente possível.



EVOLUCIONISMO — POR JAN LESINCKA

CRÓNICA DA RUA [illegible]

por MÁRIO CASTRIM

A SENHORA NATIVIDADE

O transito para a Rua de Cima faz-se obrigatóriamente, nos dias de temporal, pela casa da Ernestina. Nos outros dias do ano é também por aí que nos servirmos mas ordena a praxe que se peça autorização.

— O' menina Ernestina, dá licença?

Se a Ernestina ficou em casa, responde lá dos fundos que «pode entrar». Se não, o silêncio responde por ela e atravessamos o corredor.

A porta está quasé sempre no trinco. Ou batemos a aldraba ligeira, por excesso de delicadeza, ou puxa-se o fio que levanta o trinco e pede-se licença já no corredor. Mesmo que a Ernestina saia.

E a Ernestina pode ir descansada á sua vida. Em primeiro lugar, porque a casa dá serventia apenas á gente da Rua Humilde; em segundo lugar, porque dois passos a baixo fica a mercearia e carvoaria do Galego; em terceiro lugar, e principalmente, porque a tia, a senhora Natividade lhe guarda a casa...

A senhora Natividade ninguém sabe ao certo a idade dela. Uns dizem que pouco lhe faltará para os cem anos, outros que já ultrapassou esse prazo. «Eu sei cá disso!», responde quando lhe perguntam. Apenas sabe dizer que é do tempo do Rei D. Carlos e de quando um homem quis atravessar o Tejo com umas botas de cortiça.

A ser isto verdade, a velha andaria pela quase centena e meia de anos. Mas torna-se impossível determinar o que nas suas recordações existe de vivido ou de inventado ou de alterado. «Quando eu era carochinha – disse ela uma vez — havia um homem muito importante chamado Gago Coutinho. Viajou até ao Brasil na barriga de um pássaro, caiu ao mar, foi engolido por uma baleia, abriram a balcia...».

— Como, senhora Natividade?... — Perguntámos nós.

E ela, com o gesto leve de mão:

— Sei cá disso, meu filho, sei cá disso! Era eu pequerruchininha...

O seu lugar preferido fica no recanto da cozinha entre a porta e a parede. Junto dela, sem arredar pé, o gato preto, de grande bigodaça branca, a seguir as pessoas com aqueles olhos redondos e frios desde que elas apontam ao corredor até desaparecerem na Rua de Cima. Por vezes, de um pulo, salta para o colo da velha que só então parece acordar do letargo para o afagar com a mão translucida.

— Boas tardes, senhora Natividade! — gritamos ao passar na cozinha.

A velha não responde. Completamente surda. Não dá acordo de nada que se passa á sua volta. Imóvil, gruda ao chão os olhos mortiços, meio cerrados. Já no reino da morte.

A noite, porém, quando a Ernestina lhe vem dar a malga de sopa (de que participa o gato se acaso a rapariga volta as costas) a lingua da velha descarrega toda a crónica desse dia. Quem veio, quem não veio, que a Arminda do tipógrafo usava umas saias muito curtas, que o latoeiro entrou sem esfregar as botas no capacho que a Marta andou a esburacar com um graveto no vaso das begónias, que a Rita peixeira disse um palavrão por se lhe ter prendido a algibeira do avental na quina da mesa...

O cuidado da velha desce ao ponto de saber a cor da lancheira nova que o homem da Alzira levou com o almoço para a oficina ou o feitio dos brincos que a Arminda estreou.

— Olha, sabes? — começa ela na voz de cana rachada — o Pilecas passou com a mulher e quanto diz lá de fora até sumirem na ponte não deram uma palavra. Iam virados. Ela levava um embrulho, aquilo ia pró prego.

A Ernestina ouve, se tem paciência, o desfiar da crónica. Por vezes, a disfarçar a risota, ajeita-lhe o guardanapo no chambre e faz-se zangada.

— Tenha cuidado, senhora. Depois cá estou eu para lhe lavar as porcarias. Não vê que está a espingalhar tudo?

— Ah, menina, então que queres ?— responde conciliadora — Eu vejo tão «poico»

Não vê nada. Não ouve nada. Não percebe nada. Só se desmascara quando lhe acenam com um rebuçado. Aí, até os olhos ganham um brilho novo, como se lhe acendessem uma fogueira dentro

— O' senhora Natividade, quem vai ali na Rua de Cima?

— Ah, menino! Eu sei cá disso? Vejo tão «poico»!

— Olhe os cadilhos do chale a arrastar não vê?

— Nada, menino, nadinha. Tou cega que nem uma bolota.

— E isto que eu tenho aqui na mão, o que é?

— E' um rebuçado.

E estende logo a mão.

O rapazio da Rua Humilde já conhece a história e quando arranjam a guloseima aí estão eles em grupo diante da velha, a tentar-lhe a cegueira. Com eles, a senhora Natividade defende-se e não mete na boca senão depois de exame demorado. E' que certa ocasião, em lugar dos «drops» os cachopos deram-lhe um berlinde ..

POSTAL ILUSTRADO

por

MANUEL AGRA

O prédio, todo ele, é um vespeiro. As teclas das máquinas de escrever repercutem nos corredores, lembram polícias afadigados no encalço do fugitivo. Quando alguma porta se abre, o som torna-se mais nítido, mais metálico, mais cruel. Adivinho o corpinho frágil das moças, fuzilando o papel de carta com os dedos afilados e mansos.

Sei como é, copiam ou desenvolvem a minuta e no fim se lhe perguntarem o que escreveram não dizem coisa com coisa. E se querem responder direito voltam a ler cuidadosamente.

Dizem-me que um locutor, oficial, há muitos anos retirado, lia os noticiários e as palestras maçudas tão longe de uns e de outros que nem se ouvia a si próprio. «É a minha defesa!», diria ele.

O desequilibrio começa aqui. Estamos e não estamos. Salteamos as brasas para não queimarmos as mãos. Um romance policial, «literature du coeur». Mal o chefe volta costas a evasão surge debaixo do Contas-Correntes ou da minuta para a firma compradora ou interessada, o professor de ciências físico-químicas na turma de moças que andam pelos quinze anos, reentra na sala do conselho, formalizado.

— Que hei-le eu fazer — exclama — a uma aluna que lia a biografia do Frank Sinatra, enquanto eu explicava o índice de refracção?

O problema. O sonho estalando o colete de forças, forçando a laje para embandeirar a cida com as suas bolinhas de sabão.

Vejam. Andamos todos afogados, oprimidos, como se diz na minha terra. O sistema das oito horas de trabalho (que não pode considerar-se já um horário civilizado) ainda assim encontramos maneira de o iludir. Cumprido o labor num campo, começamos a lavrar outro de seguida. Uma escrita, uma explicação, um biscate. O dia moído, de tal forma estilhado que dele nos não resta um fragmento que nos reflita a imagem verdadeira.

De muitos que eu sei, o dia de trabalho começa ás oito da manhã e termina — quando termina — á meia-noite. Este amigo tipógrafo, por exemplo, que em pleno Dezembro me dizia: «Entrei para a oficina ainda era noite; vou sair noite fechada. Raramente vejo o sol. Sou eu e o cavalo da mina do Zola».

Evidentemente, o desequilibrio. Não apenas as crianças precisam do jogo. Nós, adultos, muito mais.

Precisamos, com uma desesperadora urgência, de tempo disponivel para não fazer nada. Ver um barco no Tejo, um repuxo no jardim, uma rua pitoresca, um livro, o museu. Precisamos da sensação de beber a água pela concha das mãos — das nossas mãos, precisamos de saber que as «nossas» mãos ainda nos pertencem...

...Que nos pertence ainda esse trunfo de vir a pôr, um dia, a realidade de acordo com esse trunfo.

[illegible] Nação Bo

(Continuação da 1.ª página)

mocrática nascente, dera-lhe agudeza política e compelira-a a procurar resolutamente a solução dos problemas nacionais através de uma profunda revolução sob a égide da liberdade, do respeito e da tolerancia.

Outra causa do movimento de 1820 fora a situação de Portugal como colónia brasileira. Fugido de Portugal nos finais de 1807, D. João VI mal-la sua côrte de parasitas, comendadores, donatários, recebedores de quintos e de dizimos, deixaram passar as causas com que havia justificado a fuga (as invasões napoleónicas, como se sabe) e mantinha-se no Brasil com toda a placidez, apenas se lembrando da terra onde nascera para requisitar uma leva de soldados, ou estender o chapéu para receber um novo imposto. Assim se tinham escoado treze anos. Quem governava o País era Beresford.

A ditadura de um general estrangeiro feria profundamente o Exército português, ainda por cima agravado com um atraso crónico no pagamento de pré. A alta oficialidade de costume recrutada nos viveiros da nobreza, mas que já começara a receber enxertos burgueses (muitos oficiais, sobretudo até ao posto de capitão, eram oriundos da pequena burguesia) — é atraida á causa revolucionária.

por

Augusto da Costa Dias

Uma facção timorata, que esperava a vinda de D. João VI com a mesma unção com que esperaria o Arcanjo Gabriel, acaba por ceder. Há, é certo, o fantasma de um regime republicano. Os grandes liberais de vanguarda — Fernandes Tomás e Borges Carneiro, por exemplo — tendiam para uma revolução republicana e a prova é que a Constituição de 1821 é uma constituição republicana cujo primeiro magistrado tem o título de rei. Perguntar-se-á: porque não foi a Revolução até ás suas ultimas consequências no que respeita ao regime?

Ao que se me afigura, três são as razões principais: a primeira, na ordem da importancia, reside no Brasil; a segunda, nos compromissos resultantes da heterogeneidade de classe dos diversos grupos concertados para fazer vingar a Revolução; finalmente, o receio de provocar as «procissões armadas» da Santa Aliança.

O Brasil é um dos elementos-chave da Revolução de 1820. Numa época em que a Inglaterra, cujo modo de produção capitalista ia em grande avanço sobre as demais grandes potências da época, convidava ou compelia os povos a aceitar a liberdade de comércio á escala mundial — a defesa dos povos menos evoluídos estava em garantir mercados estáveis para os seus produtos agrícolas e industriais. O colonialismo proporcionava tal defesa, fazendo das colónias um mercado consumidor da Metrópole e fornecedor desta em matérias-primas. Tal era a posição do Brasil na altura em que a Inglaterra, que dominava totalmente a corte do Rio de Janeiro, obteve de D. João VI a régia dádiva do Tratado de 1810, que abria os portos de além-Atlantico ao comércio britanico com o

«D. João VI jura a Constituição d

qual o nosso nunca poderia compe tir. A sombra abusiva de tal Trata do perseguiram os cruzadores in gleses os nossos barcos mercantes das carreiras da Africa Ocidental.

Ora, e deve ter-se em mente o es tado ruinoso em que nos deixaram as invasões, a economia nacional não podia dispensar (ou julgava não poder dispensar) a exclusivi dade do mercado brasileiro. A Com panhia dos Vinhos do Alto Douro (que tivera um elemento seu, Jo sé Ferreira Borges, no Sinédrio, or ganização clandestina que preparou e realizou a Revolução) é uma das forças económicas portuguesas que mais se preocupa com o mercado brasileiro.

Como admitir, pois, um rompi mento com D João VI, então insta lado no Brasil? Uma revolução re publicana (de que a América do Sul e a do Norte forneceram exem plos avondo) representaria a perda do Brasil, que se tornaria indepen dente sob a égide da antiga casa real portuguesa. Num longo e sa gaz relatório que apresentou no Parlamento, nas sessões de 5 a de Fevereiro de 1821, escrevia Ma nuel Fernandes Tomás, um dos cé rebros da Revolução:

«E' necessário dar uma parti cular atenção aos nossos estabele cimentos de Africa. Pois quem sab quais serão um dia nossos recur sos e nossos meios? Quem pod

A CONQUISTA DO CÉU

(Continuação da 1.ª página)

segundo, não constitui miragem ou mera suposição. A ciência tem conhecimento de factos experimentais que não podem ser explicados senão pela teoria dos movimentos rápidos.

Se a velocidade da astronave se aproximar ainda mais da da luz, poderá num curto lapso de tempo, efectuar incursões aos pontos mais longínquos do Universo. Por exemplo, *para chegar á nebulosa em espiral mais próxima da nossa galaxia, que se encontra na constelação de Andrómeda e distando da Terra cerca de um milhão de anos-luz, a astronave não necessitaria mais do que algumas horas «alongadas».*

O principal obstáculo á realização de tais voos reside nas potências colossais que eles exigiriam. Os cálculos feitos mostram que a potência do motor deveria atingir b bões de quilovátios por tonelad de massa da astronave, o que ape nas conseguiremos quando dom narmos inteiramente o problema d utilização da energia atómica. Mes mo então, o voo a uma tal velocida de arrostaria com perigos incalcul veis. Basta mencionar o encontr da astronave, com as partículas d matéria que flutuam no espaço cós mico. A protecção contra as radia ções radioactivas nocivas, resultan tes de colisão com tais partícula exigiria «écrans» protectores co uma espessura da ordem de vário metros... E que dizer da colisã com um corpo meteórico? Ela repre sentaria, pura e simplesmente, volatilização da astronave...

Isso não impede que o homem continue a sonhar — e a realizar..

(adaptação de Manuel Salgueiro

Borges Carneiro

APONTAMENTOS PA RA OS TEMPOS FUTUROS

ição de mocrática de 1821» — Quadro de Columbano

compe- Trata- res in- rcantes dental. e o es- ixaram acional ulgava clusivi- A Com- Douro eu, Jo- rio, or- eparou na das as que ercado

rompi- instа- ção re- ica do exem- perda depen- a casa e sa- ou no 5 a 6 ia Ma- dos cé-

parti- tabele- m sabe recur- pode

ÉU

gir bi- nelada e ape- domi- ma da . Mes- locida- alculá- contro las de o cós- radia- sultan- ículas, com vários colisão repre- nte, a

omem izar...

ueiro)

conhecer qual será, em toda a sua extensão, o nosso estado futuro?».

.....

«Uma hora, em política, desfaz os planos mais bem combinados... A sorte das nações acha-se muitas vezes dependente de causas que pareceram insignificantes, mas que é preciso nunca desprezar».

Ainda aqui se denuncia o problema brasileiro, aquele mesmo problema que permitira o regresso ao País de uma dinastia profundamente descreditada. Os representantes da vanguarda da Revolução — Fernandes Tomás, Borges Carneiro, Manuel António de Carvalho, Alves do Rio, Castelo Branco, Pereira do Carmo, etc. — não perdem oportunidade para, nas Constituintes de 1821, declarara o seu desafecto á Casa reinante. Eis um significativo passo de um discurso de Fernandes Tomás:

«Quando a nação declarou no dia 24 de Agosto e consecutivamente até ao dia 15 de Setembro, que o governo que ia a estabelecer-se era conservando a dynastia de Bragança, elegeu a casa de Bragança para succeder no throno portuguez e governar os portuguezes; e isto quer dizer que, quando esta dynastia não cumprir com as condições debaixo das quais é eleita para governar, então a nação, reassumindo os seus imprescriptiveis direitos, tem auctoridade de a tirar do governo, e pôr á testa d'elle quem bem lhe parecer. Estes são os nossos princípios e foram os dos nossos maiores».

(Continua)

Mais uma astronave chegando á Lua, amanhã...

passear com Aíl, a filhita de Mob. Não conheço melhor cicerone. Deseose-me todo este estranho planeta com a agulhazinha fina da sua voz cantante. «Quer ver uma coisa engraçada sobre Kostur? — diz-me —. Olhe para Zab, o cego. Aíl, olhe para alí, pr'aquele moço sentado á esquina, a vender filosofia em rebuçados; Não vê?

Arrastou-me pela mãozita até nos pormos por detrás do cego. Este pressentiu-nos e perguntou com todo o laconismo: «Aíl?». E a menina respondeu na mesma moeda: «Aíl!». Silêncio. A esquina da rua vomita um sujeito vestido á moda oficial, com as ideias muito justinhas ao corpo. Arrasta a solenidade de um artigo de fundo. Vem asa com asa com uma senhora bojuda que também enverga as ideias do Estado. Balançam ambos a cabeça com a certa regularidade de pêndulo e deitam para a esquerda e para a direita, no mesmo ritmo, o rabo do olho, para não perderem pitada do efeito oficioso que estão produzindo.

Quando passam por nós e se afastam uns bons metros, a vozinha de Aíl dirige-se para Zab: «Adivinha quem são! Se calhar não acertas...» As narinas do cego tremulam. «São dos que vestem as ideias nos «ateliers» oficiais» — responde. Fico pasmado. Terão os cegos um novo sentido, neste planeta? Pergunto: «Mas como sabe ele isso?». Aíl transmite o meu espanto: «Este senhor quer saber como descobriste tu isso...» E o cego revela tranquilamente o mistério: «Cheiram sempre a bacalhau».

Desabo a rir. Comprámos umas coisas ao moço. Despedimo-nos. Passos andados, a menina pede-me que lhe conte histórias da Terra. E eu conto. No regresso a casa ela diz ao pai que eu lhe contei histórias «girissimas» sobre o meu planeta. E' verdade! — lembra o meu amigo —. Você ficou de me contar uma fábula terráquea».

Puxei pela memória. Então recordei-me do caso do «Americano». A um domingo á tarde ele tinha resolvido descer os seus 19 anos até á rua e cumpriu. Ancorou numa paragem de «eléctrico» e ficou a contemplar quem passava. Foi quando o abalroou uma visão de olhos liquidamente azuis e de cabelos louros que pareciam espreguiçar-se. Entrefitaram-se.

rasgou um sorriso com todo o aspecto de um prefácio e disse, logo na página seguinte: «U senhorr pude dizerr onde vai pr'ó Restela?» O rapaz coçou na cabeça a palavra Restelo, e repetiu-a de alto. Parecia ter-se perdido. Quando, porém, encontrou o Norte perguntou também se ela queria ir ao desafio. Então o rapaz anunciou que não havia bilhetes e, mais palavra menos palavra, foram passear de táxi e comer tremoços com cerveja ou derreter «ice-cream».

a desconhecida pegou-lhe na mão e quis saber se ele não estava comprometido. O moço, em resposta, exibiu as mãos ambas, mesmo escorridinhas de aneis. «Tu serr subdesenvolvida?»—inquiriu a desconhecida e com o dedo indicador e o polegar fez uma manigancia que queria dizer dinheiro. Pelo sinal percebeu o jovem de 19 anos a pergunta e, como era pobre, admitiu que sim, que era subdesenvolvido. Foi nessa ocasião que a rapariga desabafou com ar guloso: «Eu gustarr muita de subdesenvolvidas. Se tu não estar cuprremetida...». Mas não acabou. Só mesmo três dias depois — três dias em que se viram, conversaram, comeram amendoim, beberam cerveja ou lamberam «ice-cream» é que ela acabou.

casar com o subdesenvolvido. Depois esmiuçou pormenores realistas — a idade, a nacionalidade e os sentimentos bancários. O jovem de 19 anos, á medida que ia ouvindo, julgava-se a nadar em sonhos. Ou muito se enganava ou tinha descoberto a América. Ficou depois com a absoluta certeza disso quando ela lhe contou que era o primeiro subdesenvolvido que a compreendia. Como compreender se pode considerar próximo parente de descobrir o rapaz achou-se uma noite a dizer de si para si: «Sou um Cristovão Colombo!» No dia seguinte a América desembarcava-lhe em casa, pois queria conhecer a família do seu protegido.

que a hipótese matrimonial deu um largo passo em frente. Um sonho! Um verdadeiro sonho das mil e uma

por DIÓGENES

noites! A jovem transpirava dólares por todos os bolsos: oferecia almoços, jantares, cinemas, fatos e ainda pagava os dias que o moço faltava na oficina para dar vasão ao namoro. Tudo acabou por sonhar — o jovem de 19 anos, a mãe de 40, a irmã de 23 e o primo que ainda não arquivava filmes, para maiores de 17. Tudo andava lubrificado com prendas, com mimos, com dólares.

ali o futuro do rapaz. Todo o prédio humilde soube que o rapaz chegara ao futuro. Quando a Americana veio jantar a casa da futura sogra, os vizinhos engalanaram as janelas com a sua berrante curiosidade. Só não puderam ouvir o que se passava á mesa. A' mesa dizia a jovem que ia pedir ao papá para lhe exportar um carro e que também ia pedir ao papá dinheiro para um prédio, pois em seguida á «lua-de-mel» largariam ferro em Lisboa.

poliu os olhos com lágrimas. Então, sim: então não havia duvidas. Na oficina, o moço apalpara os dólares que o faziam diferente dos colegas ainda subdesenvolvidos, mirava os calos das mãos — o passado que ia desaparecer — e tinha vontade de sacudir os burrinhos e anunciar ao patrão que tinha sido descoberto pela América. Contemplando o torno onde trabalhava, deixava-se sentar num sonho doce. Via o «espada», e ele dentro. Os colegas ouviram dizer «bai-bai», mas julgaram que o moço tinha uma aduela a menos.

tinha. O que tinha era uma felicidade muito desenvolvida e gostava da cachopa de olhos azuis e cabelos espreguiçados que, ainda na véspera, o civilizara com uma telefonia novinha em folha. Achou, pois, que sempre deveria contar as coisas ao patrão: casamento, «lua-de-mel», «espada», prédio — um estadulho. «E vais-te embora?» — interrogou o outro.

O moço girou, girou com a palavra «embora» e acabou por dizer que não, que depois. Claro que o «depois» é sempre o rabo que fica por esfolar. A mãe do jovem foi visitar a nora; apresentou, claro, como manda a boa educação, o seu cartão de visita: «que era sogra». Sogra, uma figa torta! A moça já estava comprometida, casada — o diabo! Sempre o mesmo vicio

— completou a senhora da casa: a mania de abarcar o Mundo com as mãos, de coleccionar subdesenvolvidos, e o dinheiro do papá não chegava para tanto. Papá estava em crise.

— disse eu para terminar — «como chamam ao moço, lá na oficina? O meu povo não perdoa. Pois é o «Americano». «E o rapaz não desanimou?» — foi o que o Mob quis saber. «Oh, não» — garanti, pois tenho a certeza disso. — «Está mais esperto, mais experiente e são que nem um pero. Diz que agora só se descobrirá a si próprio. Que a América já estava farta de ser descoberta». E não acha que «tem razão?».

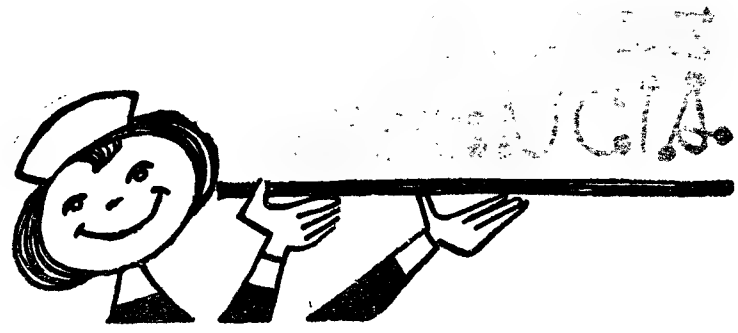
Anedota

De vez em quando o Periquito comete uma das suas e nessa altura a sr.ª D. Periquitona, sua mãe, ralha com ele, evidentemente. Da ultima vez rematou deste modo:

—E toma atenção ao quê te digo: se fores bom, vais para o céu, se fizeres maldades vais para o inferno.

—E para ir ao cinema, mãezinha, o que é que devo fazer?

SAIBA COMER



Futura mamã, não coma por quatro...

A insuficiência vitamínica explica muitos pequenos transtornos da grávida: atonia das fibras intestinais, dores dorsais e musculares, etc.

A Vitamina C activa as secreções do corpo amarelo, secreções que favorecem a fixação do ovo sobre as paredes uterinas. As melhores fontes desta Vitamina são os legumes e os frutos frescos.

A Vitamina K, cuja penuria não provoca a coagulação do sangue, podendo por isso agravar as hemorragias do parto, deve ser procurada nos produtos de síntese mais do que nos alimentos. A carência de Vitamina K provoca dificuldade da passagem através da placenta, por se verificar uma impermeabilidade ás substancias gordas A natureza não oferece Vitaminas K soluveis no óleo, enquanto que a química as obtem soluveis na água, portanto, fácilmente difusiveis através da massa placentária.

Entretanto, nos três primeiros meses de gravidez, as manifestações neuro-vegetativas próprias do estado, como as náuseas e as vertigens, tendem a limitar o apetite. Não há necessidade de forçar demasiado estas repugnancias de origem fisiológica.

Pelo contrário, do terceiro ao sexto mês as exigências tornam-se maiores e, é, agora, indispensável uma alimentação suficiente. Quanto á terceira fase, isto é, os ultimos três meses, ela caracteriza-se por um aumento de peso muito rápido do bebé; em poucas semanas o seu peso triplica. Comer, torna-se uma necessidade absoluta. Mas a super-alimentação sistemática, longe de ser salutar, arrisca, sempre, a perturbações hepáticas, por vezes perigosas. É preciso vigiar a repartição harmoniosa dos alimentos — nela reside o segredo do regime da gravidez. Nada de interdições sistemáticas, mas nada, também, de gulas desmedidas. A mulher grávida pode comer de tudo, sem excesso; deve abster-se de bebidas alcoólicas e café. Se a futura mãe se lembrar que, abstendo-se assim, salvaguarda as células nervosas do filho, terá a justa compensação de um sacrifício que não é inutil.

Num regime de gravidez, as necessidades energéticas quase sempre se mantêm satisfeitas e só há que vigiar as necessidades vitamínicas e minerasis que, muitas vezes são abandonadas. Estas são as mais importantes. É, pois, á satisfação destas ultimas que toda a mulher grávida deve, estar, particularmente atenta. O capital-saude da mãe, como o do filho, dependem deste equilibrio.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS
MUNDITER
INTERCAMBIO MUNDIAL
DE COMÉRCIO, S. A. R. L.
LISBOA * PORTO

Não se encharque em vitaminas

Primeiro que tudo, o que são Vitaminas?

São princípios que o organismo animal não elabora por si mesmo e que, em doses infinitesimais, são indispensáveis ao desenvolvimento, á manutenção, ao funcionamento dos organismos; a sua ausência provoca perturbações e lesões muito características.

Estas Vitaminas são designadas pelas letras do alfabeto; são mais ou menos frágeis. A Vitamina C, por exemplo, que se encontra nos frutos frescos, ananás, laranjas, limões, que evita o escorbuto é destruída pela esterilização.

Nem todas as Vitaminas, ingeridas em excesso provocam hipervitaminoses. A C, por exemplo, não corre o perigo de se acumular no organismo, de forma nefasta. Sómente as Vitaminas soluveis em corpos gordos podem, pelo excesso, tornar-se nocisas; é o caso das Vitaminas A e D, provocadoras de hipervitaminoses bem características. A Vitamina A encontra-se em alimentos de origem animal como o queijo, manteiga, fígado de vitela e gema de ovo; também os alimentos de origem vegetal, como a cenoura, a salsa, a couve contêm um corpo vizinho, uma provitamina, que o organismo poderá transformar fácilmente em Vitamina, se o sistema hepático está em condições.

Não é necessário vigiar a alimentação, com receio do excesso de Vitamina A ou D. Geralmente as hipervitaminoses deste tipo são de origem medicamentosa, pois as preparações vitamínicas que existem no mercado são extremamente concentradas. Nunca ultrapassar, pois, a dose prescrita pelo médico. Não é, de modo nenhum, um mal perigoso, pois os sinais alarmantes cessam rápidamente, uma vez que se cesse a medicamentação.

Embora estes casos não sejam graves, o emprego terapêutico das Vitaminas, sendo uma das grandes descobertas da medicina moderna, deve ser cauteloso, rigoroso, e nunca ultrapassar as doses indicadas pelo clínico.

Sopa deliciosa

Alourar um pouco de manteiga e deitar farinha de trigo. Deixar cozer a farinha, mexendo sempre até estar escura. Deitar dois copos de caldo, leite com água ou água da cozedura de mariscos. Cortar alguns cogumelos finamente e deixar ferver. Dissolver uma ou duas gemas de ovos, ferver um pouco até fazer um creme. No momento de servir, deite salsa finamente picada e sumo de limão. Se o creme não ficar espesso, sirva com quadradinhos de pão torrado.

Rins de vitela à moda da Avó

Depois de bem limpos os rins, deixar escorrer. Numa frigideira, derreta 75 gramas de manteiga, dourar os rins, tapar e cozer em fogo brando, deitando-lhes sal e duas cebolinhas.

Por outro lado, coza espinafres em água salgada durante 10 minutos, passe pelo passador, junte manteiga e um pouco de leite. Leve ao lume, durante uns 10 minutos, de forma a conservar a bela cor verde dos espinafres. Sirva os rins rodeados de uma coroa verde; azeitonas de Elvas e rodelas de beterraba cozida, rodelas de ovos, como decoração.

Salada de frutas de Inverno

2 laranjas, 2 bananas, 1 pera, 2 maçãs, 50 gr. de passas, ananás (facultativo), 150 gr. de açucar e 1/2 copo de vinho do Porto.

Passe pelo passador o vidrado de uma laranja. Corte esta em fatias finas, no sentido da largura. Deite as passas e o vinho. Cortar todos os outros frutos em fatias o mais finamente possivel. Acabar por uma camada de laranja coberta com açucar. No momento de servir, volte de forma a misturar bem.

POR 20$00
VAI ENCHER
4 VEZES
(QUATRO)
O SEU FRASCO
DE
TÃO NECESSÁRIO COMO O SAL NA COMIDA

(Continuação da 1.ª página)

sa veneração, ou com um azedume que se situa nas fronteiras do desprezo. Detractores e partidários apresentam argumentos válidos em defesa das respectivas teses, mas sobrevalorizando a sua importancia, acabam por se fixar em posições inaceitáveis. Como simples leitor, desprovido da paixão do político e das prevenções do crítico literário cheguei a conclusões equidistantes dos extremismos apontados. Tenho para mim que Pasternak não merecia o Prémio Nobel; mas a leitura de «O Doutor Jivago» deixou-me aquela impressão profunda que apenas se experimenta no contacto com os grandes espiritos. Por outras palavras, um livro mau conduziu-me á descoberta de um grande homem. Não se infira apressadamente que encaro o escritor laureado pela Academia Sueca como um génio. A sua grandeza, para mim é de outra ordem e estranha ao talento e á genialidade.

Confesso que a expectativa, o alvoroço com que iniciei a leitura de «O Doutor Jivago» breve se desvaneceram. O choque, a desilusão foram imediatos. Senti-me defraudado e dei intimamente razão aos que condenavam aquele livro como uma das maiores mistificações literárias do século. Tudo nele era mediocre e aflitivamente desinteressante e primário. Mais de uma vez estive prestes a desistir. A técnica era rudimentar, o desenho das figuras pálido e superficial, o encadeamento da acção fantasista e ingénuo, a problemática inexistente, os mais comezinhos lugares comuns enunciados como verdades profundas. Ao chegar a meio do livro, o numero de personagens excedia já largamente a centena e a ginástica mental necessária para as acompanhar e distinguir principiava a constituir um problema insolvel. As coincidências mais inverosimeis repetiam-se a cada passo, os mistérios e ligações familiares assumiam aspectos folhetinescos. Pasternak menosprezou a tal ponto a capacidade crítica dos seus futuros leitores que quase todos os personagens acabam por passar por uma pequena cidade perdida nos Urais, numa dança forçada Moscovo-Sibéria-Moscovo que chega a irritar.

Mas, vencido o primeiro impulso, insensivelmente, sem que me desse conta do facto, a leitura começou a interessar-me, acabando por se tornar absorvente. Porquê? Ao aperceber-me do que se estava passando em mim, tentei encontrar uma explicação que me fugia. Se aquilo nem sequer era um mau Tolstoi, como erradamente ouvira dizer... Se as figuras careciam de força, de nitidez. Nem ao menos experimentava a sensação de me encontrar diante de um homem de cultura, interpretada a palavra no sentido da acumulação digerida de saber... Mas, á medida que prosseguia, a leitura prendia-me cada vez mais. Do conjunto nebuloso de ideias e figuras desprendia-se gradualmente uma lufada de humanidade. Iuri Andreievitch (Jivago) apresentado como génio pelo autor não conseguia transmitir-nos a sua genialidade; Larissa Fiorodovna, a mais bela, bondosa e inteligente das mulheres, jamais se recorta de forma a revelar-se exornada dos atributos que o romancista lhe empresta. Seja como for, um crescendo de emoção, numa brusca reversão da displicente atitude inicial, processou-se em mim, tumultuosamente a partir de certa altura. As incoerencias, as ingenuidades, as frases feitas, as reflexões absurdas, as irritantes coincidências, tudo isso não obstava a que os ambientes e as personagens adquirissem pouco a pouco um significado novo, diferente e terrivel, abrindo uma ampla e dolorosa perspectiva sobre os anos terriveis que a Russia viveu no alvorecer da Revolução Quando fechei a capa sobre a ultima página, compenetrara-me já de que a obra imperfeitissima que acabara de ler irradiava uma seren a e rara beleza pela autenticidade dos sentimentos que nela perpassavam e pela mensagem de fé no Homem que o seu autor nela conseguira plasmar. Ao meditar nessa mensagem dominava-me uma sensação de esmagamento mas sentia-me mais do que nunca preso á vida e ao futuro como se houvesse algo de vivificante na dor que escorria das páginas do livro, uma dor cósmica cujos salpicos me tinham atingido.

*

Afigura-se-me de interesse assinalar que «O Doutor Jivago» não envolve, a meu ver, uma condenação da Revolução de 1917 e das bases do regime soviético. Insistir nessa tecla é diminuir o alcance da obra, não compreender o que nela há de maior. Boris Pasternak apressou-se, aliás, a esclarecer que «Tais afirmações atingem o absurdo» E para desfazer quaisquer duvidas acrescentou: «as pessoas que me conhecem de perto sabem muito bem que nada no Mundo me pode obrigar a mentir a mim próprio, ou a agir contra a minha consciência» Mais adiante na sua já célebre declaração de renuncia ao Prémio Nobel fala-nos também da sua *fé luminosa no futuro*. Mas nada há, também, nas páginas de «O Doutor Jivago» que represente uma defesa ou uma simples tentativa de justificação dos homens que fizeram a Revolução e dos seus métodos. Pasternak, tão pródigo na criação de situações absurdas, tão despreocupado e apressado na forma de narrar, mostra-se, pelo contrário, extremamente parcimonioso no julgamento das pessoas e dos factos. Direi mesmo, para ser mais preciso, que a missão de juiz lhe repugna. Não condena, nem exalta, limita-se a descrever. Com a unica excepção de Komarovski, nenhum dos principais personagens surge aos olhos do leitor sob prismas desfavoráveis. Intencionalmente ou porque isso seja um reflexo do seu próprio eu, as suas figuras são pouco definidas, resignadas, doces (mesmo o aparentemente duro Strelnikov) de uma doçura que contrasta singularmente com o mundo implacável que os cerca. A Revolução excedeu a compreensão dos que foram apanhados no seu torvelinho. Talvez por isso, a própria desarticulação do romance, a confusão e a desordem em que o leitor se encontra mergulhado contribuem em certa medida para o auxiliar a pressentir o que a subversão da ordem antiga representou para os que se encontraram perdidos no meio do vendaval que varreu a Grande Russia.

por
MIGUEL URBANO RODRIGUES

Pasternak não trata de averiguar se a Revolução foi, no plano histórico, um acontecimento positivo ou negativo. Adivinha-se que para ele todas as revoluções são meros incidentes na marcha da Humanidade Prefere contar-nos, através das andanças e dos pequenos e grandes problemas dos seus personagens, o que foi o drama daqueles que, nados e criados na ordem antiga, não conseguiram adaptar-se áquela que a substituiu. «Enquanto a ordem das coisas permitira que os privilegiados fizessem loucuras e se mostrassem originais á custa dos pobres — escreve — fora fácil tomar como personalidade aquelas palhaçadas, aquele direito de ser inutil, de que gozava uma minoria em detrimento da massa. Mas desde que se haviam levantado os humildes, desde que haviam sido abolidos os privilégios da alta sociedade, todos se descobriram, cada qual renunciara, sem pesar a uma originalidade de pensamento que realmente nunca tivera.

De um dia para o outro, tudo o que havia de organico e estruturado na Russia feudal desapareceu na voragem ficando apenas um vácuo imenso. Os velhos valores caíram por terra como folhas batidas pelo vento, mas tardou algum tempo antes que os novos valores se impusessem. O que salvou do desespero os burgueses que viam ruir tudo á sua volta e fecharem-se-lhes os horizontes da esperança foi o quotidiano, a necessidade de se aquecerem, de comerem, de sobreviverem. Pasternak não tenta encontrar responsáveis, não coloca sequer o problema da responsabilidade ante o inelutável. Não lhe interessa tão-pouco averiguar se os fins justificam os meios. Abre os olhos ao mundo convulsionado que o cerca e descreve-o tal como o vê. Para ele não há ideias intrinsecamente válidas, sistema social que seja perfeito. Os quadros que nos traça são pungentes, a sua sinceridade torna-se comovente quando nos descreve os sofrimentos terriveis das populações da Sibéria Ocidental na década de 20. O caos que nos pinta cria em nós um estado vizinho da angustia. As fronteiras da dor, foram de tal modo ultrapassadas que é com calma, com resignação, quase com naturalidade que todos suportam os males que lhes desabam em cima.

Pelo que me diz respeito, Pasternak foi fiel á sua condição de escritor. Deu-nos uma imagem de uma Russia que conheceu. O fundamental para ele é o homem, esse homem que sobrevive as revoluções, que cria as ideias e depois se embriaga com elas para, inevitavelmente, acabar por as trocar por outras mais sedutoras. A mediocridade aparente das suas personagens não é mais do que humanidade, apego á vida, a uma existência cujo valor elas só compreenderam quando a viram ameaçada pelo frenesi de destruição que se apoderou do espírito dos que (brancos e vermelhos) transformaram a Russia num imenso campo de batalha. Certo que entre os que lutavam havia muitos que o faziam por ideal, em obediência a um imperativo de realização. Mas não é menos verdade que a maioria da população permanecia alheia á tragédia que se processava á sua volta. Queria apenas viver...

Com condenar um escritor que nos mostra uma Russia povoada de gentes tão profunda, tão visceralmente humanas. Nenhum dos grandes nomes da literatura soviética conseguira ainda prestar ao seu país um tão inestimável serviço. Nunca, apesar da sua admirável técnica literária, um Gladkov, um Cholokov, um Ehrenbourg haviam conseguido demonstrar que um intelectual russo podia escrever sobre a época da Revolução com outro intuito que não fosse o elogio ditirambico das suas realizações e dos seus herois. Essa unanimidade no elogio, esse enfadonho tom apologético não aparecem na obra de Pasternak. E' apenas um homem que escreve, um homem que só se sente responsável perante si próprio, russo pelo forte telurismo que o marca, mas universal pela sua ansia de liberdade, de autenticidade.

Terá desservido a sua Pátria? Não creio que ninguém de boa fé possa chegar a essa conclusão. Para mim, «O Doutor Jivago» vale sobretudo, como desmentido vibrante — ainda que não seja essa a sua intenção precipua — dado a todos os pessi-

(Continua na página seguinte)

mina. Agua morna nas veias, aqui? Viver e vibrar. Desviar um cabo algumas centenas de metros para fugir aos cálculos dum pilar de suporte. E se os mineiros fossem também por esta lei do mais fácil? Gestos medidos neste ambiente de vendaval?

Por mais que o sol brilhante da Primavera procure amenizar estes blocos cinzentos de «beton», o negrume das torres metálicas, o negro das montanhas de resíduos onde gritam palhetas de mica, o brilho frio do gume das espadas, por mais que o senhor Fonseca se gaste em gestos medidos, nem o Sol, nem ele, nem todos os senhores Fonsecas do Mundo inteiro conseguirão dulcificar esta atmosfera de tragédia. Não há Sol, por mais radioso, que me faça esquecer os companheiros que ficaram no caminho: o pai do Rua que ficou debaixo dum escoramento malfeito, o contra-mestre Miguel esfacelado contra as engrenagens dum «Trommer», o escombreiro que perdeu as duas mãos. E os mineiros que desertam do forno de secagem? Espectros, espectros que andam a perseguir-me.

Estou a ouvir o director, estou a ouvir a sua voz amarga ao falar do Sousa. Que era um dos nossos melhores técnicos, que tinha um futuro belo á sua frente. Fugir com a filha de um taberneiro... Sim, a filha do Pinto, fugiu com o Sousa. Até a Janette, tão compreensiva, que é capaz de passar uma noite á cabeceira dum mineiro doente, o acusou.

Que faria o Sousa mais do que nós? Bebia o mesmo «whisky» que nós bebiamos. Jogava com as mesmas cartas, era uma das peças mais conscienciosas da nossa equipa. Disse «peças». Sim, nós não somos homens. «Peças», só «peças». O que faria o Sousa mais do que nós? Sonhava... Viemos juntos para aqui. Ele continuou o mesmo sonhador e eu empederni. Os próprios mineiros costumam cantar no seu tom azedo:

Minas
São pantominas
E o dinheiro dos mineiros
Vai p'rós pantomineiros.

E esta letra mordaz, a que um grupo de coristas, de pernas nuas, de qualquer teatro de revista, poderia emprestar um pouco de graça, cantada pelas vozes cavas dos mineiros, por vozes que parecem arrancadas ao fundo das galerias, morde-nos a alma.

Viemos para a mina com o peito a arfar de esperanças. Nunca vi alguém bater-se, como o Sousa, pelo bem de toda a gente que de manhã á noite vai roubando ás entranhas da terra a massa negra dos filões, que outros transformarão em ouro.

Sentados, uma tarde, á frente do projecto das novas instalações, o Sousa vibrou E queria casas para os mineiros; e queria uma vida melhor para os filhos dos mineiros; e queria um hospital, um pequeno hospital.

O director procurava queimar-lhe as ilusões. — Vivem aqui mil homens, senhor director — afirmava ele com uma força estranha.

Foi o entusiasmo do Sousa que transformou um velho casarão, de janelas sem vidros como olhos de cegos, numa escola.

Morria-lhe um sonho, outro vinha logo tomar-lhe o lugar. Um, dois, três anos... E ele sempre a gritar-nos:

—E' preciso fazer alguma coisa.

A mina absorvia-o, a vida dos mineiros revoltava-o. Sim, eu sei quanto uma máquina, quanto o seu trabalho nos pode arrastar. Olho para má-

dele. Pensou na lanterna de mineiro, pensou na picareta. Talvez fosse melhor a vida das galerias. Os outros continuavam a rir. A mulher chorava... A quinta do Melo já não seria sua... Nem a aldeia toda. Apertava-se-lhe um nó na garganta e, na boca seca, sem saliva, só tinha amargo. Sonhos desfeitos... Teve ódio ao mundo, á mulher, ao filho, O Sol... Nunca mais o olharia senão através das grades da cadeia. A mulher... outro homem viria. O dinheiro dele para outro, para outro que não tinha sofrido, que não tinha lutado. De vez em quando a calma surgia. Pensava mal, sabia que pensava mal mas o caminho, daquela vez, parecia não ter fim.

A uma curva da estrada apareceram os homens da guarda. O companheiro carregou o acelerador, ele olhou para trás e mesmo sem nada ver sentiu que tudo estava perdido. As molas rangeram, a velocidade cresceu.

Um tiro, um tiro certeiro que ele não ouviu... O companheiro segurou com mais força o volante, cerrou os olhos e o carro continuou a ganhar velocidade. Os olhos do companheiro, quase vitreos, continuavam a fitar a estrada.

Numa voz sem forças, pediu:

—Segura o volante... Estou ferido... Não posso...

Sim, tudo estava perdido. O outro pendeu a cabeça. Perguntou-lhe qualquer coisa só para lhe ouvir a voz. Nada, a não ser o silêncio, como resposta.

Um morto... uma denuncia. Mas talvez ainda tivesse vida. O hospital... Depois teria de contar tudo. As grades da cadeia, outra vez. A mulher... O filho...

Travou sem saber porquê e o carro deixou de rodar. O morto, ali a seu lado, era uma denuncia.

Pegou no corpo do companheiro, tirou-o do carro. Era preciso esconder aquela prova maldita. Mas a família? E os outros homens da mina que não o viam com bons olhos? Apontá-lo-iam: Foi ele, foi ele! — Suava.

Meteu novamente o corpo no automóvel, descarregou os sacos e foi escondê-los no mato. Iria ao hospital. Assim, sem a carga, ninguém lhe poderia pegar. Mentiria, juraria se fosse preciso que não vira a guarda e voltaria depois, quando ninguém esperasse, para levar os sacos.

Um sorriso, um sorriso feroz iluminou-lhe o rosto ao pensar que, daquela vez, o produto da carga não seria dividido, voltou a serenidade e murmurou como se acordasse dum sonho quando as mãos crispadas seguraram o volante:

—Desta vez será tudo meu!

"LUZES DA CIDADE"

por DULCE REBELO

Quando o Sol se ausenta, e uma chuva irritante e persistente molha as ruas, entra nas casas velhas e provoca inundações em certos becos, Lisboa não é a mesma cidade. A melancolia que se vê em tantos rostos, destruindo o dito francês «les Portugais toujours gais», parece ser mais densa sob um céu cinzento, sem variações, sob a água que insidiosamente vai penetrando as ligeiras roupas de alguns, que não têm lume em casa para se aquecer. Por isso mesmo, espreita-se o Sol, espera-se com ansiedade que ele surja, que rompa as negras nuvens com os seus surpreendentes raios, tal como se tratasse de uma divindade poderosa de quem se pretende obter protecção e graças.

Se recuarmos no tempo, encontramos homens elevando as mãos para o Sol, invocando-o para que venha secar as terras alagadas, ou suplicando-lhe que seja benévolo e não dardeje tão fortemente os seus raios sobre a pobre terra ressequida. Milhares de anos passaram sobre esses acontecimentos, sobre esses gestos aflitivos. Como se compreende, então, que atitudes quase semelhantes se encontrem ainda nos nossos dias, quando as telhas de lata gotejam água para o chão de terra, quando as panelas boiam nos lagos improvisados dentro de um quarto?! Não seria melhor, em vez das lamentações tristes dos que se vêem sem abrigo, consertar os velhos buracos e escoar o líquido? Parece, porém, que o homem se sente ás vezes impotente, frágil casca de noz sobre as ondas revoltas das cheias e da vida.

Parcos haveres dos que nada têm, nem direito de guardarem recordações de família, são levados nas enxurradas, causadas pela muita água acumulada, quando não pelo rebentar de um colector que, num momento, lhes lança um repuxo dentro da cave que habitam.

Podia fazer-se um «canto de Inverno», narrando as desgraças de todas as vítimas dos seus malefícios. No século XVI escreveu-se a «História trágico-marítima» relato penoso das desventuras dos Portugueses sobre os mares encapelados, os naufrágios e as terras inóspitas, onde os espreitavam mil perigos. Hoje, não é preciso embarcar numa caravela para se naufragar, basta viver numa cave escura de prédio com muitos anos de existência, ou em qualquer casa menos defendida do bairro de Campolide. Correspondendo á ancestral inclinação dos Portugueses pela vasta massa líquida, esta vem surpreendê-los em plena cidade, dentro do próprio lar, sem avisos prévios.

É triste uma cidade a liquefazer-se: desbotam-se as cores vivas dos edifícios, e as praças redondas lembram grandes circos desertos, onde os palhaços já não fazem rir ninguém, porque a máscara caiu; a luz dos candeeiros, reflectida no asfalto molhado, é a pálida sombra de êxitos passados, de êxitos falsos que, uma vez desmoronados, já não podem convencer o publico.

Um dia de chuva não é inteiramente vivido, ou sentido, por todos os que têm possibilidade de morar numa casa sólidamente construída, 3.000$00 cada andar, de paredes fortes e espessas, através das quais se pode, apesar de tudo, ouvir as conversas dos vizinhos. A comodidade de um lar é encantadora: há o aquecimento, o sofá confortável, a musica transmitida pelo rádio, e até o aparelho de televisão. Se todos estes elementos não chegarem para distrair o espírito, se for dia em que toda a gente trabalha, ou se um assomo de aventura desperta de repente, lá muito no fundo, convidando a uma escapada dos hábitos conhecidos, há o automóvel que tudo resolve sem maçadas, a não ser que qualquer imprevista derrapagem atire com todo este mundo de conforto para o cemitério. Sentem a chuva, na alma e no corpo, os trapeiros que ás primeiras horas da manhã revolvem a imundicie dos caixotes, procurando papel, as varinas que de madrugada vão á lota adquirir o peixe, os que cavam o pequeno quinteiro para impedirem a força das águas que ameaçam arrancar as couves raquíticas, os que palmilham a cidade com a esperança de arranjar trabalho.

As crianças, dotadas daquela grandiosa imaginação que lhes esconde a miséria e as faz sonhar com mundos impossíveis, saltam alegres nas poças de lama, empunham espadas de madeira chefiando a tripulação de fantástico corsário, e dão o sinal de ataque atirando-se uns contra os outros em renhida luta. Uns debatem-se com o inimigo, caindo nos pantanos, outros põem-se á frente do companheiro e apanham a estocada que lhe era dirigida, outros ainda sentem-se vencedores, dizem-se cobertos de sangue e mostram as roupas pegadas ao corpo.

Adoráveis crianças! São elas que transformam o duro mundo real num sonho de aventuras e venturas, são elas que se enchem de imaginárias riquezas, que as distribuem pelos seus semelhantes, que dão a vida por um amigo, que recolhem um pobre animal, que fazem juramentos de fidelidade entre si. Estas crianças hão-de crescer, e se recordarem então a doçura dos seus sonhos, serão capazes de transformar todos os dias de chuva no sol mais quente e acolhedor.

... dor... é sem duvida, um Homem.

BILHETES PAULISTANOS

(Continuação da página anterior)

mistas que insistem no mito da decadência do homem. Os Orwell, os Huxley, os Georghiu erraram nas suas negras previsões. Não há mecanismo ou automatização que consigam destruir no homem aquilo que nele há de fundamental: a condição humana. Os que antevêm uma América mecanizada e decadente e uma Russia onde os homens serão gradualmente reduzidos a unidades de um rebanho estereotipado, aí têm esse livro aflitivamente mal realizado e terrivelmente belo a dizer-lhes que o seu pessimismo é injustificado. Quarenta anos decorridos sobre a Revolução, um homem que a viveu e acompanhou e que se recusa tanto a condená-la como a elogiá-la vem-nos provar que, por maiores que sejam os esforços de um regime apegado ao culto da sua infalibilidade, no sentido de criar uma nova mentalidade, direi mesmo um novo tipo de homem, jamais conseguirá atingir esse objectivo.

Pasternak terá os defeitos inerentes a todos os misantropos. Em vez de se integrar em qualquer corrente, de tentar compreender o sentido da História, prefere isolar-se e debruçar-se sobre o seu semelhante. E talvez porque acredita desesperadamente nessa humanidade de que faz parte, o que a outros pode parecer acessório é para si fundamental. Não nos diz ele na ultima página do seu livro que «os sinais precursores da liberdade pairavam no ar desde o fim da guerra e constituiam o unico conteudo histórico daqueles anos?» Sinto e compreendo o heroismo de Pasternak: E' um homem, muito possivelmente errado, mas é sem duvida, um Homem.

Prepare-se
para uma grande novidade
literária

Edição de
LIVROS DO BRASIL
leia
(não pode deixar de ler)

«O PODER E A GLÓRIA»
romance de
Graham Green

VII

COMEÇARAM os dias de primavera; os soutos cobriram-se de verde. Só as árvores próximas da mina ainda não têm folhas. Os fumos brancos do arsénio queimam árvores e homens, transformam tudo o que é viço em coisa estiolada. As folhas mal nascem já são amarelas e o rostto dos homens fica da cor da cera.

—As chaminés deviam ser mais altas, muito mais altas mesmo.

Dou muitas vezes a falar comigo próprio. O Brasileiro olhou-me com um ar de quem se interroga. Velho, conhece e compreende, esta mania. Sim, sinto-me velho. Trinta e poucos anos carregados de azedume, crises de consciência, ódios e um desejo impertinente de evasão. Tal como antigamente quando ia para o cais carpir a saudade dos barcos que partiam.

Precisava de trabalhar, preocupar-me, de esquecer o negrume que me ia por dentro. Sentei-me e tirei de uma das gavetas da secretária um «dossier» onde estavam os projectos da nova rede eléctrica. Uma linha marcada a vermelho. Alta tensão. Toquei a campainha.

—Chame o senhor Fonseca!

O topógrafo demorou. No Instituto também havia um Fonseca. Ou mesmo mais de um. Aquele, do meu curso, era alto, emperuado. Ninguém gostava dele. O Homero, de uma vez, olhou-o de alto a baixo e disse entre irónico e depreciativo: «Este gajo vai longe». Onde estará o Homero? A greve de 1930... Foi o Fonseca o unico a furar a greve...

—Dá-me licença, senhor engenheiro?

—En-tre!

Olhei o topógrafo fixamente. Baixou a cabeça. Sim, olhei-o como o fiz ao Fonseca por ter furado a greve. Amarelo, amarelo, amarelo...

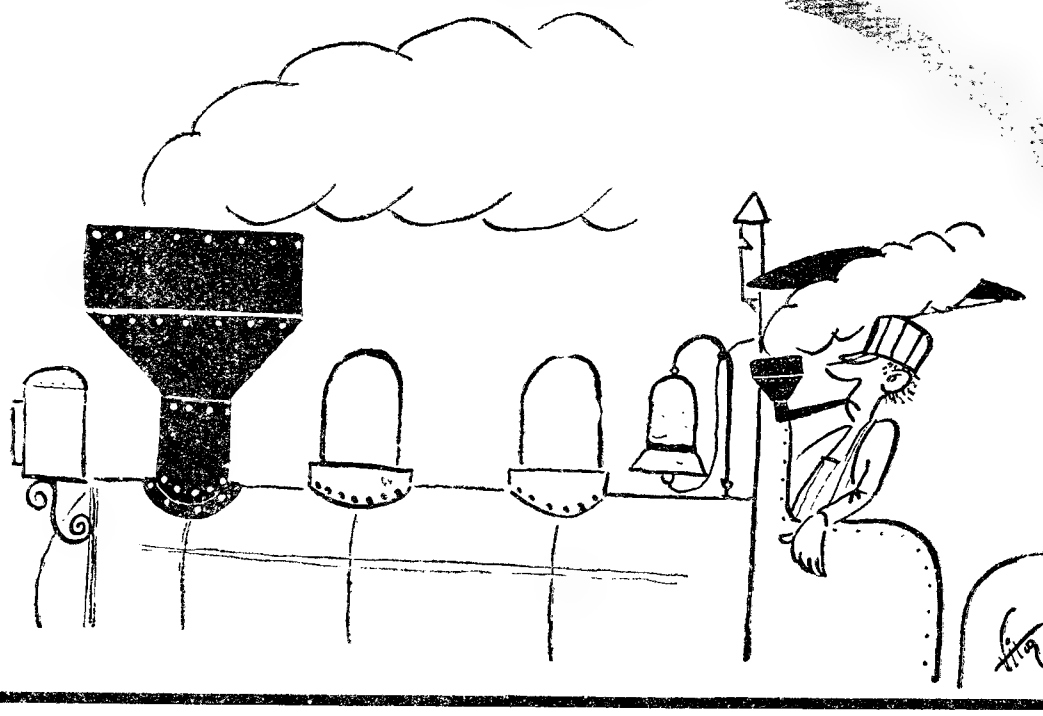
—Senhor Fonseca, os cabos não podiam passar por aqui?

Ao mesmo tempo que fazia a pergunta riscava o «marion» com um traço verde.

—Há um grande desnível. E as cheias...

Desnível... Tudo pelo mais fácil. Não compreendo um burocrata na

CACHIMBOS E CACHIM-BÁDAS



por

VITOR MILHEIRÃO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

Texto integral do conto do FRED DICKENSON

NAQUELA fria manhã de Dezembro, um grupo de oficiais de Fort Oglethorpe seguia a cavado por uma vereda do Parque Chickamauga. Os animais trotavam alegremente, de cabeças erguidas, quando, de subito, o que seguia pela direita se empinou, amedrontado, quase deitando a terra o cavaleiro, que teve de refreá-lo com mão ligeira e enérgica, tentando amansá-lo:

— Quieto!... acomoda-te aí!... Morteu-te alguma mosca?...

As ultimas palavras morreram-lhe, porém, na garganta, em face daquilo que espantara o cavalo. Os oficiais desmontaram e foram ter junto de um cadáver, a uns metros do carreiro. Era o corpo de um homem ainda novo, a avaliar pelo aspecto e pelo cabelo negro, apenas com as roupas menores e as meias. Verificaram que a morte fora causada por um tiro de espingarda, cuja carga lhe desfigurara o rosto.

— Isto é caso da competência do xerife! — disse um dos oficiais. — Fiquem vocês aqui, para impedir alguém de se aproximar, enquanto eu vou chamá-lo!

O xerife, Emory F. Land, de Catoosa County, e o seu assistente, J. F. Baker, agradeceram as acertadas precauções tomadas pelos militares e principiaram a investigar. Logo, porém, se viram enredados numa meada de estranhas contradições.

— Quem o matou deve ter levado as roupas para impedir a identificação! — opinou o xerife. — Mas, por que teria deixado o cadáver perto da vereda, tão frequentada pelos cavaleiros, sendo certo que não tardaria a ser descoberto? Por que não o arrastou para ocultá-lo entre as árvores?

O crime devia ter sido cometido durante a noite, quando o terreno estava mole. Agora, congelando lentamente, revelava ainda algumas pegadas no sitio onde o assassino ou assassinos se tinham movido enquanto despiam à vitima. Nenhuma delas, contudo, tinha a nitidez precisa para se lhe tirar o molde. Via-se, porém, não longe dali, o rasto ainda fresco de pneus, e o xerife ordenou ao ajudante que o modelasse.

Procediam á remoção do corpo, quando um dos oficiais reparou num papel que estava debaixo dele. Apanhou-o e deu-o ao xerife, o qual ficou admirado ao desdobrá-lo:

— É uma apólice de seguro! Dez mil dólares, e o dobro no caso de morte violenta ou por acidente, em nome de Hugh A. Bowen, sendo beneficiário Jack Finley, seu parente!

— Espere! — exclamou o assistente Baker. — Isso quer dizer que o criminoso levou tudo quanto pudesse identificar o cadáver mas deixou, por imprevidente esquecimento, a apólice do seguro?!

— Pelo menos é o que parece! — retorquiu o xerife. — A não ser que a tivesse deixado de propósito... Mas também podia ter caído de um bolso no momento em que despiam o corpo. Provàvelmente, foi tudo feito muito á pressa e com pouca luz, lembre-se disso!

*

As investigações revelaram que Hugh Bowen vivia em Chikamauga e era homem que nunca se metera em complicações. Desaparecera na véspera e os seus parentes andavam preocupados. Dois deles, que foram ao Necrotério, a convite de Land, contemplaram o corpo e, reprimindo os nervos ante o espectáculo daquele rosto terrivelmente desfigurado, declararam:

— Não há duvida de que é o Hugh!

Jack Finley também identificou o seu parente. Via-se que estava muito abalado, e os investigadores examinaram atentamente a sua expressão, enquanto lhe mostravam a apólice de seguro, parecendo-lhe que era sincero o seu assombroso pesar.

— Nunca pensei que Hugh me quisesse deixar tanto dinheiro... Nem nunca me disse o que devia fazer com ele!

— Seria a unica pessoa a lucrar se ele desaparecesse! — disse-lhe o xerife, intencionalmente.

— Bem sei que as aparências são contra mim! — exclamou Finley. — Mas posso provar onde passei todo o meu tempo!

Na realidade, o seu álibi não deixava margem a duvidas. Já as autoridades se dispunham a ordenar que o cadáver fosse enterrado, quando apareceu no gabinete de Land uma jovem, muito aflita, que disse chamar-se Bertha Kington e ser mulher de Paul Raymond Kington, empregado numa fábrica.

— Poderiam os senhores deixar-me ver o cadáver que encontraram? — suplicou a rapariga, entre lágrimas.

— O corpo já foi identificado! — respondeu Land. — Mas interessa-lhe assim tanto?

Irrompendo em pranto, ela respondeu:

— Paul não me aparece e tenho um horrivel pressentimento... Queria ver o corpo!

O xerife reflectiu por momentos; e, ponderando que, afinal de contas, não fora possivel reconhecer as feições da vitima avisou-a:

— O espectáculo não é nada agradável, mas, se quiser, pode ir ver o corpo!...

Enquanto retiravam o lençol que o cobria, a mulher enclavinhou as mãos e ficou rigida, com o rosto impassivel.

— Não sei dizer! Não sei... — exclamou, entre soluços. — Poderia descalçar-lhe a meia do pé esquerdo?

— Para quê?

— Paul sofreu um golpe nesse pé, o ano passado, e ficou com uma cicatriz em forma de V. Assim já saberei se é ele ou não!

O xerife tirou a meia, e ambos ficaram trespassados de assombro. O empregado do Necrotério amparou a mulher no momento em que ela ia a tombar para a frente. Na sola do pé esquerdo do morto lá estava uma cicatriz em forma de V!

Então, Hugh A. Bowen não fora assassinado, mas sim Paul Kingston! E quando o médico deste ultimo confirmou a identificação, Land franziu as sobrancelhas e comentou:

— Agora já se percebe alguma coisa: tiraram as roupas a Kington, desfiguraram-lhe o rosto e deixaram a apólice para o identificarem como sendo o Bowen! Calculo que o resto da manobra consistiria em o Bowen aparecer, depois de recebido o dinheiro, e obrigar Finley a entregar-lho!... Vamos procurar o Bowen!

Não tardou a saberem que ele e um amigo, chamado John Smith, estiveram, no dia antecedente ao do crime, num armazem de fatos feitos, em Chikamauga, acompanhados de Kington. Bowen experimentou um fato e depois insistiu com Kington, o qual apenas o conhecia vagamente, para também experimentar um. Depois de verificar que vestiam ambos pela mesma medida, disse ao dono do estabelecimento que voltariam mais tarde.

— Nunca mais apareceram! — declarou o homem do armazem.

— Nem aparecem... — retorquiu um dos agentes. — Tudo isso eram preparativos para um crime!

*

Outros indicios foram surgindo: Bowen alugara um automóvel, mas nunca mais apareceu com ele, o qual, aparentemente, lhe servira para fugir; e Smith comprara um «Ford», dera o sinal, mas não voltou para pagar o resto e, pouco depois, na casa que lho vendera, deram com o cofre arrombado, onde faltavam dois mil e trezentos dólares.

— Arranjaram assim dinheiro, enquanto esperavam pelo do seguro! — concluiu o xerife. — Esse, porém, nunca mais o apanham, pois havemos de agarrá-los!

Os assassinos, espertos e estupidos, ao mesmo tempo, fugiam sem parar. Uns dias depois, o carro alugado por Bowen apareceu abandonado em Huntsville, com os bronzes fundidos por falta de óleo.

— Smith e sua mulher desapareceram, e Bowen com certeza deve andar com eles no «Ford» — deduziu Land. — Sei que ela já viveu na fronteira do Texas com o México, e há-de ser para lá que se dirigem. Avisem as autoridades da região.

O aviso chegou muito tarde. Os fugitivos já tinham atravessado a fronteira, voltando outra vez, sem serem identificados. E nunca mais se soube deles, até que o xerife teve informações sobre uns parentes de Smith, moradores em Pendleton.

— Vol lá eu mesmo! — decidiu Land.

Quando desceu do comboio, foi directo á Policia e não tardaram a descobrir a mulher de Smith, a qual, sem ter culpas no crime, disse, chorosa, que o marido fora ao correio. Para ali se encaminharam os agentes.

— Lá está o «Ford»! — exclamou o xerife, ao aproximarem-se. — Vigiem o carro, enquanto vou lá dentro!

Um homem ainda novo, encostado negligentemente ao «guichet», endireitou-se quando o xerife lhe assentou a mão no ombro. Por momentos esboçou um gesto de resistência, mas Land avisou-o de que a sua pistola, engatilhada no bolso, não costumava falhar.

Uma vez Smith aferrolhado na cadeia, revistaram o carro, onde encontraram uma carta enviada, recentemente, por Hugh Bowen, de Centralia. Continha o plano de outro assassinio para receber a indemnização do seguro! Uma simples ordem pelo telefone foi o suficiente para o meterem na prisão.

— Aqui ninguém suspeitava dele... — disse o chefe da Policia de Centralia, quando Land lá chegou.

Os dois presos confessaram ter assassinado Paul Kington, com o móbil do prémio do seguro. Foram julgados e condenados a prisão perpetua. Bowen foi, mais tarde, transferido para o presidio de Alcatraz, de onde pode contemplar a baia e meditar no crime que falhou.

Anedotas e episódios da vida de pessoas célebres

XXIX — General Marshall

Este valoroso oficial americano, que deixou o seu nome ligado a um plano que deu certo desafogo á Europa depauperada pela ultima guerra, foi sempre uma pessoa plena de energia. Aos 68 anos, ainda se levantava ás 6 e 30 da manhã, dando um passeio de meia hora a cavalo. Não fuma e bebe pouquissimo. Ser secretário de Estado é a função mais absorvente dos Estados Unidos.

* * *

A sua memória é pasmosa e o seu cérebro dá a impressão de um arquivo.

Um dia, na comissão de Verbas e Orçamentos, sem levar um unico apontamento, fez a seguinte afirmação: «Das 240.559 espingardas de que necessitamos 167.789 já foram recebidas, faltando portanto 72.770».

Tudo ficou surpreendido. O general, porém, sabe poupar o cérebro. Nunca se detém em coisas inuteis. Durante a guerra tinha de memória um numero espantoso de pormenores relativos não só ás forças do Exército americano, mas também ás forças do inimigo.

* * *

Uma tarde, discutindo, em frente de um mapa, com oficiais superiores, a distribuição de 53 divisões japonesas, disse: «Este sinal indica a presença de uma divisão blindada, mas neste momento só há no local três brigadas de tanques».

Era assim o prestigioso general. Em 1927, faleceu a sua primeira mulher, que fora uma companheira exemplar e bastante o auxiliara nos dificeis anos da guerra. O general todos os dias convidava pessoas para almoçar. A secretária telefonava á esposa o numero de convidados e á hora aprazada tudo estava cuidadosamente preparado para a recepção.

* * *

Quando o general completou 63 anos, o secretário da Guerra dirigiu-lhe o seguinte elogio: «A minha longa experiência ensinou-me a classificar os homens publicos em duas categorias: á primeira pertencem os que procuram servir nos postos; a segunda, os que procuram servir-se dos postos. O general Marshall está á frente do primeiro grupo. E' dos homens mais desinteressados que tenho conhecido».

* * *

Marshall tratava sempre com consideração todos os seus companheiros, indiferente ás patentes que tivessem. Quando chegava ás linhas da frente, depois de uma visita de inspecção ás tropas, chamava muitas vezes ao telefone inumeras esposas dos militares para lhes dar notícias dos seus maridos.

Muitas vezes levava no seu avião soldados em gozo de licença. Claro que, com estas qualidades era estimadissimo.

* * *

Um dos seus problemas mais graves, foi o de manter relações com a Russia. Nunca lhe faltou coragem e quando Molotov, hoje caído em desgraça, discutiu, em 1942, a abertura da segunda frente, Marshall fez ver ao ministro russo a impossibilidade de tentar a invasão nesse momento, por falta de navios suficientes. Lembrou-lhe quanto estava custando á América, o envio de navios á Republica Soviética pela rota de Murmansk. E a sua opinião venceu.

* * *

Marshall detesta a publicidade. Um repórter seguiu-o seis meses na China e quando pensou arrancar-lhe uma entrevista, que seria sensacional, o general apenas lhe disse: «A situação é séria e crítica».

* * *

Marshall furta-se a todos os contactos com a Imprensa. Diz amiude: «A ausência total da publicidade não me trará nenhum prejuiz».

A História há-de consagrá-lo mais pelos seus actos que pelas suas palavras.

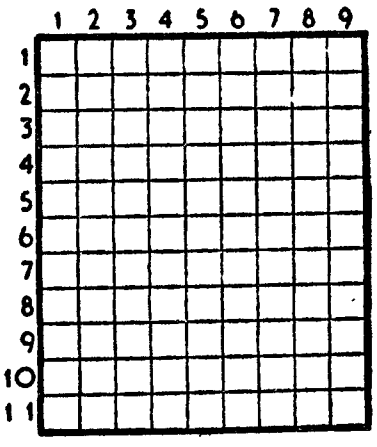
Harry Truman, ainda em vida do presidente Roosevelt, declarou mais de uma vez, que considerava o general Marshall como «o maior dos Americanos vivos». E Winston Churchill, não obstante a resistência de Marshall ao plano do estadista britanico que defendia a invasão da Europa pelos Balcans, chamou-lhe «o verdadeiro organizador da vitória».

L. R.

Palavras cruzadas

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 3586



HORIZONTAIS: 1 — Cidade ao fundo do fiorde de Cristiania, capital do Estado a que pertence. Bola para jogo. 2 — Ecoar. Nome de mulher. 3 — Abrira a buril ou a cinzel. 4 — Acreditei Cincho. 5 — Tecido grosseiro e forte de algodão. Almofariz. 6 — Abreviatura da unidade de peso. Batráquio. 7 — Norma. Preposição e artigo (pl.) 8 — Aqui. Gemidos. Artigo definido. 9 — Cidade á entrada do Mar Vermelho. Divisão de uma casa. Peixe pleuronecto, muito saboroso. 11 — Pegas. Esteiros.

VERTICAIS: 1 — Artigo definido. Partido. De alto preço. 2 — Pai da mulher, relativamente ao marido. Bandas. 3 — Parte superior da traqueia. Nome de mulher. 4 — Agora. Arias. 5 — Siga. 6 — Sobrenome de uma das ultimas rainhas de Portugal. Difundir-se. 7 — Vaguearão. Genro de Maomé. 8 — Atara. Nome de um pei... 9 — Em partes iguais. Olá! Saudáveis.

Solução do problema n.º 3585

HORIZONTAIS: 1 — Grandes, 2 — Amais. 3 — As. Aos. Eu. 4 — Siar. Pala. 5 — Carrara. 6 — Lá. Rã. 7 — IV. Roa. Lê. 8 — Ripa. Paia. 9 — Remamos. 10 — Carot. 11 — Eros. Sola

VERTICAIS: 1 — Gás. Rir. Pé. 2 Sic. Vir 3 — Rá. Aal. Peco. 4 — Amarraramos. 5 — Não. Ar. 6 — Dispararmos. 7 — E's. Ara. Aoto. 8 — Ela. Lis. 9 — Sua. Meã. Dá.

Na AMADORA o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe» vendem-se na Tabacaria Dina.

FIGURAS DA RENASCENÇA ITALIANA

«A DIVINA ISOTTA»

Rimini — leio-o algures — é, na costa italiana da Romanha, sobre o Adriático, uma cidade muito antiga, de fundação umbria, anterior a Roma, e que precisamente viera a encontrar-se como posto avançado contra os gauleses, no ponto de junção de duas grandes vias romanas: a Via Emília e a Via Flaminia. A par de alguns dos mais notáveis monumentos da época imperial; o arco de Augusto e a Ponte de Tibério, ostenta Rimini um pequeno edifício renascentista, unico pelo seu carácter e seu destino, o *Tempio Malatestiano*, «a primeira grande obra (no dizer de Corrado Ricci) conforme as novas leis da arquitectura» de que o grande Leão Baptista Alberti se tornara o paladino, e na qual, precisamente «ele quis e conseguiu dar a impressão completa do sentimento arquitectónico da antiguidade».

Era uma humilde igreja gótica dos Franciscanos, a qual inteiramente remodelada em 1447, foi cercada de arcadas è de mausoleus, mas sendo as arcadas semelhantes aos arcos de triunfo dos imperadores romanos, e os tumulos destinados aos poetas e aos filósofos da residência dos Malatesta. E explica-nos o douto Ricci que a realização da obra foi devida as energias mais caracteristicas do tempo, concentradas nas almas ardentes de Alberti e de Segismundo Pandolfo Malatesta. Alberti trouxera ao caso o encanto omnipotente da arte: Segismundo queria que monumento proclamasse o seu amor; todos dois, inflamados de literatura. procuravam a glória, esse supremo ideal da cultura clássica e do humanismo. Assim esta igreja de S. Francisco que se tornou o *Templo Malatestiano* veio a ficar sendo o templo mais pagão de todo o Renascimento, dedicado mesmo que fora *á divina Isotta* — «*Divae Isottae Sacrum*» — conforme a inscrição encontrada pelo dito Corrado Ricci em 1912.

A *divina Isotta* como na cidade se lhe chamava ao tempo — a deusa daquele templo — era Isotta degli Atti, a mulher a quem se ligara de amizade o famoso Segismundo Pandolfo Malatesta, certamente entre os homens do Renascimento um dos mais originais e dos mais interessantes. Como o diz magistralmente o imparcial Collison-Morley «o estranho contraste entre o seu carácter e a diversidade dos seus dotes parece resumir toda essa época sob a forma mais violenta. Se a brutal, quase bestial selvageria das suas paixões o coloca entre os seus irmãos tiranos da Romanha, ele enfileira como *condottiere* entre os bons senão os melhores soldados do século XV. Como humanista e protector das artes está perto de Nicolau V e de Pio II, de Cósimo de Médicis ou de Afonso de Aragão. Enfim, como poeta e amoroso, tem um lugar bem pessoal. Como muitos homens de qualidade deste tempo e mesmo chefes, era um bastardo, filho natural de Pandolfo, senhor de Rimini. A sua precocidade fora extraordinária. Aos treze anos salvara Rimini, conduzindo ele próprio os seus homens á vitória, enquanto o seu tio, que não tinha nada de temperamento guerreiro, recitava orações na igreja. Aos quinze anos, no campo de batalha, ficava vencedor de um «condottiere» experimentado: Frederico Montefeltro, de Urbino. Deviam os Malatesta o seu nome a um antepassado cuja cabeça era mal conformada. E na descendência, os que não tinham vindo disformes, coxos. marrecos ou zarolhos, eram pelo contrário de uma beleza estranha; e isto, tanto no físico como no moral: perfeitamente anormais, sob os dois aspectos, corpo e espírito. Senhores de Rimini, de Fano, de Cesena, de Pesaro e outros territórios nas Marcas e nas Romanha, haviam sonhado com fundar um pequeno reino.

O nome de Segismundo, cujo retrato Piero della Francesca pintou, de perfil, com a aparência de um sábio ou de um santo em extase, tornara-se, mesmo ainda no século XV, sinónimo de traição e de ferocidade, misto de raposa e tigre. Tendo estado noivo, em muito novo ainda, da filha do «condottiere» Carmagnola que depois fora condenado á morte, recusara-se a casar com ela, filha de um criminoso, mas ficara com o dote que recebera... Avarento, blasonava todavia de *mãos rotas*... Casara aos 20 anos com a filha do marquês de Ferrara, mas três anos depois, ela morria, parece que envenenada por ele, continuando todavia, ele a ser amigo do sogro...

Ora parece que já desde essa época Segismundo mantinha relações com Isotta degli Atti, poetisa considerada como uma outra Safo. E esta divina Isotta iria dominar a sua vida, embora de maneira desigual. O monograma entrelaçado *I. S.* que ele adoptara como brasão para as suas tropas, era a sua divisa por toda a parte. Aliado de Francisco Sforza, o grande «condottiere» dos Visconti em Milão, uns 16 anos mais velho do que ele, Segismundo casara com a sua filha natural Polixena, pouco antes de o Sforza ter casado com a exemplar Bianca Maria Visconti. Mas, mantendo sempre Isotta como amante, acabara, em 1449, quase dez anos depois, por estrangular Polixena, tanto pelo ódio que tinha ao Sforza como para ficar livre a fim de poder casar com Isotta. Todavia, apesar dos rogos desta, só em 1456, passados seis anos, a desposou, tendo-se ela sempre conduzido, enquanto amante, como se fora sua mulher legítima. Nenhuma duvida de que Segismundo amava loucamente Isotta, asseverou — o Papa Pio II — acrescentando que ela bem o merecia por causa da sua cultura intelectual e de todas as outras suas qualidades e da sua beleza que por toda a parte era gabada. Seria porém verdadeiramente apenas bonita, mas com uma expressão muito benévola, e com todas as qualidades modelares de esposa e de mãe.

«Era á sua inteligência, ao seu tacto, á sua dedicação que ela devia toda a sua influência (diz em resumo Colison-Morley). Ela podia compreender os projectos dele e partilhar do seu amor pelas belas-letras e pelas artes, assim como podia acalmá-lo e reconfortá-lo quando ele estava agitado ou em embaraços. A sua habilidade diplomática era considerável e empregava-a a favor do seu Senhor, como lhe sacrificou tudo quanto possuia, quando a sorte abandonou Segismundo e ele foi até ao fundo. E' preciso dizer em honra dele que sabia apreciar a dedicação de Isotta e lhe estava por isso reconhecido». Apesar disto, levado pelas suas paixões incontroláveis, Segismundo não tratava de ser fiel a Isotta, como o não era nenhum outro senhor naquele tempo. Assim, casado ainda com Polixena e amante sempre de Isotta, em 1448, Segismundo concebera uma violenta paixão pela jovem esposa de um certo conde alemão. Perseguindo-a em viagem, como ela não o atendia, uma noite atacou a sua escolta e tendo ela sido morta no motim, satisfizera a sua paixão bestial, violando o cadáver ainda quente...

Com tudo isto, Segismundo era, pela sua disciplina severa e pelo trato familiar, amado pelos seus soldados com os melhores dos quais rivalizava em força e resistência. Era também um sábio engenheiro. Amava verdadeiramente as artes e as ciências e os seus conhecimentos eram vastíssimos, conforme todos reconheciam. Quisera ter em Rimini os melhores artistas como Pisanello e Leão Baptista Alberti, e em Roma o seu inseparável amigo era o grande humanista Poggio. A alguns dos humanistas dava casas, a outros empregos vários e a outros, se mostravam aptidões militares de par com as intelectuais, aproveitava-os como soldados.

Da Morea, aonde fora com a sua gente mercenária combater os Turcos, comandando as forças de Veneza, Segismundo, voltara coberto de glória, trazendo consigo, declarava ele, a mais preciosa das presas, as cinzas de Gemisto Plethon, o grande filósofo bizantino que fora o mestre de Marsilio Ficino e do cardeal Bessarion, fazendo-as inhumar na igreja de S. Francisco — o Templo Malatestiano — ao lado dos outros artistas e letrados da sua corte, num tumulo que se pode ver ainda (ao que leio), num dos nichos exteriores do templo remodelado por Alberti.

Este homem, absolutamente estranho, era de facto um monstro. O Papa Pio II, o antigo humanista Eneas Silvius Piccolomini, que o excomungou, o fez queimar em efígie, o reduziu á mercê e lhe perdoou, bem o devia conhecer, e bem o definiu quando disse dele que «possuindo um conhecimento profundo da Antiguidade e da filosofia, parecia ter nascido para tudo aquilo que empreendia».

Francisco Fernandes Lopes

DE VEZ EM QUANDO...

Facas ao peito...

Por João Patrício

A moderna publicidade, cientificamente organizada, é um novo capítulo da Psicologia, pois actua através dos mais minuciosos processos de penetração psicológica junto do comprador virtual. Auxiliada pela Imprensa, o Cinema, a Rádio e a Televisão, a publicidade levanta-se e deita-se com o homem de hoje, numa presença absorvente. O mundo á nossa volta é já, sob vários aspectos, uma publicidade alucinante. De todos os produtos reclamados, talvez as virtudes morais sejam as menos anunciadas. Por recato natural, ou por ausência de virtudes meritórias? A resposta, é um tanto embaraçosa.

*

Há actualmente uma forma de publicidade-venda, a um tempo original e abusiva do direito de cada um, que consiste no envio, pelo correio, de artigos portáteis, aliciante e capciosamente embalados em folhetos publicitários, que invadem o domicilio de uma pessoa, como que a dizer: --Eis-me aqui, fica comigo, e envia o dinheiro áquele que me mandou!

Há tempos, o correio trouxe-me um embrulhinho desses. Com o aspecto de uma carta, abri-o, distraído, juntamente com a restante correspondência. Rasgado o invólucro, deitei este no cesto dos papéis. Quando reparei, tinha na mão um cartão de forma rectangular, policromo, encimado por esta frase: «Barómetro Atmosférico». Fiquei surpreso. Não o havendo encomendado, quem mo teria remetido? Entre os papéis rebuscados no cesto, deparei então com um vale de correio, e um pequeno folheto que consegui reconstituir. Lendo-o, vi que se tratava de uma organização comercial, tecnicamente montada por uma firma da província que, percorrendo, com certeza os anuários e as listas telefónicas, inunda os lares lusitanos de barómetros atmosféricos, numa aberta concorrência aos boletins meteorológicos dos jornais, da Emissora e do Observatório Nacional. Do simpático e consuetudinário Borda de Água, também.

*

O motivo desta crónica é para vos dizer, leitor, (num rebate de consciência aliviada), que não estou disposto a pagar o barómetro bilhete-postal que me enviaram sem o pedir, nem tão-pouco a devolvê-lo. Não o devolvo porque, uma vez rasgada a embalagem de origem, teria de fazer outra, para o que me carece paciência e tempo. Não o pago, não pelo seu preço, aliás, insignificante, mas por uma questão de princípio, que me leva a não abrir a bolsa ao capricho dos talentos mercantis, impositivos e atentórios do sossego e da vontade de cada um. Tenho o barómetro bilhete-postal (que ainda não utilizei nem tenciono utilizar) á disposição da firma remetente. Se mo mandar buscar á porta de casa, sem maçadas, terei muito prazer e até a obrigação de lho devolver. Facas ao peito, é que não! Procedendo eu assim, não exercerei uma acção profiláctica contra a repetição de casos como este? Não trabalharei para vós, leitor, que não estareis livre de receber também o barometrozinho?...

SINTRA ESPERA O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELECTRICOS

Leiam o jornal humoristico
sempre
fixe

Memórias de Sua Magestade o Carnaval

por CONSIGLIERI SÁ PEREIRA

Este mês de Fevereiro, sempre ou quase sempre outrora (mais por designio dos calendários que por casualidade de indolentes) reservado para os folguedos do Carnaval, era com impaciência aguardado pela «miudagem» — os autênticos «menores de idade» desse tempo — e não por cálculo ou menosprezo de futilidades, guardado ou quando muito cortado pela alvura dos poucos parentes realmente queridos que, gradualmente, se cobriam de cãs, e com muito maior pressa ai de nós!, nos abandonavam para não mais voltar. Alguns, porém, á força de carícias sempre bem recebidas e por passeatas que, nunca excediam o Cabo Ruivo ou então a *Tia Iria* do *Ferro de Engomar*, estava muito estreitamente ligado á presença alva e sempre comovente, para nós, seus netos, de meu avô, um velho robusto e forte, bem conservado e, ainda nos ultimos anos, são como um pero — abatido em pouco tempo por um sofrimento implacável, dos que não perdoam, embora o seu médico dissesse:

— A morte procura sempre desculpa. Mas, neste caso, ele ainda tinha estômago para suportar outros tantos anos de vida.

Sucede, porém, que outros factores, além da vida física, abalaram aquele enérgico perfil e o abateram em poucas semanas. Quem tinha organizado a vida com bastante inteligência para resistir ainda umas dezenas de anos, teve de a abandonar relativamente cedo, pronunciando nos derradeiros minutos os nossos nomes, como que numa última saudação e supremo designio.

Enfim, daquele tempo, áparte um ou outro filho, ninguém resta. E, assim, pouco resta que se lhe possa comparar.

Recordações?... Poucas e más

Do que me resta, neste inconstante limo de saudades, de recordações, poucas são as que me vêm voluntáriamente á memória, integradas como estão no quadro total de uma sociedade prometida a transformações de muito maior importancia que as que temos visto ultimamente. De resto, que poderia haver de mais importante que as grandes mudanças e alterações no «nivel de vida»? Não basta mudar: há, também, que atender ás consequências sociais dessas mudanças. Então, poucas coisas se poderiam mudar de raiz. Éramos, temperalmente, um povo que tudo gostava de guardar, ainda as velharias, por esse mesmo critério ainda muito mais vigente do que se possa julgar; tudo que não fosse isso feria os costumes, e a árvore, cada vez mais frondosa, da vida, e a todos nos enlevava e nos prendia á terra. Havia, é claro, nas rias, o arremesso, de discutível delicadeza, de ovos, e ainda a sementeira de feijões e de tremoços. Parecia que todos os diabos, convocados para as ruas de Lisboa, traziam todos os restos de horta para torturar as vidas alheias. Se essa avalanche de protuberancias quebrava a monotonia geral da vida lisboeta também não menor era o que passava ás portas de Lisboa. Ainda se respeitava o saber alheio e não havia atrevimentos e excessos de camaradagem mal-entendida, como os de hoje...

Tolerância e independência

Das lutas anteriores, havia ficado como rasto ainda bem visível e pronto a reaparecer e não a deixar-se apagar, uma certa expressão de tolerancia, embora não raro a bondade natural do povo ameace descambar em pseudo-indulgência ou efectiva independência. Neste jogo da vida, bem mais complicado do que aparentemente parece, tudo se vai complicando como qualquer regra de luta bem entendida. E, se é da norma saber perder e sabe ganhar, não menor é o risco que se atravessa na inconstancia de tais vicissitudes. Se a saude dá para muito ou para pouco, eis o que nunca se sabe e é o segredo do Supremo Arbitro.

Quantas e quantas vezes aqueles que bem desejariamos nunca ter prejudicado são as vítimas directas de erros.

Cada qual tem o que deve ser seu e é cobarde desculpar-se com os outros. Assim deve ser e muito temos aprendido. E' caso para recordar as regras do *mag-honj*, um jogo que é um dominó um pouco mais complicado mas pelo qual uma ou outra senhorita ás vezes se entusiasma indo até ao ponto de jogar os ultimos vintens, desde que sejam do marido e não efectivamente seus... Depois de se ter andado lá por fora meia vida, só desejamos, nesse anseio de infinita tranquilidade e tolerancia, que nos deixem em paz e tranquilos. Não houve ainda o escritor que afirmasse, na ousadia dos caracteres tipográficos, que o silêncio é o grande precursor do silêncio definitivo da morte.

Os Estoris

A minha memória recalcitrante (e tem razões para isso), indica-me pois como animador outrora náximo de todas as festas na linha dos antigos Estoris, um nome ainda estranhamente familiar, o apelido Costa Pinto. Só conheço um: um antigo oficial de lanceiros da Rainha, já reformado há muitos anos. Depois desse, só tenho ouvido falar num pintor (Candido da Costa Pinto) e num locutor de rádio que não sei se tem algum parentesco com esse outrora antigo militante de todas as revoluções e movimentos *couceiristas*. Antigamente sim, havia dois e eram inevitáveis, um no Norte, em quaisquer intentos de movimento revolucionário, até que o falecido comandante Ferreira do Amaral o resolveu aniviar dessa cruz; e outro Costa Pinto infalível em todos os movimentos ou ensaios disso no Sul. Agora, desapareci do Chiado e julgo que esses antigos auxiliares da «Havaneza» ainda sejam vivos. Basta um ano para transformar por completo aquele passeio que se transforma. assim, num passeio de aldeia, porque antigamente ainda havia meia duzia de nomes que sempre sobrenadavam. Agora, nem isso. Nada resta. Nada fica. Pouco ou nada sobrevive a meio século de recordações nem sempre agradáveis.

Livros novos

Recebemos: «O Oceano Pacífico», de L. F. Hobley, tradução de Alvaro Garcia Fernandes com ilustrações do autor e de J. Randall, e «Beethoven», de Helen L. Kaufmann, vertido para a nossa língua por Madalena de Castro. Desenhos de Fritz Kreddel.

2 De Cabral Adão, que se revela um poeta de harmoniosos versos, um livro intitulado: «Gineceu». Trata-se da mensagem de um poeta que trabalha com facilidade todos os géneros.

Na Colecção Educativa, publicada pela Direcção-Geral do Ensino Primário, veio a lume: «Os Grandes Escritores Portugueses», da autoria do sr. José Gonçalo Chorão de Carvalho. A obra tem um carácter de divulgação.

4 «Ferreira de Castro, antes da glória», trata-se de uma biografia do famoso escritor de «A Selva», da autoria de Alberto Moreira, escrita com vibrante admiração.

Na Colecção Arcádia, «A Vida nos outros mundos», de Herbert Spencer Jones. Tradução de João Beckert de Assumpção. E' o primeiro volume da série «Ciência» daquela editorial.

6 «A ciência do monstro», romance, de W. Stronga Ross, vertido para português por Francisco de Azevedo. Na Colecção «Criminalidade».

Veio a lume «A Metafísica do Sexo», de que é autor João Rosa. Trata-se de uma obra que analisa as afinidades tanto físicas como espirituais do género humano.

8 De Lola de Oliveira, poetisa brasileira: «Cartas de Amizade», versos em que a autora nos fala, por vezes, enternecidamente de Portugal.

UM ESTUDANTE PORTUGUÊS EM ISRAEL (1)

[illegible]

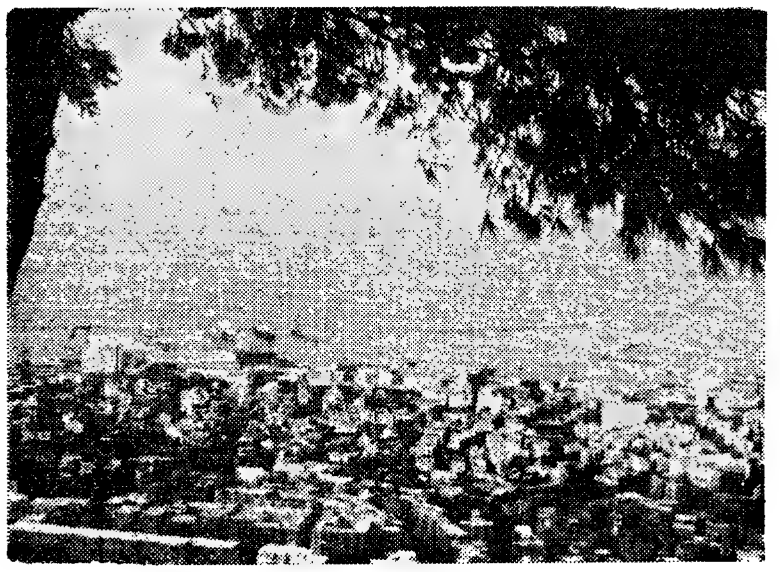
Começamos hoje a publicação de uma série de artigos de um estudante do Instituto Superior Técnico de Lisboa, que recentemente se deslocou a Israel, onde fez um estágio técnico integrado no esquema de trocas de estudantes de Engenharia da I. A. E. S. T. E. (International Association for Exchange of Students for Technical Experience) em que o nosso País está filiado. Durante o tempo que permaneceu em Israel, recolheu estas curiosas notas de reportagem que por certo muito interessarão os nossos leitores.

São quatro horas da manhã. Após algumas horas de voo sobre o Mediterraneo, acabo de chegar ao aeroporto de Lydda, que serve a cidade de Tel-Aviv. As formalidades aduaneiras são rápidas, mas cuidadosas. O funcionário da Polícia examina atentamente os passaportes, como documentos de grande valor. Quantas fronteiras terá ele atravessado sem passaporte? Quantas dificuldades terá tido para obter um passaporte? Terá alguma vez tido um passaporte? Quem o sabe?! No entanto, em qualquer caso, um passaporte é para ele bem justificadamente um documento de verdadeira importancia, como se infere do ar grave que assume ao controlá-lo.

Este primeiro contacto tem por efeito sugerir ao recém-chegado o ambiente de seriedade que rodeia tudo quanto se faz neste país, seriedade essa que durante o tempo da minha visita a Israel havia de ser sempre em todo o lado confirmada.

No dia seguinte á minha chegada ao país, parti para Haifa, onde fui recebido pelo secretário do «Technion» (Instituto de Engenharia de Israel), a cargo de quem está o serviço de recepção aos numerosos estagiários estrangeiros, que anualmente visitam Israel. Todos os problemas relacionados com a minha chegada e estadia haviam sido cuidadosamente tratados; e durante o período que passei na terra de Sião pude beneficiar das numerosas reduções e facilidades que os estudantes usufruem em Israel. Deste segundo contacto com os Israelitas guardei outra impressão que, a par da referida seriedade eu não deixaria tão pouco de observar constantemente: a magnifica hospitalidade para com os estrangeiros.

Nunca em qualquer outro país tive ocasião de verificar um «sentido da hospitalidade» tão marcado. Uma amabilidade natural que põe imediatamente á vontade logo ao primeiro contacto, não nos faz estranhar ao fim de alguns dias no país, que o transeunte que se interpela na rua para dele indagar o caminho a seguir, nos convide, ao fim de poucos minutos, para tomar café ou chá em sua casa com a família. Isto aconteceu-me mais do que uma vez, e ainda hoje pergunto a mim mesmo como foi possível que me sentisse tão á vontade entre pessoas que alguns momentos antes me eram completamente estranhas.



A baia de Haifa, tão bela e espectacular como a de Nápoles

Os estagiários estrangeiros no país eram este ano cerca de seis dezenas. Aproximadamente 30 % desistiram de ir estagiar para Israel em virtude dos acontecimentos no Iraque, que precederam a nossa chegada, e chegaram a fazer recear um conflito generalizado no Médio Oriente. A grande maioria dos estagiários provinha dos países europeus, mormente do Norte e do Centro da Europa, sendo eu o unico Português.

Rodeado do magnifico ambiente de camaradagem e confraternização internacional que entre nós se desenvolveu rápidamente, iria durante várias semanas, quer através das excursões organizadas pelo «Technion» para todos os estagiários, quer individualmente, por iniciativa própria, travar conhecimento com este extraordinário país.

Terra de contrastes

Geograficamente, o estado de Israel ocupa uma faixa de terra do 400 kms. de comprimento, que nalgumas zonas se limita á largura de pouco mais de uma dezena de quilómetros. Confina com os países árabes, com os quais mantém relações hostis. Essas fronteiras são muito extensas em relação á superficie do Estado, e o seu traçado sinuoso não tem qualquer justificação natural pois resulta exclusivamente de um anacrónico acordo de armistício firmado após a chamada «guerra da libertação» que se iniciou no dia imediato á proclamação da independência.

Num território equivalente ao nosso Baixo Alentejo e Algarve o país encerra a mais completa variedade de tipos, paisagens e recordações que se possa supor.

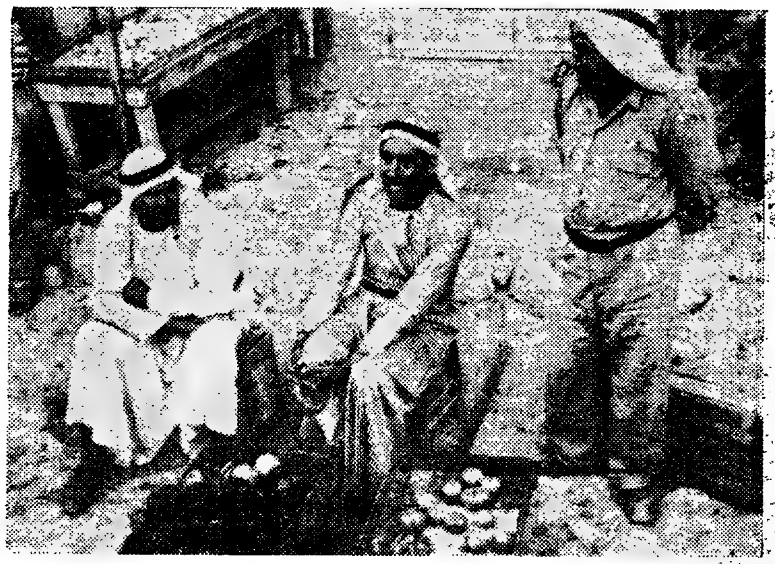
A propaganda turística do país chama a Israel «terra de contrastes». O epiteto que á primeira vista parecerá oco e banal define de facto a principal característica deste país: o contraste. Em realidade, talvez em nenhum outro local do Mundo seja possível encontrar tão assinalados contrastes, em tantos aspectos diferentes, num espaço tão limitado. O moderno e o antigo, o Ocidente e o Oriente, o verdejante e o desértico, o natural e o sobrenatural, a esperança e o desespero encontram-se aqui mais próximos do que noutro lado qualquer.

A poucos quilómetros da cidade de Tel-Aviv, com as suas artérias largas e bem lançadas enquadradas pelas mais modernas construções á maneira europeia, encontra-se um povoado árabe, intrínsecamente árabe nos costumes e na mentalidade. Num autocarro sentam-se lado a lado a rapariga judia, em uniforme de soldado, que presta o serviço militar obrigatório e o Judeu ortodoxo vestido á maneira tradicional com pesadas vestes negras e exibindo uma não menos tradicional e imponente barba. Em escassas dezenas de quilómetros percorridos ao longo do país, a paisagem, os tipos humanos, a topografia o próprio clima apresenta marcadas diferenças. Por toda a parte o contraste é sempre a caracteristica dominante.

Mas não só nesta exuberancia de contrastes reside o interesse de Israel. Há muito mais. Há um nunca acabar de motivos de interesse.

No aspecto histórico, os vestígios das numerosas civilizações que passaram pela Palestina são abundantíssimos e aumentam de dia para dia, em consequência da grande quantidade de escavações que os arqueólogos do país dirigem por toda a parte. Em Israel, a Arqueologia, mais do que uma ciência, é um passatempo quase tão popular como coleccionar selos ou moedas. Desde o mais simples operário aos ministros do Governo de Ben-Gourion, muitos aproveitam os seus momentos livres para se dedicarem a estudos sobre Arqueologia, aliando assim ao prazer de uma distracção a execução de um trabalho de grande interesse para o país.

As recordações de ordem sentimental e religiosa são também numerosíssimas. Contrariamente ao que muitas vezes se supõe, nem só os católicos e os judeus têm os seus lugares santos na Palestina. O país é igualmente centro de peregrinação para muitas outras religiões. Os Muçulmanos têm em Jerusalém o seu lugar santo de maior importancia logo após Meca e Medina. Para os ortodoxos gregos há também numerosos lugares de peregrinação na Palestina. A jovem religião «Bohai» oriunda da Pérsia tem em Haifa e S. João d'Acre os seus lugares santos.



O mundo árabe a poucos quilómetros de Tel-Aviv

Aqueles que se interessam por paisagens exóticas e gostam de experimentar sensações novas, também não ficarão desiludidos ao visitar Israel. Um passeio no deserto do Neguev desde o ponto mais baixo do Mundo, nas margens do Mar Morto, até aos deslumbrantes fundos de corais no Mar Vermelho por certo excederá tudo quanto possam imaginar. A paisagem talhada pela fantasia dos ventos do deserto esmaga-nos completamente pela sua grandeza e irrealidade. Nestas paragens da morte os unicos apontamentos de vida são-nos dados pelas caravanas de beduínos, que atravessam o deserto, ou pelos modernos aviões israelitas — sempre o contraste — que cruzam os ares em direcção ao ponto mais meridional do país.

Mas, para além de tudo isto, não nos esqueçamos de que estamos em pleno Médio Oriente. E isso, por si só, já quer dizer qualquer coisa. Embora o ambiente em Israel seja acutalmente de uma calma quase total, não olvidemos que o país está cercado por territórios árabes e que, se as relações mutuas não são de verdadeira guerra, também não são de paz. Embora notavelmente reduzidas, após a recente campanha do Sinai, os incidentes fronteiriços repetem-se ainda com certa regularidade. Este estado de coisas não é, porém, suficiente para criar condições anormais de vida. Por assim dizer, faz já parte da existência deste povo que desde o primeiro dia de independência do seu país nunca conheceu a paz. Se é certo que o acordo de armistício de Julho de 1949 pôs termo á guerra quente, o país manteve-se sempre, no entanto, numa situação algo mais tensa do que uma guerra fia. É como por lá lhe chamaram a «guerra morna».

Acrescente-se ainda que nem só no passado ou na Natureza residem os aspectos de interesse de Israel. A modernissima estrutura do país e o seu progressivo desenvolvimento económico são factos que não deixarão de atrair e fascinar o visitante.

Devido a uma considerável série de dificuldades e condicionalismos, o país não atingiu ainda a independência total do ponto de vista económico. No entanto, todos trabalham ardorosamente para isso e tal é o maior desejo do Governo e do povo. Os jovens de Israel, ao cantarem alegremente a mais popular melodia do país, que foi buscar á Biblia o seu motivo fundamental, *Eretz Savath Alav u Drash*—«a terra onde corre o leite e o mel»—procuram mais do que o prazer de cantar, criar em si próprios a esperança ou mesmo a convicção de que na sua terra voltarão um dia a correr o leite e o mel.

LUÍS ENGÉNIO VEIGA DA CUNHA

Importante reunião de rotários

FIGUEIRA DA FOZ, 19 — O Rotary Clube desta cidade esteve em festa para receber, em visita oficial, o governador do Distrito Rotário Português, sr. eng.º José dos Santos Pardal, acompanhado de sua esposa.

Na reunião tomaram parte, quase na totalidade, os componentes do clube, com senhoras de suas famílias; luzidas embaixadas dos Rotarys Clubes de Coimbra e Pombal e representantes da Imprensa.

Após calorosa saudação á bandeira nacional, apresentada pelo governador, o chefe do protocolo, sr. Jerónimo Pais, dirigiu palavras de saudação e cumprimentos aos visitantes e convidados.

No decurso da reunião usaram da palavra o governador do Distrito Rotário, que fez a palestra regulamentar, dissertando sobre a valiosa acção rotária desenvolvida em todo o Mundo, e, em particular, em Portugal, onde é já hoje de apreciar, na sua missão de amizade, paz e concórdia. Os srs. Fernando Donato, presidente do Rotary Clube de Coimbra, e drs. João Coucelo e Julio Gonçalves, recordaram figuras eminentes do Rotary, já falecidas e outras ainda vivas, que têm dado prestígio e valioso impulso ao Rotary Internacional e ao nosso País, etc.

O presidente do clube da Figueira, sr. dr. João Bugalho, em nome do clube e da cidade, manifestou a sua satisfação pela presença do governador e de sua esposa e de todos os visitantes e convidados e representantes da Imprensa, aos quais também agradeceu a acção proveitosa da informação através dos jornais, acentuando a importância desta inolvidável jornada rotária para a linda cidade da Figueira da Foz.

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital 100.000 contos

Sede — Rua do Comércio, 85 — Lisboa

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

A pedido da Administração, convoco a Assembleia Geral Ordinária para o dia 25 de Março p. f. pelas 15 horas na Sede da Companhia, Rua do Comércio, 85, com a seguinte ordem do dia:

Discussão e votação do Relatório, Balanço e Contas do exercício de 1958.

A esta assembleia só poderão assistir os accionistas que estiverem nas condições estipuladas no art.º 24. dos Estatutos.

Lisboa, 19 de Fevereiro de 1959.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

(a) Manuel Augusto José de Mello

HAVAS

...e não se esqueça Maria!

TRAGA VINHOS **ALIANÇA!**

-POIS CLARO MINHA SENHORA OS VINHOS **ALIANÇA** SÃO DE CONFIANÇA!

CONCORRA AO *Sensacional*

CONCURSO DOS VINHOS DAS

Caves Aliança

AO COMPRAR VINHOS ALIANÇA

PEÇA SEMPRE A SENHA PARA O CONCURSO

1.º PRÉMIO UM AUTOMÓVEL VOLKSWAGEN

Espumantes naturais ■ Vinhos de mesa ■ Licores ■ Brandies ■ Aguardente Velha «ALIANÇA»

SANGALHOS — Telefones 117 e 3 P. B. X.

LISBOA-CABO RUIVO — Telefones 381596 e 382155

VOU CONTIGO

por Maria Manuela Cambon Arim (14 anos)

— Ouve, João Manuel, tu tens que compreender! Convidaram-nos para ir a essa festa... Não podemos recusar-nos!!! Já é a 3.ª vez!

— E há-de haver 4.ª!!!

— Não sejas parvo!!!

— Muito obrigado pelo cumprimento que retribuo com toda a alegria! Mas Jorge, não te parece que vai ser uma grande maçada!? Só gente velha...

— Estupidez! Então a filha não conta?

— Nem me fales nessa parvinha! Aquela mocinha esgrouviada, com umas «canetinhas de pardal» e duas trancinhas penduradas que passava os dias a discutir comigo, com uma vozinha aflautada que me dava cabo dos tímpanos e... dos nervos!!!

— Mas isso já foi há três anos, na altura em que fomos passar uns dias á sua quinta!

— Olha, e se fossemos discutir para minha casa? Aqui para nós e em ar de confidência, discutir na rua e com o frio que está é uma tonteria... Para mais tenho uns discos estupendos do Paul Anka...

— João Manuel, tens uma artes de mudar os temas das conversas! Pergunto-te mais uma vez. Vens ou não á tal festa?

— NÃO! NÃO e N-Ã-O!!!...

— E' a tua ultima palavra? Repara que... Olha que coincidência! Um momento só...

E gritou alto:

— Elsa! Espera! Onde vais tão apressada?

A estas palvaras uma garota dos seus 15 anos, que caminhava num grupo de 3 rapazes e 5 raparigas voltou-se e acenando ao que a chamara, aproximou-se deles e exclamou:

— Viva, Jorge! Por aqui?

— E' verdade. Ainda te recordas do João Manuel?

— Claro que sim! Estás bom?

— Estou.

—Parece-me que dantes eras mais falador... Perdeste a fala? Desculpa, não devia ter dito isto...

— Ele não se zanga! E' um bom amigo, no verdadeiro sentido da palavra!...

— Pois sim, acredito! Só é pena entrar mudo e sair calado! Mas de todas as maneiras é simpático... Bem, parece-me que o meu grupo já está a chamar-me. Então no domingo lá os espero! «Bye, bye»!!!

E afastou-se ligeira e alegre.

Os olhos de João Manuel seguiram-na. Depois gaguejando:

— Não me digas que esta é a nossa... nossa... nossa anfitriã de domingo...

— Mas que lamentável cara de parvo arranjaste meu rapaz! Claro que é ela!

— Quem diria que aquela criancinha horrível se transformava assim tanto!...

— Pensava que já sabias...

— Não, já há bastante tempo que a não via e nunca sonhei que a miuda estava tão gira!!!

— Mas voltando ao assunto de antes: vens ou não vens?

—Aonde? — interrogou com um ar terrívelmente embasbacado.

— A casa dela meu cérebro de pardal!

— Que pergunta! Claro que vou contigo! — afirmou João Manuel com os olhos a brilhar alegremente.

A criança — sua educação

Hermenegilda Barata

(amigo 607)

Na fraca expressão dos meus pensamentos vou falar dum problema, base da nossa vida e que infelizmente nem todos lhe dão a devida atenção.

A falta de educação encontra-se a cada passo, tanto nos adolescentes como nos adultos. Qual será a causa? Certamente que é a deficiente formação que os pais e mestres lhes deram, de crianças.

E' preciso que os responsáveis pela educação duma criança, se compenetrem da tremenda responsabilidade que pesa sobre eles.

Para que um petiz possa vir a ser uma pessoa digna e forte, de rectidão e honradez, é necessário que a sua educação seja feita num ambiente sério e edificante e não depravado e vicioso.

Educar, não é o que erradamente muitos pensam, ser áspero e não deixar fazer as vontades.

Educar é compreender os problemas do educando e ajudá-lo a resolvê-los pondo-nos á sua altura; é colocar na sua inteligência o conhecimento da vida normal e meter no seu coração todos os princípios morais.

Para isso, para que os pais ou professores possam incutir-lhes na alma, todas as bases duma sólida educação moral, é necessário que eles cumpram tudo o que ensinam.

Não nos devemos esquecer de que «as plavras voam, só os exemplos ficam».

São ainda os educadores os responsáveis pelos actos dos educandos, porque regra geral estes são os espelhos daqueles.

E' pois o trabalho mais dificil, mas ao mesmo tempo mais cheio de graças, o do ensino das crianças, porque dele depende a felicidade futura e a continuação dos ideais de Deus, Pátria e Família.

Textos
Augusto da Costa Dias, Mário Castrim e Manuel Sobrinho Simões
Ilustrações
Tóssan e Figueirêdo Sobral

Toda a correspondência deve ser dirigida para a Rua Luz Soriano, 44 a 48 — LISBOA

CONCURSO
GIGANTES DA HUMANIDADE

O gigante desta semana [illegible]

Respostas até ao dia 28 de Fevereiro

O voluntário do espaço

Os Lynenses ficaram maravilhados com as coisas que existiam na Terra, graças ao pequeno documen-

tário, que eu acabara de passar na máquina de projectar. Gostaram principalmente das grandes florestas. Em Lyn não havia florestas. Só areia.

A verdade é que eu nunca fiquei a saber como eles conseguiam fazer a luz, ou conservar a estrada, lá em cima, limpa de areia. Outra coisa, que eu gostaria de saber era a razão do meu amigo Lynense viver na superfície do planteta, enquanto os outros viviam em cidades subterraneas. Talvez ele fosse uma espécie de «agricultor» de areia. Agora, por areia. Suspeito que a areia era de grande utilidade em Lyn, pois de vez em quando via passar nas ruas, enormes camiões carregados dela...

Finalmente podia descansar um pouco. Os Lynenses tinham tido uma boa ideia ao porem á minha disposição aquele quarto. Na enorme mala que os meus «amigos» sábios da Terra, tinham metido no meu foguetão, para me fazer companhia, descobri um gravador, que funcionava por pilhas. — pensam em tudo, os grandes cientistas — Coloquei o gravador em cima da cómoda e pu-lo imediatamente a funcionar, cheio de curiosidade de ouvir o que ele ia berrar cá para fora. E berrou um violento «rock», que com precipitação, atacou os meus ouvidos já desacostumados. Pela primeira vez achei bonita aquela melodia horrível. Abri a porta e saí a correr. Voltei acompanhado dos Lynenses que ficaram estáticos, tal a surpresa, ao ouvirem aquela barulheira musical.

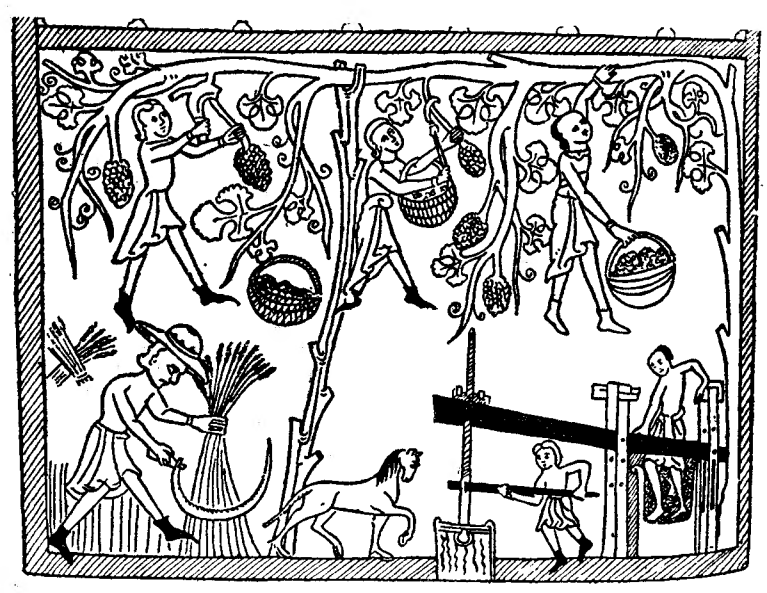
— Que tal — perguntei ao meu amigo Lynense, esquecendo-me, por completo, de que ele não percebia nada do que eu dizia. Os Lynenses começaram todos a falar ao mesmo tempo e um deles saiu, voltando daí a pouco com um gravador parecidíssimo ao meu.

— Por que raio é que em Lyn tinha de haver tudo o que havia na Terra? — perguntei a mim próprio. Infelizmente o «mim próprio» não me soube responder.

Calei o meu gravador e ouvi o deles transmitir uma musica suave e toda tilintada. Ouvi isso durante três minutos (tempo normal em Lyn de qualquer composição li-

(Continua na ultima página)

ARTE MEDIEVAL



Cena da vida camponesa, em Portugal, na Idade Média — A vindima e o lagar

AVENTURAS DO DETECTIVE PARARRAIOS

O SONHO DE BASILIO

O mistério da bengala de bambu (XII)

A lentidão de Sum Wi era apenas exterior. Mentalmente era de uma assombrosa agilidade.

O plano arquitectado pelo Japonês teve tanto de simples como de **diabólico e a rapidez com que o** executou garantiu-lhe completo êxito. Antes que o detective o denunciasse como ladrão, tomou ele a ofensiva e fez que o **feitiço se voltasse contra o feiticeiro. Mas fez mais em presença do contentamento que se vivia na ilha, motivado pela derrota de Fulgêncio Baptista, tratou de apresentar o detective como sendo partidário activo dele. Basilio Sopito, que subia penosamente as escadas, viu-se apontado pelo mesmo dedo acusador de Sum Wi.**

Nessa mesma noite, ficaram encerrados num escuro presídio. Fora tudo tão rápido e tão imprevisto, que Basílio não tivera tempo sequer de inquirir a razão de tudo aquilo.

— Estou como na história do papagaio — disse ele quando ficaram a sós. — Desta é que eu não percebi nada.

— Pois é fácil — e Pararraios suspirou. — O criminoso agiu depressa — mais depressa que nós...

—E' isso o que eu admiro neles — comentou o ajudante — a rapidez com que fazem as tropelias...

— Explica-se. E' que quem anda por mal tem o tempo contra si — e, se não age depressa, fica desarmado pelas forças do bem. E como de tudo aprende o homem a tirar lições, conclui-se daqui que a divisa das forças do bem deve ser: «mais veloz do que o mal».

Continuaram nesta prática horas a fio até que o sono, misericordiosamente, veio fechar os olhos de Basilio.

Então, como tantas vezes sucede, quando, para contrabalançar o peso da desgraça, nos deitamos a imaginar, sonhos que, á força de maravilhosos, raiam o impossivel, então Basilio sonhou...

Sonhou que uma fada o tomava nos braços.

— Vem — dizia ela. — Vem comigo. Levar-te-ei onde justiça te seja feita.

— Farto de ouvir isso estou eu. E cada passo que dou mais me enterro.

— Louco! Cada passo que damos nos liberta da injustiça.

— Falas tal qual como o meu amo Pararraios.

— Garanto que vou premiar-te. Vou-te dar um bife á cortador...

— Isso, isso!

— ... com ovos estrelados...

— Isso!

— ...e batatas fritas...

— Poucas, poucas!

Era uma fada, vestida como uma fada, mas em lugar da varinha de condão tinha a bengala de bambu. E parecia-se com o detective Pararraios... Pegou nele ao colo como se fosse uma pena enquanto lhe murmurava ao ouvido:

Vou dar-te um bife á cortador...
Reino onde os homens são felizes...
Onde não há guerras, nem medos,
Onde o homem não é lobo do homem... Onde cada homem tem direito a pão e a vinho sem ração...

— O' fadazinha, mas isso é verdade? E também temos direito aos bifes sem ração?

— Também.

— Mas já te esquecias de dizer o mais importante!

A fada levou-o para um palácio.

— Senta-te aí, meu filho — disse-lhe — Senta-te aí enquanto eu ponho a mesa...

Enquanto a fada punha a mesa, entrou um monstro que se arremessou a ele.

Sacudido brutalmente, acordou. Abriu os olhos, sem perceber onde estava. Encontrava-se num quarto amplo, cheio de sol, e em frente dele havia uma mesa repleta de iguarias, entre as quais um enorme bife.

— Mas... que vem a ser isto? — perguntou.

— Vai comendo, enquanto eu te conto — foi a resposta do detective.

Acontecera isto: logo que Basilio adormeceu, o comandante do forte visitou Pararraios. Pela conversa que com ele teve arreigou-se-lhe a convicção de que tudo afinal não passara de calunia inventada pelo Japonês.

— Procuro a *Bengala de Bambu* para livrar a Humanidade de um terrivel perigo. De facto, quem a tiver *resolverá da sorte do Mundo...*

— Sim, sim... compreendo... — murmurou o governador que não cortara ainda as barbas que deixara crescer nas montanhas. E movido pela piedade, manda soltar os dois amigos...

— Aqui tens — terminou Pararraios. Simplesmente, como te recusavas a acordar, tive eu de carregar contigo!

— Diga-me uma coisa — e Basilio, calmamente, fazia sopas no ovo estrelado. — O senhor acredita em fadas?

Pararraios ia responder quando se levantou de repelão. Apontou ao ajudante uma notícia publicada no jornal desse dia:

— Lê, Basilio, lê! Estamos na pista de Sum Wi...

(CONTINUA)

PALAVRAS CRUZADAS

Francês

	1	2	3	4	5	6
1						
2				+		
3		+				
4	+					
5		+				
6				+		

HORIZONTAIS: 1 — Membro. 2 — Gansa. Preposição. 3 — Algarismo. 4 — Ensaio. 5 — Ficar. 6 — Artigo definido. Terminação dos verbos pertencentes á primeira conjugação.

VERTICAIS: 1 — Me, migo. Pronome pessoal. 2 — Duas vogais. 3 — Missas. 4 — Oriente. 5 — Concerta. 6 — Inteiro.

Inglês

	1	2	3	4	5	6
1						+
2						
3						+
4		+		+		
5			+	+		
6				+		

HORIZONTAIS: 1 — Doce. 2 — Bilhete. 3 — Outro. As duas primeiras letras de manha, ardil. 4 — Pronome pessoal neutro. 5 — Preposição que significa sobre. 6 — Lei. Nome de um Deus egipcio.

VERTICAIS: 1—Palavra derivada de pedra, sem o y final. 2 — Inteligência, espírito. Preposição que significa para. 3 — Eco. 4 — Aumento. 5 — Terror. 6 — As três primeiras letras de inapto.

Soluções do numero anterior

Francês

HORIZONTAIS: 1 — Seguir. 2 — Etre. 3 — Corail. 4 — Peu. 5 — Cil. Os. 6 — Ae. Pre.

VERTICAIS: 1 — Sec. Ça. 2 — Utopie. 3 — Irrel. 4 — Veau. 5 — Or, Eglise.

Inglês

HORIZONTAIS: 1 — Glory. 2 — Lotion. 3 — Ant. No. 4 — Deep. 5 — Runs. 6 — If. Toe.

VERTICAIS: 1 — Gladli (esta vertical saiu errada. Em vez de satisfatóriamente *devia lá estar: seis letras de* Gladiolo. *Muitos amigos deram pelo erro). 2 — Lone. 3 — Otter. 4 — Yon. No. 6 — Noise.*

Publicamos palavras cruzadas em Francês e Inglês enviadas pelos nosso amigos portugueses, franceses e ingleses. Unica condição: cada quadrado não deve ter mais do que cinco centímetros de lado.

ESTA É VERDADEIRA

A Maria Celeste, que tem cinco anos, dirige-se á mãe com o ar mais sério deste Mundo e nos seguintes termos:

— Mãe, gostava tanto de ter um irmãozinho...

— E porquê, minha filha?

— Porque já estou aborrecida de brincar com o gato...

PUBLICIDADE...

Durante os dias frios de Inverno algumas pessoas trocam o campo pela cidade. Outras, pelo contrário trocam a cidade pelo campo... «É por estas e outras que o Mundo não se vira...», como dizia a minha avó.

Num hotel da montanha, por exemplo, existente em França, o proprietário mandou escrever um grande letreiro á guisa de publicidade que dizia: «Se preferes a solidão e a tranquilidade, se preferes estar só, escolhe o nosso hotel. Assim fazem pessoas de todas as partes do Mundo...».

O Suplemento Juvenil, do **Diário de Lisboa,** publica-se para todos os jovens portugueses.

Não apenas para ser lido por eles, mas também para ser colaborado por eles. Como podem ver neste numero, apresentamos sempre trabalhos dos nossos jovens amigos

Fazemo-lo com satisfação e — porque não dizê-lo? — com orgulho... Eles provam que a mocidade continua amando a poesia, a cultura a arte.

Ficamos, pois, aguardando a colaboração dos nossos leitores — poesias, contos, reportagens, entrevistas, curiosidades e passatempos para **Dois Minutos de Intervalo,** etc., etc.

Pedimos, no entanto, que a colaboração não ultrapasse as 700 palavras.

DIARIO DE BORDO

Amigo n.º 657—Maria Regina Fernandes (Lisboa): Muito folgamos com o teu regresso. Vamos procurar satisfazer-te o pedido, sim.

Amigo n.º 1.505 — Carlos Joaquim Mateus (Lisboa): para que os trabalhos sejam publicados, é necessário: 1.º, que o mereçam; 2.º, que esperem vez, a menos que o assunto seja de tal actualidade que não possa esperar, 3.º, que não ultrapassem 600 palavras; e... creio que chegam estas condições, não achas? Manda os que lá tens, para os podermos julgar, Quanto ao pedido, será tratado na respectiva secção.

Amigo n. 856 — Francisco Ferreira Fernandes: o teu conto chegou um pouco atrasado. Veremos, contudo, o que se pode fazer. Os outros a que te referes não chegaram cá.

Amigo n.º 1.282 — Agostinho Brito Macedo: achei a tua carta deveras engraçada; mas por entre as tuas graças, bem percebo a tua mágoa. Sem razão, afinal. Continuarás a ser Amigo, porque não? E a colaborar sempre que o queiras. Até mesmo a tua carta merecia ser publicada, vamos a ver se arranjamos um pouquinho de espaço, claro está, cortando-lhe o calão respectivo.

Amigo n.º 388 — António José Nabais (Lisboa): sim, Amigo, ainda tens a tua ficha. Mesmo que passe muito tempo sem notícias vossas, eu «sei», que voltarão sempre, mais dia menos dia, quando as saudades vos tocam á porta. E não me engano, como vês por ti. Sê pois benvindo, Amigo. O teu pedido será satisfeito na secção respectiva.

Amigo n.º 1.150 — Mário Pereira (Lisboa): obrigado pelos nomes das jovens. De facto não os tinhamos recebido. Não os publico, pela razão que verás na secção «Intercambio».

TROTE

SE QUISERES...

Se quiseres colorir fotografias ou fazer pintura com tintas de aguarela, nós aconselhamos-te

CORES «OLCAR»

Pedidos a

OLIVEIRA CARMO

Av. Rovisco Pais, 32, 3.º, Dto.
LISBOA

Concurso da semana

GENTE NOSSA

«Quero ao Rei como aos meus olhos...»
«Eu quero ao Rei como á vida...»
«Eu quero ao Rei — diz a outra — como ao sal quer a comida».

Esta ganhou finalmente.
Eu acho que com razão.
Quem diz aquilo que sente
tem direito ao galardão.

(Nem de menos nem de mais
é esta a regra primeira
que sabe, usando os cristais,
qualquer boa cozinheira).

As salinas da cidade
que á beira da Ria está
são de longa antiguidade
já os Fenícios iam lá.

Levavam o sal branco e farto
que a mulher alta ligeira
nas medidas de madeira
transportava para o barco.

A marnota não descansa
ei-la depressa, depressa,
e trabalha ela, ou dança
com a medida á cabeça?

Veneza de Portugal
chamam á cidade. Bem,
Canais de Veneza tem,
tem mais que Veneza o sal.

Para ter direito aos prémios do nosso concurso da semana, basta responder, em carta, ou postal, á seguinte pergunta:

Qual a cidade portuguesa a que pertence a gravura que hoje publicamos?

As respostas devem estar na Redacção até ao próximo sábado 28.

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO «JUVENIL» N.º 93: I — Gente Nossa: a cidade de Lisboa. II — Grandes Figuras da Humanidade: Cristóvão Colombo.

Vencedores

1. — Amigo n.º 973 — Maria Alcinda Ribeiro de Carvalho (Monchique).
2. — Amigo n.º 1.462 — António Augusto T. Fernandes (Porto).
3. — Amigo n.º 1.495 — Jorge Silva Santana (Loulé).
4. — Amigo n.º 505 — António Carvalho e Branco (Dafundo).
5. — Amigo n.º 1.286 — Carlos Alberto Cardoso (Torres Vedras).
6. — Amigo n.º 852 — João David Vieira (Coimbra).
7. — Amigo n.º 1.492 — António Manuel Simões Coutinho (Porto).
8. — Amigo n.º 81 — Maria Luísa Chaves Dias (Lisboa).
9. — Amigo n.º 1.464 — António Francisco M. de Carvalho (Lisboa).
10. — Amigo n.º 325 — Elsa Dulce Ferreira (Lisboa).
11. — Amigo n.º 657 — Maria Regina Fernandes (Lisboa).

Prémios

1 a 3: «SONETOS DE BOCAGE», da Colecção «Clássicos Portugueses» (Livraria Clássica Editora).
4. — «FOLHAS CAIDAS», do Garrett, Colecção «Clássicos Portugueses» (Livraria Clássica Editora).
. — «FREI LUIS DE SOUSA», da Colecção «Clássicos Portugueses» (Livraria Clássica Editora).
6. — «POESIAS», de António Feliciano de Castilho, Colecção «Clássicos Portugueses» (Liv. Clássica Editora).
7. — «CAMÕES E D. BRANCA», Colec. «Clássicos Portugueses» (Livraria Clássica Editora).
8.—«AS CANTIGAS DE EL-REI D. DINIS» Col. «Clássicos Portugueses».
9. — «CRÓNICA DE D. PEDRO I», de Fernão Lopes — «Clássicos Portugueses».
10. — «O ROMANCEIRO DE GARRETT» — «Clássicos Portugueses».
11. — «POESIA ULTRA-ROMANTICA» («Clássicos Portugueses»).

PRÉMIO PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE CRISTÓVÃO COLOMBO

12. — Amigo n.º 1.435 — Maria José de Brito e Cunha (Sintra).

12. — «MADAME CURIE», por Eva Curie (Livros do Brasil, Ld.ª) — «SONETOS DE BOCAGE» e «POESIAS VARIAS DE BOCAGE» «Clássicos Portugueses» — Livraria Clássica Editora.

O «Diário de Lisboa Juvenil» publica-se para [illegible] sábados

ANIMAIS ESSES DESCONHECIDOS

UM CIRCO EM PLENO OCEANO

por MARIA HELENA DA COSTA DIAS

O «Diário de Lisboa Juvenil» publica-se para ti aos sábados!

Nas zonas nórdicas da Grã-Bretanha, Sul da Noruega, Sudoeste da Suécia, empoleirados nos altos rochedos escarpados que dão para o Atlantico, vivem aves tão curiosas que dir-se-ia tratar-se de verdadeiros «clowns». São os Macarenox Gigantes, senhores de hábitos curiosos e um tipo físico estranho. Na época nupcial, e com um aparato que visa bem o instinto de agradar á fêmea, têm as costas e a garganta negras; o alto da cabeça, cinzento-escuro; branca, nos dois lados da cabeça. O bico é cinzento azulado, por cima, vermelho na ponta e amarelo nas comissuras. A iris cinzenta acastanhada, sobressai, brilhante de um anel orbital vermelho vivo, como as patas. Em volta dos olhos, distinguem-se, nitidamente placas córneas. No Inverno, o macho já perdeu as veleidades de D. Juan, mantém a mesma plumagem, mas o azul orbital transformou-se, agora, em amarelo; o bico é menos largo e de uma cor unica — cinzento, com a ponta amarela; desta cor, as patas curtas, que lhe dão o andar bamboleante de pesada barcaça em ondas amainadas... Com efeito, a água é o seu mundo; nadam com rapidez e mergulham na perfeição. Quando o Inverno bate á porta daquelas regiões rochosas, temendo o frio, emigram em bandos compactos atravessam o mar, pescam nele, de sociedade, pequenos peixes que repartem. Passam a estação invernosa nas regiões amenas do Sul da França, da Espanha, dos Açores e até mesmo, se o ano é frio, vão até África.

Mal a Primavera desponta nas flores campestres e na brisa suave, de novo empreendem viagem até ás falésias escarpadas onde fazem os ninhos. Aquele silêncio imenso é agora cortado de sons roucos arrr... arrr... arrr — o unico que emitem. A maior parte do tempo passam-no eles em verdadeiro silêncio monacal, tranquilamente namorando, incubando, tratando dos filhotes.

Quando chegam a terra firme, depois daquela longa viagem sobre o mar, trazem já as vestes garridas do noivado. Em terra, o macho aproxima-se da fêmea, a passos vagarosos e bamboleantes; seguram-se pelo bico, sacodem vigorosamente as cabeças, peito com peito; a fêmea abre então o bico, mostrando o interior amarelo — o sim foi pronunciado.

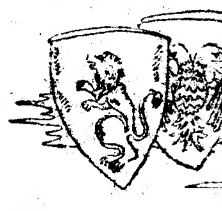
Certos machos, talvez mais tímidos, não sentem a terra firme debaixo dos pés, e é na água que fazem a corte á noiva. Circula então á volta dela, agitando vigorosamente o bico enorme e cómico, dir-se-ia que lhe dedica uma serenata silenciosa.

Qualquer destas manifestações amorosas, quando correspondidas, são, quase sempre, acompanhadas de um simulacro de construção do ninho.

Mas o verdadeiro ninho não o fazem elas nos rochedos pedregosos; buscam a terra friável, ás vezes as tocas dos coelhos bravos, profundas de mais de dois metros e cuja abertura atinge, apenas, vinte centímetros de diametro. A galeria acaba numa clareira circular que, amorosamente, enfeitam e afofam com penas e gravetos e plantas. Aí, a fêmea põe um ovo ou, quando muito dois, com 60 milímetros por 42. O casal dedica-se, alternadamente á incubação que dura 40 a 42 dias. Os filhotes penugentos e feios são alimentados pelos pais, a princípio com uma pasta de peixe deglutido e regurgitado, mais tarde de pequenos peixes inteiros que transportam nos bicos estranhos em grupos de 12 a 15. E, coisa curiosa, transportam-nos, sempre, de cabeça dentro do bico e cauda para fora — e nunca se obteve a explicação de como conseguem apanhar uma presa sem largar as que já transportam, mantendo-as, sempre, na mesma posição!

No fim de 40 dias os pais pensam, com certeza cheios de razão, que os filhos estão criados e podem ganhar a vida com o próprio esforço. Abandonam-nos nos ninhos. Claro que nem sempre a fome é má conselheira, e alguns dias de jejum são suficientes para os fazer sair do ninho, pela noitinha — que o seguro morreu de velho, e nestas regiões inóspitas o animal depressa aprende que a luta pela vida é difícil e incerta. Procura a água e compreende que sabe nadar, voar, alimentar-se. Está emancipado!

Não quer isto dizer que muitos não acabem na goela de qualquer assassino, que por toda a parte há quem goste de carne tenra, mas muitos seguem os adultos quando o Outono lhes traz a primeira aragem fria. E partem em bandos compactos que já foram calculados em milhares, milhares de pássaros exóticos que parecem levar, por sobre o Oceano, um curioso circo ambu-



Os Cavaleiros da Tavola Redonda

VII — A espada [illegible] Excalibur

POR essa altura jazia o leal cavaleiro Oncelaco, irmão de Damasco, perigosamente ferido. Todo um santo dia, do nascer ao pôr do Sol, ajudado por seus fiéis vassalos e por dez cavaleiros da Távola Redonda ele fizera frente a Reboão, rei dos salteadores da Floresta Fria.

Eram os salteadores em muito maior numero e mais bem armados e sabiam todas as manhas possíveis e imaginárias; mas não combatiam por uma causa justa e foi a certeza de combater por uma causa justa — a paz de todo o seu povo — que deu forças sobre-humanas ao cavaleiro Oncelaco e seus amigos. Os camponeses, cujos lares e sossego eles defendiam, vieram auxiliá-los e, escondidos atrás de montes de estevas, daí desferiam suas certeiras frechadas.

Ia a batalha valentemente vivida quando Oncelaco sentiu que uma dor horrorosa o trespassava. Tudo á frente dos seus olhos se transformou numa mancha violeta, alumiada por estrelas brancas, esverdeadas, amarelas.

— Santo Deus! — murmurou o cavaleiro, enquanto cerrava os olhos — Ah! se a morte vem sem eu poder valer até ao fim aos meus amigos!

Fez um violento esforço que o alagou em suores, mas dominou o sofrimento. Apertou então com quanta força tinha a sua espada, fiel companheira de tantas lutas em prol da justiça, e esporeou o cavalo. Tudo isto se passou num instante e nem amigos, nem inimigos deram pelo seu desfalecimento. Cerrando os dentes, com bravura combateu horas a fio, até que, pelo sol posto, o pouco que restava dos inimigos desapareceu num sopro de pé. Nessa altura o bom cavaleiro fechou os olhos sobre duas pesadas lágrimas que rolaram por sua faces tisnadas; quis agarrar-se á sela; mas as forças abandonaram-no, caiu sobre o pescoço do corcel e teria rolado para o chão se um companheiro lhe não acudisse, prestes.

Ali estava ele, pois, no seu castelo, gravemente enfermo, quando lhe chegou um arauto de Damasco, seu infiel irmão, para lhe anunciar que aparecera finalmente um cavaleiro que se aprestava para o defrontar em seu nome.

— Agora! — protestou Oncelaco — Agora que me encontro agrilhoado a este leito! Não basta que me tenhas roubado e traído, ó irmão desleal, e que te tenhas recusado a medir-te comigo! E' agora que não posso aceitar o combate, que tu me desafias?

— Deixai, senhor — lhe disse um cavaleiro — não faltará quem queira tomar vosso honroso lugar.

— Eu! — ofereceu-se logo o gigantesco Acolão da Gália, que Morgana, a feiticeira inimiga de Artur, para ali trouxera com o fim de o opor ao jovem rei de Inglaterra. Acolão era um cavaleiro sem medo e sem mácula e nunca fora vencido em torneio algum. — Eu! — tornou a dizer Acolão — e tende como certa a minha vitória, pois a fada Morgana me mandou a espada Excalibur e esta capa, que pertencem ao meu grande amigo, o Rei Artur, flor da Cavalaria, e que ele me emprestou ao saber, sem duvida, quão nobre é a minha causa. Não há no Mundo melhor espada e quem trouxer esta capa jamais sofrerá uma ferida.

Desta maneira se emprazou o combate para o dia seguinte, ás nove horas da manhã.

Quando Artur se aprestava, surgiu ante si uma donzela, que lhe disse numa bela voz cantante:

— Vede, meu senhor, como Morgana, vossa fiel irmã de leite, vos quer bem! — e estendia-lhe uma espada e um manto.

Artur sorriu. Era a sua boa Excalibur e o seu manto encantado. Como agradecer a Morgana? Pegando numa rosa, ofereceu-a á donzela e murmurou:

— Dizei a quem vos aqui mandou que de todo o coração lhe agradeço o seu amor e que a vitória que hoje colher lha deporei aos pés, com todo o afecto.

Mas o leal rei não podia saber que

por **TROTE**

o manto e a espada eram apenas traidoras imitações, pois quem trazia os verdadeiros originais era Acolão.

Soaram as trombetas á hora marcada. O arauto de armas bradou as condições do combate, que só terminaria quando um dos contendores deixasse de viver. Lembrou, em seguida, que as armas do cavaleiro em luta eram a lealdade e que todas as traições seriam castigadas com a morte.

De novo soaram as trombetas. Os cavaleiros partiram para os seus lugares — cada um num dos extremos da liça. Pesou no campo um silêncio de pedra. Centenas de olhos se fixaram nos dois adversários, que ninguém conseguira identificar, escondidos como estavam sob as pesadas armaduras. A de Acolão era branca de neve; a de Artur era negra como as asas dos corvos.

As trombetas mais uma vez rasgaram dramáticamente o silêncio. Era o sinal de começo da luta. Esporeados, os cavalos arrepiaram-se e, passado o pavor inicial, partiram um contra o outro como setas. O choque foi tremendo e corcéis e cavaleiros rolaram no pó. Mas logo estes se refizeram e puxando das espadas, valentemente se defrontaram. Artur estremeceu. Os golpes que dava não faziam qualquer mossa, enquanto que cada estocada do adversário lhe causava cruéis feridas. Erguendo a espada com quanta alma tinha, desabou-a sobre o opositor. E de novo Artur estremeceu. Quê? A sua fiel Excalibur partida pelos copos?

— Traição! — murmurou entre dentes e feriu com desespero o adversário mesmo com o pobre coto da espada. O golpe foi tão forte que Acolão deixou resvalar Excalibur. Logo o jovem rei, rápido como um raio, se apoderou dela e arrancando ao adversário o manto, que também reconhecera como seu, atirou-o para trás de si.

— Ah! — bradou Acolão, lealmente — estou em vossas mãos e a elas mereço morrer pois sois tão bom cavaleiro como o meu querido Amigo, Artur de Inglaterra.

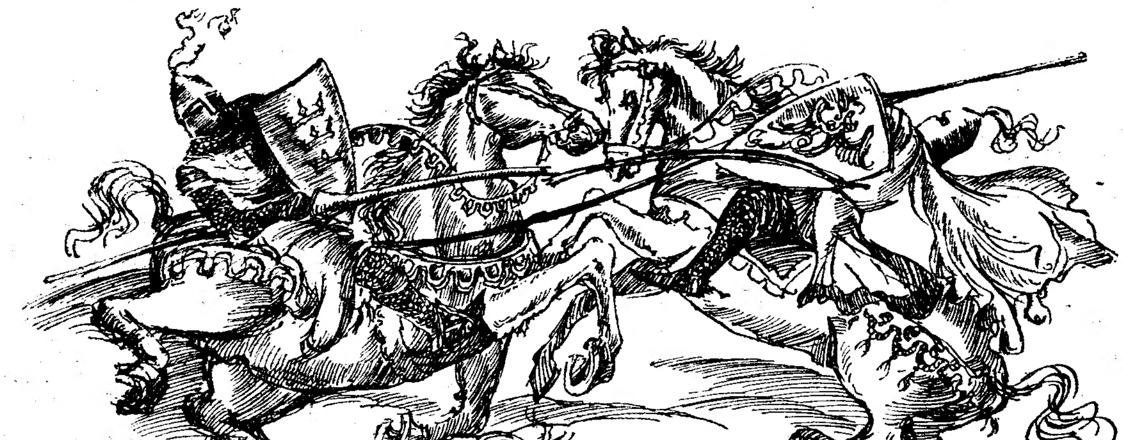
— Artur, dizeis vós? Artur sou eu — revelou o jovem, erguendo a viseira.

Por toda a parte se ouviu um brado de espanto. Os cavaleiros que assistiam ao combate cairam de joelhos. E nenhuma boca se não condoeu que não implorasse piedade para o vencido.

Também de joelhos e com os olhos rasos de água, Acolão, levantando a viseira, perguntou, arrebatado:

— Ah, meu senhor, quem nos traiu a nós dois que assim nos pôs um contra o outro? Bem morrerei de dor por vos ter ofendido. Acabai comigo, senhor, que este é o mais triste dia de minha vida.

Mas Artur já sabia muito bem que só Morgana e Damasco eram culpados e estendendo os braços para o companheiro, puxou-o a si, e beijou-o nas duas faces, tal qual se fazia naqueles tempos.



(No próximo número: «O DESAFIO DO CAVALEIRO VERDE»)

CULTURA ARTÍSTICA

Muitos dos nossos leitores se queixam da falta de livros sobre Arte publicados em língua portuguesa. E' verdade. Por isso mesmo temos hoje o prazer de anunciar o aparecimento do segundo volume da discutida obra de André Malraux — «AS VOZES DO SILÊNCIO», na Colecção «VIDA E CULTURA», editada por Livros do Brasil, Lda.

O primeiro volume englobava o «Museu Imaginário» e «As Metamorfoses de Apolo»; o segundo e ultimo publica «A Criação Artística» e «O Preço do Absoluto».

Eis uma excelente oportunidade para os nossos leitores mais velhos se familiarizarem na discussão de assuntos de Arte. Qualquer dos volumes tem bastantes gravuras que auxiliam a seguir as hipóteses do texto e a acompanhar as ideias do autor.

UM POVO ESTRANHO

O Amazonas é um dos mais extraordinários locais da Terra! A sua completa rede hidrográfica forma uma vastíssima região a que se dá o nome de Amazónia. Em grande parte ainda por explorar, no meio das suas florestas virgens vivem alguns dos povos mais primitivos do Globo. Tal é o caso dos estranhos «caçadores de cabeças do Arizona».

F. W. Up de Graff dá-nos no seu livro «Os Caçadores de Cabeças do Amazonas» uma emocionante narrativa destes povos de selvagens. Eis uma obra onde a mais escrupulosa veracidade toma, para o leitor, o verdadeiro aspecto de uma narrativa de aventuras.

Claro que é uma obra que interessa vivamente os jovens e que os instrui. Ao assinalarmos o seu aparecimento, recomendamo-lo aos nossos leitores maiores de 15 anos.

A esta mesma colecção «Viagens — Aventuras — Epopeias», editada pela Livraria Clássica Editora, pertencem os dois livros seguintes, a que na devida altura nos referiremos:

«O Patrão de Girl Pat», por Dod Osborne.

«Rumo ao Perigo», por F. A. Mitchel-Edges.

Uma história para Amélia

Na semana passada foi Carnaval.
Eu não gosto do Carnaval.
Não gosto de máscaras...

Bem, mas não há só máscaras. Há bailaricos, há convivência, há «détente»...

Isso é outro falar. Mas também para isso não é indispensável o Entrudo!

De qualquer modo, na segunda-feira, dia 9, houve um assalto na casa da tia. á tarde. Eu fui lá. Estavam o Carlos, o Pedro, a Maria Clarinda, a Maria de Lurdes...

Mas agora vou dizer quem foi a primeira estrela da festa: foi o «pic-up», comprado dias antes. Novinho em folha, automático. Pusessem-lhe no lombo uma carga de 10 discos e do resto encarregava-se ele. Até me consta que se trata de um «pick-up» especial que diz Fernando Pessoa e Beethoven, vejam só!

Ah, mas esquecia-me de dizer quem lá estava mais. A Maria Amélia, aquela que mal me vê diz logo:

—Conta uma história...

E tem de ser, uma história. As crianças não podem viver sem histórias. Na realidade, as crianças é que alimentam o fogo sagrado da literatura. Os adultos devem-lhes mais isso e não entendem, não agradecem...

Mas se há dias em que não estamos cá, a segunda-feira vinha a ser um deles. Por mais que batam á porta, não respondemos. Inertes como a sílica. Como se em vez de olhos usássemos dois berlindes de chumbo...

—Eu queria que me desculpasses... — gaguejo — Mas sabes, não sei nenhuma...

—Sabes. «Tu» sabes...

Dou um giro por longe, uma série de voltas. Pombo que procura orientar-se em direcção ao ninho... Nada! Acabo sempre por bater contra a parede implacável.

—Ouve Amélia, agora não descubro nada. Mas amanhã, antes de ser madrugada, vou ter contigo para te contar...

—A essa hora não há autocarros...

—E eu a ralar-me! Falo com a andorinha que faz ninho no meu beiral e peço-lhe que me leve lá. Digo ao vento que junte todas as estrelas do céu, e ele cose-as muito bem cosidinhas e faz-me um casaco por causa do frio...

E por aqui adiante. Que depois lhe poisava no quintal, que batia devagarinho nos vidros da janela...

—O pior — e a Amélia num bocejo abre a boca redonda como a Lua cheia — o pior é que nessa altura estou eu a dormir...

—Não tem mal. Acordo-te...

Franze a testa. Discorda. Histórias, histórias, sono á parte. Nada de brincadeiras. A menina debate-se no dilema. Conciliar as duas coisas, mas como? E triunfante:

—A «tua» andorinha pode descer onde tu quiseres?

—Claro.

—Então diz-lhe que desça dentro do meu sonho...

Combinado, Amélia. Dentro do teu sonho. Há lá impossíveis para as andorinhas...

PALAVRAS LEVA-AS O VENTO

Durante as longas viagens que fizeram por todos os cantos do Mundo os Portugueses semearam a sua língua e recolheram vocábulos para enriquecê-la. Foi através da nossa língua que o mundo ocidental teve conhecimento de novos produtos, novos hábitos, novas maneiras de ser.

Sobre algumas dessas palavras não se fez até agora suficiente luz. Por exemplo, a palavra *mandarim*, que os Portugueses trouxeram das suas viagens ao Oriente.

Uns, como Gonçalves Viana, dizem que ela deriva do indostânico *mantu*. Alguns dicionários apontam-na como vinda do malaio *mantari*. Outros dão-lhe como berço provável o sânscrito.

O dr. Cunha Gonçalves, porém,

afirma que a palavra deriva pura e simplesmente do nosso termo *mandar*. Mandarim era aquele que mandava nas terras chinesas, era, digamos assim, o *mandão*.

É possível, opina Vasco Botelho do Amaral, que os Portugueses, relacionando *mantu* com *mandar*, e atendendo ás funções do mandão, o crismassem de Mandarim, nome mais suave, mais á chinesa.

Torna-se muito difícil, nestes casos, fazer algo mais do que conjecturar. Há dias aconteceu um facto que está na origem do tema de hoje.

A procura de casa levou-me a dirigir-me á zona ocidental de Lisboa. Andavam a fazer prédios, como em todo o lado, e também caros como em todo o lado.

Dirigi-me a um operário que juntava brita e cimento no misturador e perguntei-lhe se ele sabia para quanto eram aqueles andares. Ele parou um instante o seu labor coçou a cabeça por debaixo do boné e respondeu:

— Não sei, não. Só sei que é para mais de um conto.

— Quem me pode informar?

— É passar mais logo, o *mandarim* agora não está cá...

Fiquei a pensar na palavra e mais ainda agora que sei as diversas fontes que lhe atribuem. Ora o operário não sabia ler; não conhecia o indostânico, o malaio, o sânscrito. Nunca saíra da sua terra senão para vir trabalhar em Lisboa «quando as coisas se puseram feias». Não conhece a Indochina, nem a China, não pode relacionar, portanto, o nome que empregou com o «funcionário superior» que os Portugueses encontraram lá. Mas conhecia o verbo *mandar* e daí até *mandarim* (em lugar de *mandão*, para esclarecer), foi só um passo.

* * *

Não há ninguém que não dê aos livros, ás revistas, aos jornais «tratos de polé». Não há ninguém que não dê «tratos de polé» á memória para se recordar disto ou daquilo. E todos os brinquedos, nas mãos das crianças, «sofrem tratos de polé».

Esta expressão entrou assim na nossa vida corrente, sem que muitos de nós saibam o que ela significa.

A *polé* era uma roldana de que os tribunais da inquisição se serviam para infligir «tratos», isto é, suplícios, tormentos, aos que se mostravam menos inclinados a confessar aquilo que deles se pretendia, eram aplicados «tratos de polé» empregando a tal roldana. Esse castigo era tão violento que o povo o guardou na recordação para exprimir uma situação em que maltratamos alguém ou alguma coisa.

NATÁLIA DA FONSECA

NOTAS DE LEITURA

Na verdade, o gosto da Juventude por assuntos científicos, tem sido muito descurado. Não quero, com isto dizer que todos, á uma, se lancem á ciência, em desproveito de todos os outros campos de actividade intelectual; mas seria bom que a ignorancia, em matéria científica, desta que podemos dizer de «trazer por casa» — fosse um pouco menos densa. Todo o jovem que vai para Letras, ou para Direito, ou para Ciências Económicas, já nem sabe, no fim de poucos anos, a mínima coisa sobre elementaríssimos conhecimentos científicos. Longe de mim a ideia de propor que todos, além dos livros que devem consultar, para o seu estudo próprio, folheiem calhamaços das variadas ciências de que fugiram, muitas vezes assustados delas por lições sem o mínimo interesse geral, nos tempos do liceu. Qual o jovem, que enquanto deu a Botânica, foi levado a observar as maravilhas do mundo vegetal? Qual aprendeu, enquanto decorou ossos e ossinhos de todos os bicharocos mais correntes, a descobrir a imensidade de ensinamentos da existência animal? Não; as flores e os frutos, toda a classe soológica, conserva-se pelo Mundo fora, eternamente desconhecida...

Hoje, as escolas modernas, procuram iniciar as crianças mais pequenas nas «lições de coisas», o que quer dizer, nos mistérios da natureza, o milagre da frutificação, as surpresas dos animais, o retorno das estações, sem nada de místico, mas de verdade, verdade comezinha que os cérebros em botão entendam.

Mas hoje não venho falar-lhes de flores ou de histórias de animais— que muito haveria que dizer — mas de um livro maravilhoso: «UM POVO MIUDO», a que Eduardo Sousa de Almeida deu foros de Gigante. E, com efeito, que exemplo maravilhoso de trabalho, de organização, de carinho até! Se tirarem a Mãe, por momentos, da colmeia, nem imaginam o que se passa. O trabalho é suspenso e surge uma actividade febril, uma desorientação terrível, uma busca pressurosa, uma angustia bem visível... E se ela volta, que alegria, com que carinho a rodeiam, a acariciam com as antenas, lhe limpam o corpo das sujidades, com que amor lhe trazem a primeira «papa»! E ela em paga de tantos carinhos e tanta dedicação, volta á sua magna tarefa: cuidadosamente, em cada hexágono traçado com mão de mestre geómetra, ela põe um ovo. E se, por acaso, ela encontra um ninho menos perfeito, ela sabe com um milenário instinto, que ali nascerá um zangão para perpetuar a espécie, nada mais. Milhares de ovos, para assegurar a vida da «sociedade». Milhares de insectos a ajudarem, inconscientemente, o homem.

Mas que posso dizer mais e melhor que Sousa de Almeida? Ele explica todos os fenómenos que se passam naquele pequeno mundo, a organização social infalível que faz de um cortiço uma nação eficientemente governada, onde tudo se faz a tempo e horas, sem atropelos nem dores de cabeça. Tudo ali é executado com uma certeza que nos deixa atónitos e maravilhados. Leiam e digam-me depois do vosso encantamento.

MARIA HELENA DA COSTA DIAS

Noticiário

Terminaram os prazos para a entrega dos trabalhos respeitantes aos concursos organizados pelo nosso jornal, de colaboração com a Portugália Editora:

1 — Concurso «QUAL É COISA QUAL É ELA»

que constava da coloração das ilustrações do livro com este nome.

2 — Concurso «AUGUSTO GIL» que exigia a entrega de um trabalho sobre o poeta de «Luar de Janeiro», «O canto da cigarra», etc.

No dia 28 do corrente daremos os resultados de um e de outro concurso.

E agora que todos os Amigos prestem a máxima atenção ao nosso concurso anual

«PORTUGAL E A JUVENTUDE»

Já por várias vezes publicámos as condições que regulam este concurso, mas hoje repeti-las-emos.

Trata-se de apresentar um trabalho sobre o nosso País: a paisagem ou os monumentos, ou o modo de viver do nosso povo, as suas festas, as suas canções, a vida da juventude camponesa, ou ainda lendas da nossa terra, etc.

Tal como sucedeu o ano passado, dá-se inteira liberdade criadora aos concorrentes, não se limitando o tamanho dos trabalhos.

Haverá as seguintes categorias:

1.ª — Jovens até aos 12 anos.
2.ª — Jovens entre os 13 e os 15 anos.
3.ª — Jovens entre os 16 e os 20 anos.

Haverá prémios literários e prémios para as ilustrações que acompanharem os textos (fotos, desenhos ou pinturas).

O prazo de entrega termina no fim do mês de Fevereiro. Os prémios serão entregues nas férias da Páscoa.

Inter-Âmbi...

Temos verificado que o processo por nós adoptado, até agora, não é dos mais acertados. Publicar os nomes de jovens portuguesas ou estrangeiras (principalmente destas) provoca um movimento de correspondência desordenado que as sufoca. E nem chegam ás vezes a responder, tal é a perplexidade. Para evitar esta avalanche desordenada, vamos organizar um ficheiro de correspondentes, tomando nota dos pedidos de cada um dos nossos Amigos. Conforme os pedidos nos vão chegando de fora, vamos enviando a cada um uma morada que possa interessar-lhe. Assim poderemos distribuir os correspondentes segundo as idades e interesses, o que nos parece preferível, não acham? Hoje recebemos os seguintes pedidos:

Amigo n.º 338—António José Nabais — Tomei nota. Vou mandar-te, particularmente, a morada desejada.

Amigo n.º 1 520—Jorge Rodrigues Tomei nota. Tem de ser mesmo inglesa, ou poderá falar inglês, embora seja de outra nacionalidade?

Amigo n.º 1.389 — Fanny de Melo e Castro — Registamos o teu pedido que vai ser imediatamente satisfeito. Receberás a resposta, particularmente.

Amigo n.º 1.505—Carlos Joaquim Simões Coutinho — Sim, podemos arranjar-te a correspondente que pedes. A morada lá irá ter a tua casa.

Amigo n.º 1.492—António Manuel Coutinho — Sim, podemos arranjar a correspondente que desejas. Espera a morada.

Amigo n.º 657—Maria Regina Fernandes: E' natural que não tenhas recebido resposta. As respostas foram imensas e a rapariga assustou-se. Recebemos uma carta de um seu professor contando o caso e oferecendo-se para arranjar correspondentes na escola onde lecciona. Por isso é possível arranjar o correspondente que desejas com as qualidades que desejas, pois trata-se, também, de estudantes. Mandar-te-emos a morada, o mais depressa possível. Não descures, também, pelo facto de escreveres para o Japão, a correspondência com o Juvenil, que tanto gosta de receber as vossas notícias.

TROTE

Ami...

Não se esqueçam que termina no fim de Fevereiro o prazo para a entrega dos trabalhos do Concurso «PORTUGAL E A JUVENTUDE».

O voluntário do espaço

(Continuação da 1.ª página)

geira). Então o meu amigo Lynense. deu-me a perceber que eles estavam interessadíssimos em gravar umas «melodias» da Terra. Cheguei á conclusão, depois de ter despejado musicalmente as minhas três fitas, para as fitas deles, de que só tinha levado gravações de «rocks».

Uns dias depois, fiquei a saber, pelo meu amigo Lynense, que eu iria ganhar muito dinheiro com aquelas musicas. Claro, que eu como sou uma pessoa séria, tentei fazê-los compreender que aquelas «musicas» (sem ofensa), não eram da minha autoria... mas, os Lynenses não falavam português... e, claro, que eu não ia deitar fora o dinheiro. Fiz um bom negócio, com a venda dos discos de «rock». Pena era que aquele dinheiro, na Terra, não valesse nada... Nessa altura é que eu vi o estado de atraso em que se encontravam as casas de cambio no nosso planeta. Nem sequer têm dinheiro de Lyn...

Um dia deu-me na cabeça começar a cantar um «lindo» «rock» que eu tinha aprendido na América. O meu amigo Lynense ficou embasbacado e pediu-me que o cantasse outra vez. Fiz-lhe a vontade e ele acompanhou-me violentamente na madeira da cómoda do meu quarto... Foi assim que eu comecei a ganhar muito dinheiro, como cantor de «rocks», acompanhado freneticamente por uma espécie de guitarra eléctrica, tocada pelo meu amigo Lynense. A minha fotografia e uns rabiscos, que deviam ser qualquer nome que os Lynenses me deram, começaram a aparecer, quase diáriamente nos jornais lá do sítio.

A minha voz de garrafão que nunca ninguém tinha gostado de ouvir cantar na Terra, em Lyn, estava a valer uma fortuna. Talvez a viagem através do espaço tivesse feito bem á minha garganta... Quem sabe...

AGOSTINHO MACEDO
19 anos (amigo 1.282).